UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo

Marcel Gauchet
As religiões não são mais determinantes para a vida coletiva

Michel Cuypers
As similaridades entre Corão e Bíblia

Claude Geffré
O diálogo inter-religioso e a consciência humana universal

E mais:

>> **Andrea Fumagalli:**
"Os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo"

>> **Michael Löwy:**
O retorno do religioso

302
Ano IX
03.08.2009
ISSN 1981-8469

flash.indd 1 3/8/2009 17:17:21

Editorial

As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo

"Não há paz entre as nações sem paz entre as religiões; não há paz entre as religiões sem diálogo entre as religiões; não há diálogo entre as religiões sem padrões éticos globais; não há chance de sobrevivência para nosso planeta sem uma ética global, uma ética mundial, apoiada por pessoas religiosas e não-religiosas", propõe o Projeto de Ética Mundial, liderado pelo teólogo **Hans Küng**.

Numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e do escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial, que funciona junto ao IHU, inicia nesta semana o **Programa Religiões no Mundo**. Uma série de sete documentários organizada e apresentada por Küng, gravada nas grandes capitais religiosas do mundo, o programa contempla as três maiores correntes religiosas presentes no planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). A partir dos vídeos, foi desenvolvida uma exposição de 15 banners sobre a temática, de forma sintética e didática, com conteúdos de outras duas tradições religiosas: as religiões indígenas e as religiões de matriz africana. Os programas serão exibidos e debatidos em sessões no IHU e no Centro de Cultura Mário Quintana – CCMQ -, em Porto Alegre. Após as sessões haverá um evento gastronômico com comidas típicas de cada uma das sete culturas religiosas. A TV Unisinos igualmente exibirá os documentários.

Esta edição da revista **IHU On-Line**, elaborada em parceria com a Fundação Ética Mundial e por ela patrocinada, pretende contribuir num melhor conhecimento das três religiões monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo.

Contribuem neste número **Carlos Frederico Barboza de Souza**, doutor em Ciências da Religião, **Michel Cuypers**, pesquisador do Instituto Dominicano para os Estudos Orientais, no Cairo, **Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto**, docente da Universidade Federal Fluminense (UFF), **Ruben Najmanovich**, rabino da Sinagoga da União Israelita de Porto Alegre, **Guershon Kwasniewski**, membro da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA), **Pedro Rubens**, reitor e professor da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), **Karl-Josef Kuschel**, teólogo alemão, professor na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen e vice-presidente da Stiftung Weltethos (Fundação Ética Mundial), e **Joe Marçal**, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e coordenador de atividades da Secretaria Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação.

Participam ainda com reflexões pontuais o teólogo francês **Claude Geffré**, membro do Comitê Científico da revista internacional de Teologia *Concilium*, o filósofo francês **Marcel Gauchet**, diretor de estudos na École des Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS) e redator-chefe da revista *Le Débat*, e **Michael Löwy**, cientista social e docente na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, da Universidade de Paris.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da ***Revista IHU On-Line***: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Mardilê F. Fabre. Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling e Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br). IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 – ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

flash.indd 2 3/8/2009 17:17:22

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | **Editorial**

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Michel Cuypers: Corão e Bíblia: similaridades?

PÁGINA 09 | Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto: O Islã: representações de uma Religião Universal

PÁGINA 12 | Carlos Frederico Barboza de Souza: Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio

PÁGINA 19 | Guershon Kwasniewski: Chegamos ao topo da babel. É preciso retornar

PÁGINA 21 | Ruben Najmanovich: Deus faz parte do desenvolvimento humano

PÁGINA 23 | Pedro Rubens: "O papel social da religião mudou"

PÁGINA 27 | Claude Geffré: O diálogo inter-religioso e a consciência humana universal

PÁGINA 30 | Karl-Josef Kuschel: O papel contemporâneo da religião

PÁGINA 32 | Joe Marçal: Diálogo inter-religioso: uma questão de saúde pública e planetária

PÁGINA 35 | Marcel Gauchet: As religiões não são mais determinantes para a vida coletiva

PÁGINA 37 | Michael Löwy: O retorno do religioso

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 41 | Andrea Fumagalli: "Os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo"

» Brasil em Foco

PÁGINA 44 | Lúcio Esteves: "Não são as pessoas que trazem benefícios para a instituição, mas as ideias"

» Destaques On-Line

PÁGINA 48 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 50| Felipe Ruiz

flash.indd 3 3/8/2009 17:17:22

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

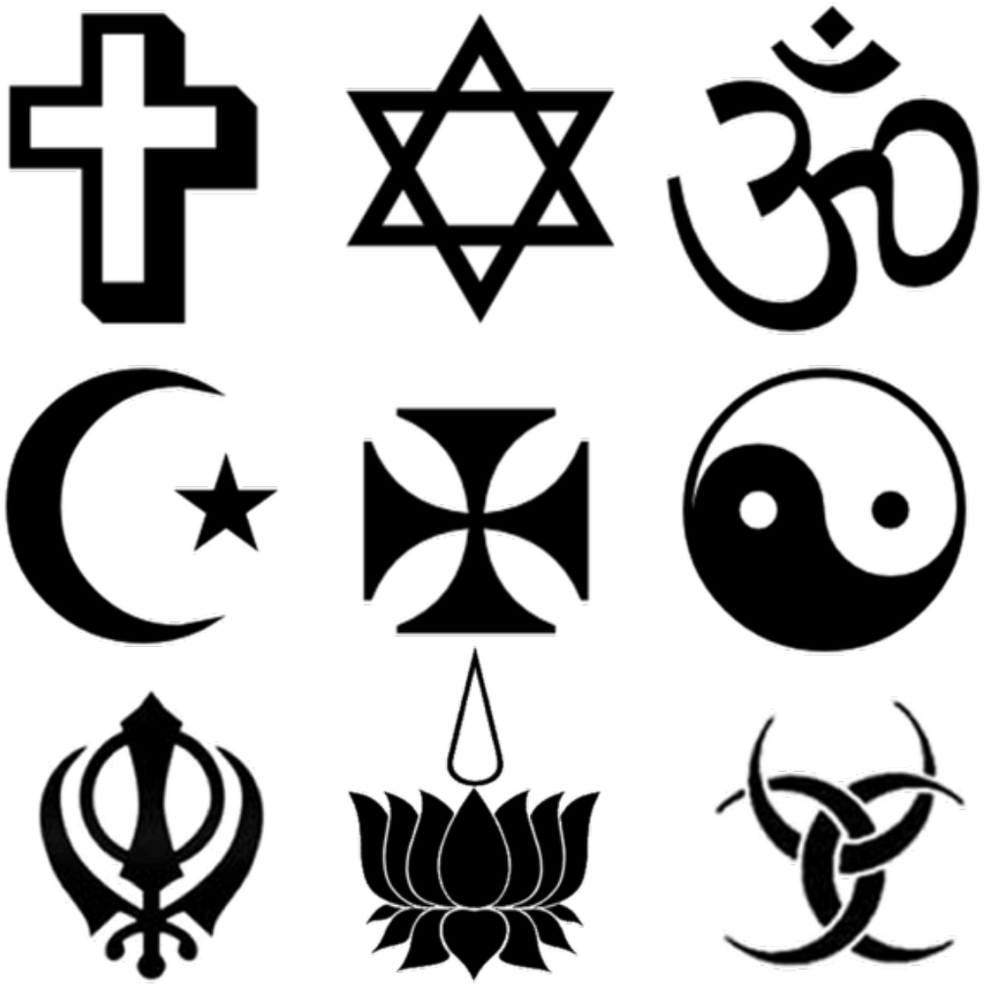
Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**

A.

Tema de Capa

flash.indd 4 3/8/2009 17:17:24

Religiões do Mundo



De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

flash.indd 5 3/8/2009 17:17:25

Corão e Bíblia: similaridades?

Segundo Michel Cuypers, devido à importância conferida à lei divina, o Islã está mais próximo do Judaísmo do que do Cristianismo

Por Márcia Junges, Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin | Tradução Benno Dischinger

"Por seu teocentrismo muito acentuado, o Corão não parece espontaneamente apto para fazer frente a um mundo secularizado", analisa Michel Cuypers, autor de *Le Festin. Une lecture de la sourate al-Mâ'ida* (Paris: Lethielleux, 2007). Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele informa que o Islã atravessa a crise mais profunda de toda a sua história, a qual gera posições diferentes entre a comunidade muçulmana. Para uns, explica, "o mundo deve mudar e adaptar-se às leis divinas do Islã", para outros, continua, "é preciso repensar radicalmente o Islã para reconciliá-lo com o mundo atual".

Ainda nesta entrevista, Cuypers aborda aspectos da composição do texto do Corão e diz que "as regras de composição das suras corânicas são as mesmas que se encontram nos textos bíblicos". Segundo ele, o Corão e a Bíblia pertencem ao mesmo mundo literário, "não somente em sua forma retórica, mas também em razão de temáticas similares". Os livros sagrados são textos antigos, escritos num contexto diferente do nosso, em função disso, aconselha, "é preciso necessariamente distinguir nesses textos o que diz respeito à sua época e ao seu meio, e o que tem um valor permanente, que ainda pode inspirar o homem de hoje".

Michel Cuypers é belga e residiu no Irã por doze anos. Cursou doutorado em Literatura Persa, na Universidade de Teerã. Também estudou árabe na Síria e mudou-se para o Cairo, onde reside atualmente e atua como pesquisador do Instituto Dominicano para os Estudos Orientais. É membro da International Society for the Studies of Biblical and Semitc Rhetoric, da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais teorias e as novas maneiras de abordar o Corão que o senhor propõe na obra *Le Festin. Une lecture de la sourate al-Mâ'ida*?

Michel Cuypers - Como muitos leitores não muçulmanos que lêem pela primeira vez o Corão[1], fui, há muito tempo, tocado pela aparente ausência de ordem e de coerência do texto corânico, que parece feito de pequenos fragmentos postos em sequência sem nenhuma lógica aparente. Perguntava-me: "É possível que um texto sagrado, circundado por tal veneração há quatorze séculos por milhões de muçulmanos, tenha sido tão mal composto?" Quis então estudar o Corão do ponto de vista de sua composição. Era uma espécie de desafio. Os pesquisadores ocidentais que estudaram o Corão a partir do século XIX, admitiram todos como evidência o caráter composto do texto do Corão, e eles só o abordaram sob o enfoque da crítica histórica, com o cuidado de compreender a gênese e a história do texto corânico, classificando os fragmentos que o compõem numa ordem mais lógica e cronológica. Seu acesso ao texto era então claramente "diacrônico". Foi apenas mais recentemente que alguns pesquisadores adotaram outro ponto de vista, "sincrônico", procurando compreender o texto das suras (os capítulos do Corão) tal como ele se apresenta em sua versão canônica, na sua estrutura ou composição. Eles partem do pressuposto de que o texto deve ter uma coerência, porém uma coerência que é preciso descobrir. A tradição exegética muçulmana se colocou também, desde o início, esta questão da coerência e da composição do texto, mas sem chegar a dar uma resposta satisfatória. De minha parte, creio ter encontrado a resposta, não na tradição da sabedoria islâmica, mas voltando à exegese bíblica, que desenvolveu desde o século XVIII, porém, sobretudo nestas últimas décadas, um método chamado "análise retórica".

IHU On-Line - O senhor aplica ao Corão um sistema de análise que provém dos estudos bíblicos. Partindo deste pressuposto, que nova leitura do Corão propõe?

1 **Corão:** também conhecido como Alcorão, significa recitação. É o livro sagrado do Islamismo, totalmente ditado pelo profeta Maomé (Mohammad) e redigido na linguagem árabe por seus seguidores no século VII d.C., em várias cidades da Arábia. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 6 3/8/2009 17:17:25

Michel Cuypers - Todos os grandes estudiosos clássicos do Corão comentaram o texto versículo por versículo, sem consideração do seu contexto literário imediato. O resultado é que eles, com freqüência, deram múltiplas interpretações diferentes de um versículo, entre as quais o leitor não sabe qual escolher. De outra parte, esses comentários clássicos, em vez de explicar um versículo, situando-o em seu contexto literário, explicam-no, pondo-o em relação com o que eles chamam tecnicamente "as ocasiões da revelação", isto é, tal ou tal evento da vida do profeta Maomé teria sido "a ocasião" ou a razão pela qual ele teria "descido" sobre o Profeta. Infelizmente, é difícil conferir um valor histórico real à maioria dessas "ocasiões da revelação". A análise retórica, sim, mostrando a estrutura das suras, recoloca cada versículo em seu verdadeiro contexto literário que lhe confere seu sentido. A descoberta da estrutura é, portanto, o caminho em direção ao sentido do texto, sem que haja necessidade de recorrer ao artifício dessas "ocasiões da revelação".

IHU On-Line - Como é construído o Corão e qual é sua relação com o mundo dos grandes textos bíblicos judeus e cristãos?

Michel Cuypers - A análise retórica permitiu destacar as regras da "retórica bíblica", muito diferente da retórica grega e latina que herdamos. Os textos da Bíblia são construídos na base de simetrias que podem assumir três formas ou três "figuras de composição": o paralelismo (por exemplo, uma sequência de versículos na ordem AB/À'B'), a construção em espelho ou o paralelismo invertido (AB/B'À') e a construção concêntrica, quando um elemento central conecta os dois versículos da construção em espelho (ABC/x/C'B'À'). Essas figuras de composição se encontram em diversos níveis do texto: por exemplo, entre dois ou três versículos de um salmo, depois um grupo de versículos, e em seguida um bloco textual mais amplo ainda, e assim por diante, até o salmo inteiro. Estes princípios foram perfeitamente teorizados pelo padre Roland Maynet s.j.,[2] em seu *Tratado de Retórica bíblica* (Lethielleux, Paris, 2007). Ora, eu pude constatar que o texto do Corão é construído exatamente da mesma forma. As regras de composição das suras corânicas são as mesmas que se encontram nos textos bíblicos.

Mas as relações do Corão com o texto bíblico não param aí. O Corão pertence ao mesmo mundo literário da Bíblia, não somente em sua forma retórica, mas também em razão de temáticas similares: a "releitura" de numerosos textos anteriores, seja da Bíblia, seja de textos parabíblicos (textos rabínicos como a Mishna,[3] ou apócrifos cristãos),[4] dando-lhes um novo sentido, conforme a teologia corânica; um pouco como o Novo Testamento "relido" segundo os textos do Antigo Testamento, dando-lhes um novo sentido, "crístico".

> "O credo muçulmano é simples: 'Eu atesto que não há divindade senão Deus e que Maomé é seu Profeta'"

IHU On-Line - O que o Islã tem de específico ou "não negociável" em sua construção interna que, sem isso, essa religião perderia sua característica?

Michel Cuypers - O credo muçulmano é simples: "Eu atesto que não há divindade senão Deus e que Maomé é seu Profeta". Falando estritamente, o que é não negociável, como você diz, é o estrito monoteísmo islâmico, que exclui até a ideia de Trindade e de Encarnação. Não pode haver multiplicidade em Deus, mesmo relativa. É, pois, impensável que Deus possa ter um filho, e mais ainda, um filho que se torna homem! Tal é o artigo de fé absolutamente primário e essencial para o Islã. Mas, ele é acompanhado indissociavelmente da fé no profeta Maomé, cuja mensagem se resume precisamente nesse monoteísmo rigoroso. É por isso que o Corão não cessa de convocar ao mesmo tempo Deus *e* seu Profeta. Mas, atenção: nenhuma religião se reduz ao seu fundamento essencial. Este se desdobra em toda uma vida, uma tradição, ritos, outros pontos de fé importantes (como o último Julgamento). Cabe definitivamente aos muçulmanos responder à sua questão, e ela já constitui o objeto de ásperos debates entre reformistas e fundamentalistas, por exemplo.

IHU On-Line - Como compreender o mundo de hoje com base no Corão, isto é, com base em um texto da tradição islâmica?

Michel Cuypers - A questão seria a mesma no que se refere à Bíblia. O Corão, a Bíblia, são textos muito antigos, escritos num contexto histórico preciso e totalmente diferente do nosso. É, pois, preciso necessariamente distinguir nesses textos o que diz respeito à sua época e ao seu meio, e o que tem um valor permanente, que ainda pode inspirar o homem de hoje. Já um grande pensador muçulmano egípcio de fins do século XIX, Muhammad Abduh,[5] dizia que muitos versículos do Corão devem ser compreendidos à luz de sua época e que eles não têm um valor permanente. Do ponto de vista da prática religiosa, eles são, pois, caducos, contrariamente a outros versículos que exprimem uma sabedoria mais universal e intemporal, válida até o fim do mundo. Esses versículos podem, sim, inspirar muito bem a conduta e a fé

2 **Roland Maynet:** sacerdote jesuíta, professor de Exegese do Novo Testamento no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Mishna**: um dos componentes do Talmude, é o primeiro compêndio escrito da Lei Oral judaica. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Apócrifos cristãos:** os livros apócrifos, também conhecidos como livros pseudo-canônicos, são os livros escritos por comunidades cristãs e pré-cristãs nos quais os pastores e a primeira comunidade cristã não reconheceram a pessoa e os ensinamentos de Jesus Cristo e, portanto, não foram incluídos no cânon bíblico. O termo "apócrifo" foi cunhado por Jerônimo, no quinto século, para designar basicamente antigos documentos judaicos escritos no período entre o último livro das escrituras judaicas, Malaquias e a vinda de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Muhammad Abduh:** reformador e apologista muçulmano egípcio. Foi pupilo de Al-Afghani. Embora profundamente influenciado por ele, envolvia-se menos com o activismo político, e mais com as reformas dos sistemas religioso, legal e educativo. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 7 3/8/2009 17:17:25

do homem de hoje. Eles se encontram principalmente na parte mais antiga do Corão, centrada na perspectiva da justiça social e do último Julgamento.

IHU On-Line - Quais são os pontos de ruptura do Islã com o Judaísmo e o Cristianismo?
Michel Cuypers - O próprio Corão diz claramente: é antes de tudo a questão da filiação divina. Não somente a do Cristo, mas também a do simples fiel, cristão ou judeu. A ideia de "divinização" do homem, tão cara aos Padres da Igreja,[6] é um *non sens* para o Islã. Segue-se, seguramente, outra concepção da relação do homem com Deus, mas também dos homens entre si, os quais não serão considerados como irmãos, filhos de um mesmo Pai. No entanto, é preciso tomar em conta certas correntes místicas que existem no Islã (o sufismo),[7] cujas vias se aproximam da espiritualidade cristã.

Por sua insistência no monoteísmo e também pela importância conferida à Lei divina, o Islã está mais próximo do Judaísmo do que do Cristianismo, embora a polêmica do Corão seja paradoxalmente mais severa em face dos judeus do que dos cristãos – sem dúvida em razão de conjunturas históricas diferentes.

IHU On-Line - Muitos filósofos defendem que no Ocidente a metafísica já é ultrapassada. Como pode o Corão ajudar a compreender esta nova configuração social? É necessário passar por uma releitura em face desse novo contexto no qual vivemos?
Michel Cuypers - Por seu teocentrismo muito acentuado, o Corão não parece espontaneamente apto para fazer face a um mundo secularizado, em todo o caso, menos do que o Evangelho da Encarnação. Mas ele pode ser um fator de equilíbrio, lembrando ao homem moderno o seu destino eterno, sob a condição, todavia, que os muçulmanos aceitem também uma releitura do Corão que confira direito, ao lado da transcendência divina, a todos os valores humanos do homem de hoje. Muitos intelectuais muçulmanos (em geral universitários "laicos") reclamam por tal nova exegese do Corão, adaptada ao mundo de hoje. Parece-me que a exegese que eu proponho em meu livro é um início de resposta nesse sentido.

> "Esses versículos podem, sim, inspirar muito bem a conduta e a fé do homem de hoje. Eles se encontram principalmente na parte mais antiga do Corão, centrada na perspectiva da justiça social e do último Julgamento"

IHU On-Line - Quais são as principais tendências e os grandes movimentos do Islamismo de hoje referentes ao ser humano contemporâneo?
Michel Cuypers - A resposta a esta questão ultrapassaria as dimensões de uma entrevista. No entanto, é preciso lembrar, como, aliás, o sugere sua questão, que o Islã não é monolítico. Fala-se frequentemente do Islã de maneira essencialista, como se houvesse um só Islã, quando o Islã (como também o Cristianismo), de fato, é múltiplo. A mídia informa principalmente sobre tudo o que, no Islã, choca nossos contemporâneos (condição da mulher, violência...). Na realidade, o Islã atravessa uma crise profunda, sem dúvida a mais profunda de toda a sua história. Os muçulmanos adotam uma série de posições diferentes diante desta crise. Podem-se esquematizar, assim, as posições extremas: para uns, é o mundo que deve mudar e adaptar-se às leis divinas do Islã (pela ação violenta ou por um lento trabalho de infiltração e de transformação); para outros, é preciso repensar radicalmente o Islã para reconciliá-lo com o mundo atual. Entre estas duas posições, você encontrará uma gama de atitudes intermediárias.

IHU On-Line - Como o senhor percebe a inculturação do Islã no mundo, num momento de globalização e de fronteiras cada vez mais abertas, com grande mobilidade e trocas culturais?
Michel Cuypers - Seguramente o Islã tem dificuldades em se inculturar no nosso mundo de hoje, cuja evolução muito rápida é, antes de tudo, comandada pelo Ocidente. A modernidade, a mundialização não nasceram do Islã. O Islã deve, pois, se adaptar à força a condições culturais que ele não inventou. Mas eu não creio que isso seja impossível. A história mostra que o Islã soube integrar bastante bem culturas diferentes, do Marrocos à Indonésia. O desafio, hoje, é por certo muito grande (mas para quem ele não o é, num mundo em plena transmutação?). Somente o futuro dirá se os muçulmanos saberão enfrentá-lo. Em todo o caso, pode-se constatar que muitos muçulmanos já conseguem viver harmoniosamente sua fé no mundo globalizado, notadamente no Ocidente. Eu creio realmente que a renovação de que necessita o Islã virá dos muçulmanos que vivem no Ocidente.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar

6 **Patrística:** nome dado à filosofia cristã dos primeiros sete séculos, elaborada pelos Pais da Igreja, os primeiros teóricos, daí "Patrística". Consiste na elaboração doutrinal das verdades de fé do Cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos "pagãos" e contra as heresias. Foram os padres da Igreja responsáveis por confirmar e defender a fé, a liturgia, a disciplina, criar os costumes e decidir os rumos da Igreja, ao longo dos sete primeiros séculos do Cristianismo. É a Patrística, basicamente, a filosofia responsável pelo elucidação progressiva dos dogmas cristãos e pelo que se chama hoje de Tradição Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Sufismo: corrente mística e contemplativa** do Islã. Os praticantes do sufismo, conhecidos como sufis ou sufistas, procuram uma relação direta com Deus através de cânticos, música e danças. O termo sufismo é utilizado para descrever um vasto grupo de correntes e práticas. As ordens sufis (Tariqas) podem estar associadas ao islão sunita, xiita ou uma combinação de várias correntes.O pensamento sufi nasceu no Oriente Médico no século VIII, mas encontra-se hoje por todo o mundo. Na Indonésia, atualmente a nação com maior número de muçulmanos, o Islã foi introduzido através das ordens sufis. **(Nota da IHU On-Line)**

flash.indd 8 3/8/2009 17:17:26

algum ponto que não foi abordado?
Michel Cuypers - Falamos do que deveria ser a exegese do Corão ou do Islã no nosso mundo globalizado. Mas eu creio que a integração dos muçulmanos se fará tanto mais facilmente quanto os não muçulmanos que os acolhem ou vivem ao lado deles se abrirão a eles e aprenderão a conhecer o Corão e o Islã. Respeite aquele que o respeita, interessamo-nos pelo outro, se ele se interessa por nós. De onde a grande importância de multiplicar os encontros inter-religiosos, e, para os cristãos, uma boa informação, respeitosa, sobre a fé muçulmana, longe de toda polêmica e apologética. É alias, penso eu, a própria finalidade desta entrevista e de sua revista.

Leia Mais...

>> O sítio do **IHU** já publicou entrevistas sobre Michel Cuypers. O material está disponível na página eletrônica www.ihu.unisinos.br. Entrevistas:

• *Uma leitura renovada do Corão*. Entrevista com Michel Cuypers, publicada em 07-06-2007, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7647;

• *Diálogo com o Islã*. Entrevista com Michel Cuypers, publicada em 26-04-2007, disponível no endereço eletrônico http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=6744.

Baú da IHU On-Line

A **IHU On-Line** já publicou outras edições sobre religiões. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br).

* *Freud e a religião*. Edição número 207, de 04-12-2007, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1165256946.32word.doc;

* *Delicadezas do Mistério. A mística hoje*. Edição número 133, de 21-03-2005, disponível no endereço eletrônico http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1158267172.24word.doc;

* *Gênero, família e religião*. Edição número 114, de 06-09-2004, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1158264514.33word.doc;

* *Política, Ética e Religião. Adela Cortina na Unisinos*. Edição número 43, de 18-11-2002, disponível no endereço http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1161291057.03word.doc;

* *Será a economia uma religião?* Edição número 36, de 23-09-2002, disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br//uploads/edicoes/1161371150word.doc.

O Islã: representações de uma Religião Universal

De acordo com o antropólogo Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, em todos os sistemas religiosos surgiram ideologias políticas que se pautam numa linguagem religiosa

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

"As tensões e os conflitos existentes entre muçulmanos e não muçulmanos são derivados de processos políticos", aponta o antropólogo Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Para ele, discussões teológicas entre as religiões monoteístas não ajudam a resolver as divergências existentes entre elas e irão perdurar por décadas. "Se os processos políticos não forem resolvidos, os conflitos irão continuar", assegura.

Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, Pinto ressalta que a valorização "excessiva das dimensões religiosas dos conflitos do Oriente Médio é uma forma de ocultar os processos políticos sociais que existem". Para ele, o Islamismo "foi eleito como sendo a alteridade da consciência euro-americana globalizada". Além disso, enfatiza que religião e política, no caso do Islã, "produzem um discurso sobre a essência do Islamismo, quando o mesmo fenômeno não produz discursos semelhantes sobre o Cristianismo, o Judaísmo ou o Budismo".

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto é graduado em História e mestre em Antropologia, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Também é doutor em Antropologia, pela Boston University, com a tese *Mystical Bodies: Ritual, Experience and the Embodiment of Sufism in Syria* (2002). Com experiência em Antropologia da Religião, Síria/Oriente Médio, Curdos/Árabes e Ritual, é docente da UFF. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que aspectos específicos caracterizam o Islamismo? O que o difere de outras religiões monoteístas como o Cristianismo e o Judaísmo?
Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - O Islamismo é uma das três religiões monoteístas que surgem no Oriente Médio junto com o Cristianismo e o Judaísmo. Como toda religião universal, o Islã defende uma série de crenças e rituais básicos que todo fiel deve conhecer, como, por exemplo, a crença em um Deus único, no Juízo Final, nos anjos e nos profetas. Além disso, existem os cinco pilares da fé islâmica. O primeiro é a aceitação de que só existe um Deus, e Maomé[1] é seu Profeta; o segundo são as orações diárias; o terceiro é a esmola, ou seja, o dízimo pago para o bem da coletividade. Ainda há o jejum no mês sagrado do Ramadã[2] e por fim

1 **Muhammad, Muhammad (Maomé)**: líder religioso e político árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão. Não é considerado pelos muçulmanos como um ser divino, mas sim, um ser humano; contudo, entre os fiéis, ele é visto como um dos mais perfeitos seres humanos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Ramadã: nono mês do calendário islâmico.** É o mês durante o qual os muçulmanos praticam o seu jejum ritual, o quarto dos cinco pilares do Islã. A palavra Ramadã encontra-se relacionada com a palavra árabe *ramida*,

flash.indd 9 3/8/2009 17:17:26

a peregrinação à Meca, o Hajj. Nesse sentido, tal como o Cristianismo e o Judaísmo, é uma religião plural, voltada para toda a humanidade. Logo, o objetivo é apresentar a sua verdade religiosa a todos.

Do ponto de vista muçulmano, a profecia de Maomé restaura a mensagem divina que foi apresentada por outros profetas. Então, os muçulmanos se veem como uma continuação no processo da profecia que inclui todos os profetas anteriores a Maomé, ou seja, Cristo, Moisés e outros do Antigo Testamento. Conforme os muçulmanos foram se expandindo pelo mundo, outras religiões foram sendo incorporadas nessa história sagrada. Assim, Buda é visto como um profeta antecessor de Maomé. O Islamismo compartilha com as demais religiões universais essa tendência expansiva de procurar converter pessoas à fé e essa pluralidade de expressões sociais e culturais.

Em cada sociedade, existem diferentes interpretações e práticas do Islã que dialogam entre si. Certas atividades que, para um muçulmano na Indonésia, são corriqueiras, ganham um caráter completamente estranho para um marroquino. Há ainda divisões sectárias entre xiitas e sunitas. O sufismo é a tradição mística que atravessa essas duas tradições sectárias. Por isso, não é possível falar de um único Islã. Existe uma pluralidade de práticas e crenças religiosas que se pensam como parte dessa comunidade mundial definida como Islã.

IHU On-Line - O que a divisão existente no Islã entre sunitas e xiitas representa para a comunidade islâmica?

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – Essas são as duas grandes divisões sectárias. Basicamente, os xiitas veem a família do Profeta como seres iluminados que guiam a comunidade dos fiéis enquanto os sunitas acreditam que o Profeta e sua família são seres religiosos, perfeitos, superiores, mas sem nenhum caráter sagrado, e que a comunidade dos fiéis pode ser guiada por líderes escolhidos por ela. Dessa divisão, criam-se diferentes tradições doutrinais, que terão maior ou menor importância, dependendo da época do contexto. Então, por exemplo, no século XVI, com a ascensão da Dinastia Safávida[3] no Irã, o xiismo se transformou na religião do país, até então majoritariamente sunita. Foi constituído, assim, um império xiita, o Império Persa, e impérios sunitas como os Otomanos e os Mongóis, na Índia. Nesse contexto, as divisões sectárias se relacionam com questões políticas, competições entre os Impérios etc. Mas nada impede, por exemplo, xiitas e sunitas de compartilharem devoções ou práticas religiosas. O Suf, por exemplo, tem devoção à família do Profeta. Os sufistas e xiistas compartilham várias práticas religiosas como a celebração da Ashura, a visitação dos lugares sagrados ligados à família do Profeta.

> "Do ponto de vista muçulmano, a profecia de Maomé restaura a mensagem divina que foi apresentada por outros profetas"

A vertente religiosa dominante na Arábia Saudita, o Wahhabismo, considera os xiitas hereges. Para os adeptos dessa corrente religiosa, os xiitas devem ser, na melhor das hipóteses, trazidos para a ortodoxia religiosa wahhabita ou serem rejeitados como muçulmanos. Então, cada contexto irá dizer as relevâncias dessas divisões sectárias. No Iraque, por exemplo, antes da queda de Saddam Hussein,[4] as identidades religiosas tinham uma importância na decisão do casamento, dos relacionamentos. Os xiitas eram bastante discriminados e reprimidos pelo governo de Saddam Hussein, mas, depois da invasão americana, essas identidades foram mobilizadas num contexto de guerra civil. Assim, existem tensões sectárias extremamente altas e a criação de discursos e acusações de ambas as partes. Em outros contextos, entretanto, essas divisões são percebidas como não importantes ou não relevantes.

IHU On-Line - Com visões religiosas, éticas, políticas e morais distintas é possível pensar em uma ética mundial entre Islamismo, Cristianismo e Judaísmo? Quais são as possibilidades presentes no Islã para que este diálogo seja possível e quais os limites que o impedem ou o obstaculizam?

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – O diálogo inter-religioso é possível, e as condições ou limitações não são exclusivas do Islã. O diálogo é muito fácil entre as três religiões, porque elas adoram o mesmo Deus; o que permite estabelecer um consenso, no entanto, também afirmam que a verdade pertence a elas. Então, a questão é definir o que se quer conquistar com o diálogo inter-religioso. O formato do diálogo, por sua vez, é feito da ótica cristão-judaica. Assim, a não inserção dos muçulmanos nessa configuração levou a uma situação em que é preciso mudar o modelo para incluí-los. Ao mesmo tempo, líderes mulçumanos estão engajados no diálogo inter-religioso há décadas. O falecido Mufti (Chefe do Islã Sunita) da Síria, Ahmad Kuftaru, sempre foi engajado no diálogo com outras religiões.

Disputas políticas

O importante é entender que as tensões e os conflitos existentes entre

"ser ardente", possivelmente pelo facto do Islã ter celebrado este jejum pela primeira vez no período mais quente do ano. Uma vez que o calendário islâmico é lunar, o Ramadã não é celebrado todos os anos na mesma data, podendo passar por todas as estações do ano. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Dinastia Safávida:** dinastia xiita iraniana formada por azeris e curdos, que governaram a Pérsia de 1501/1502 a 1722. Os safávidas fundaram o maior império iraniano desde a conquista islâmica da Pérsia, e estabeleceram a escola do Xiismo como a religião oficial de seu império, marcando um dos mais importantes pontos de virada na História do Islã. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Saddam Hussein Abd al-Majid al-Tikriti** (1937-2006): político e estadista iraquiano, uma das principais lideranças do mundo árabe. Foi presidente do Iraque no período de 1979 a 2003, acumulando o cargo de primeiro-ministro nos períodos de 1979-1991 e 1994-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 10 3/8/2009 17:17:27

muçulmanos e não muçulmanos são derivados de processos políticos. Eles podem discutir durante décadas questões religiosas, mas, se não resolverem os processos políticos, os conflitos irão continuar. O conflito na Irlanda do Norte não foi "resolvido" com discussões teológicas, e sim com um pacto político. A valorização excessiva das dimensões religiosas dos conflitos do Oriente Médio é uma forma de ocultar os processos políticos e sociais que existem.

IHU On-Line - Considerando que a afirmação da própria identidade é fundamental para o diálogo inter-religioso, que aspectos de sua identidade o Islamismo não pode renunciar no diálogo com outras religiões?
Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - O Islã não pode renunciar àquilo que outras religiões também não podem renunciar, ou seja, às suas crenças e aos elementos que o definem como uma religião particular. Os cristãos não irão parar de considerar Cristo o Salvador e nem os judeus irão rejeitar a lei mosaica para aceitar Cristo. Os muçulmanos, por sua vez, não irão renegar a profecia de Maomé, mas eles aceitam a de Cristo. O que se quer com o diálogo inter-religioso? O que se pode ter é uma ênfase nos pontos doutrinais como éticos de cada religião e daí construir um universo de respeito. Quando o assunto é Islã, parece que o respeito é esquecido. O Papa Bento XVI fez uma declaração lamentável de que a profecia de Maomé só trouxe violência e destruição. Esses comentários não levam a nada.

IHU On-Line - Há, no Islã, relação entre poder religioso e político? Até que ponto um influência o outro?
Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - A relação entre Islã e política não é diferente da relação entre Cristianismo, Judaísmo ou Budismo e política. Essa ideia de que não existe separação entre política e religião no Islã é uma ficção que alguns orientalistas inventaram e vários fundamentalistas islâmicos adotaram com gosto. Desde o século IX, existe uma separação entre Estado e religião. O Califa governava em nome de Deus, da mesma maneira que todos os monarcas ocidentais governavam em nome Dele. Porém, o representante político muçulmano não podia interferir em questões doutrinais. Esses são assuntos para um grupo de especialistas, os ulama, letrados que tratam da religião.

Claro que, historicamente, existe um acordo entre elite política e religiosa. Então, os demais sempre legitimavam o poder do Califa que reinava. Agora, a ideia de que nunca existiu separação entre religião e política é completamente falsa, empiricamente incorreta na história do Islã. Isso não difere das outras religiões. Tradições religiosas como Cristianismo, Judaísmo e Budismo se aliaram ao poder político para tentar impor suas ortodoxias.

> "A valorização excessiva das dimensões religiosas dos conflitos do Oriente Médio é uma forma de ocultar os processos políticos e sociais que existem"

IHU On-Line - No Islã predominam mais aspectos místicos ou políticos?
Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - Todo universo religioso tem uma dimensão política. O Papa é um líder político, as Igrejas Protestantes nos EUA têm uma atuação política, Israel se define como um Estado judeu. No entanto, ninguém fala que no Judaísmo ou no Cristianismo se confunda religião com política. Não entendo por que no Islã a dimensão política cause tanta estranheza. Existe uma dimensão política em todas as religiões, porque, entre outras coisas, elas falam de poder e isso tem a ver com a política. Mas a utilização de uma linguagem religiosa para a política também irá depender de aspectos históricos e contextos sociais. No século XX, vimos que, em todos os sistemas religiosos, inclusive no Islã, surgiram ideologias políticas que se pautam numa linguagem religiosa. A Teologia da Libertação,[5] por exemplo, nada mais é do que uma reformulação do Cristianismo Católico com fins claramente políticos e sociais. No século XX, vimos a ascensão do Islã político, mal definido como fundamentalismo islâmico, com a produção de vários grupos militantes. Eles se enfrentaram com estados autoritários, políticas colonialistas e com o imperialismo americano em vários contextos da modernidade. Isso não caracteriza o Islã como religião, e sim os vários cenários políticos em que ele é pensado.

IHU On-Line - Como a fé do Islã é vista, interpretada internacionalmente?
Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - O Islã foi eleito como sendo a alteridade da consciência euro-americana globalizada. Então, a fé islâmica é mal-interpretada e analisada. Essa questão de religião e política, no caso do Islã, produz um discurso sobre a essência do Islamismo, quando o mesmo fenômeno não produz discursos semelhantes sobre o Cristianismo, Judaísmo ou Budismo. Isso tem relação com uma questão ideológica da mídia que representa o mundo muçulmano como uma alteridade ameaçadora, o que se liga ao fato de que, no centro do mundo muçulmano, existem áreas de disputas geoestratégicas de políticas coloniais e imperiais no caso do Oriente Médio.

Atitudes extremistas as religiões têm. Claro que os homens-bomba palestinos do Hamas[6] não ajudam a criar

5 **Teologia da Libertação:** escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierres é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download no link http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1175543970.11pdf.pdf. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Hamas**: partido político sunita palestino que mantém a maioria dos assentos no Conselho Legislativo da Autoridade Nacional Palestina. O Hamas foi criado em 1987 pelos Xeiques Ahmed Yassin, Abdel Aziz al-Rantissi e Mohammad Taha da ala palestina da Irmandade Muçulmana no começo da Primeira Intifada. Nótorio pelos ataques suicidas, o Hamas man-

flash.indd 11 3/8/2009 17:17:27

uma imagem positiva do Islã. Mas é significativo que os mesmos discursos generalizantes não são produzidos sobre os colonos israelenses, que são dotados de uma visão judaico-messiânica extremamente violenta - em 1994, um colono judeu foi responsável pela morte de 29 palestinos na Mesquita de Hebrom -, ou sobre os grupos protestantes radicais dos EUA, que há anos praticam atentados e assassinatos contra médicos que trabalham em clínicas de aborto.

É evidente que existem movimentos e atos extremistas feitos em nome do Islã. Agora, a explicação para isso não está em nenhum verso do Alcorão, e sim no contexto social e político que levou interpretações violentas do Islã passarem a fazer sentido para um grupo de pessoas. Da mesma maneira que a explicação para a violência do IRA, na Irlanda, não está no Evangelho São Mateus, no Apocalipse, nem em nada do gênero, mas no contexto político local.

IHU On-Line - Qual é a contribuição do Islã para o desenvolvimento da ética e da paz planetária?

Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto - O Islã tem uma ética universalista de fraternidade, solidariedade, respeito, de moral no sentido de ter atitudes que levem ao bem comum. Essas são contribuições à civilização e fazem parte de uma herança muito rica produzida por todas as religiões. Assim, a contribuição dele não é nem maior, menor, melhor ou pior que a do Cristianismo, Judaísmo ou Budismo.

É importante nunca pensar em nenhuma dessas tradições religiosas em abstrato. Essas religiões só existem em casos concretos, os quais têm contextos históricos, políticos e culturais que devem ser levados em consideração. Portanto, se as pessoas não compreendem por que em determinado contexto um fato acontece, não é possível falar nada significativo sobre qual é a dinâmica cultural e social do Islã.

tém extensivos programas sociais e ganhou popularidade por construir hospitais, escolas e bibliotecas pela Cisjordânia e Faixa de Gaza. A Carta Fundamental do Hamas exorta à recaptura do Estado de Israel e sua substituição pela República Islâmica Palestina na área que hoje é conhecida como Israel, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. (Nota da **IHU On-Line**)

Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio

Em busca da unidade sem negar a pluralidade, o Sufismo possui uma concepção transcendente das religiões, assinala o especialista em Ciências da Religião Carlos Frederico Barboza de Souza

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

Para o Sufismo, Deus é Um, Único e Eterno e se encontra em tudo. "Cabe ao sufi percorrer um caminho para que, aos poucos, vá do confessar com os lábios esta unidade, ao reconhecer e tomar consciência dela, até não ver em nada senão o Único", aponta Carlos Frederico Barbosa de Souza. Por se tratar de uma tradição mística, o Sufismo "possui grande flexibilidade diante das afirmações de fé ou dogmática, pois não se prende às afirmações exteriores de um credo", explica o pesquisador à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail. Segundo ele, isso faz com que o Sufismo mantenha "um equilíbrio grande entre uma crença absoluta e, ao mesmo tempo, aberta e flexível". Com tais características, o Sufismo pode desempenhar um papel importante na construção da paz planetária "com todo seu cabedal de tolerância, sua riqueza na forma de lidar com a diversidade, seu empenho nas buscas mais profundas, almejando superar todo olhar simplista e superficial do mundo", assegura.

Carlos Frederico Barboza de Souza leciona na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) é mestre e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Sua tese intitulada *Religio Cordis: um estudo comparado sobre a concepção de coração em Ibn ´Arabi e João da Cruz* (2008) e orientada pelo Prof. Dr. Faustino Teixeira, foi eleita a melhor tese nacional de Teologia e Ciências da Religião deste ano. Como premiação, a pesquisa será publicada pela Editora Paulinas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as singularidades da mística islâmica? O que a difere das demais religiões tradicionais?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Uma primeira observação diz respeito à diversidade presente no Sufismo, pois ele é composto por várias correntes, escolas, grupos que se ligam à espiritualidade de um mestre, cada uma dessas vertentes configurando-se como uma possibilidade única e singular de ser sufi.

O Sufismo é uma das dimensões místicas do Islamismo. Portanto, em relação às demais religiões, ele possui proximidades e distinções, da mesma maneira que o Islã. Numa perspectiva comparativa, a proximidade maior se dá com as chamadas "religiões do livro" ou de herança abraâmica: o Judaísmo e o Cristianismo. Como os seguidores dessas religiões, os que se colocam na via súfica, também são monoteístas, pautam-se pela crença numa revelação consignada em um livro (embora com um entendimento distinto do que é revelação e do processo de como esta ocorre) e possuem um forte caráter ético na vi-

flash.indd 12 3/8/2009 17:17:27

vência religiosa. Ou seja, o encontro com Deus, muitas vezes nomeado de Real, possui implicações concretas de encontro com as outras pessoas, com o cosmo e com uma prática responsável de autoconhecimento e abertura ao outro.

O que difere o Sufismo das demais religiões, numa primeira olhada, é o que também lhe confere uma especificidade dentro do próprio islamismo: sua condição de busca esotérica (pelo menos em boa parte do Sufismo, pois existe também, em alguns países islâmicos, o sufismo popular, caracterizando-se como uma religiosidade popular). Nesse sentido, como todo esoterismo, a via súfica se caracteriza como um caminho interior e que privilegia este jeito de busca com tudo que ele exige: um processo de iniciação, rituais que marcam esta iniciação, a existência de um mestre (*sheiq*), estágios e práticas interiores, corporais, coletivas etc, a serem cumpridas. E, sobretudo, há o cultivo de um segredo a ser mantido, segredo este diante do que não se deve e não se pode falar, mas, sobretudo, deve ser vivido e experimentado, pois ultrapassa em muito as categorias com as quais se pode explicitar, além de ser um segredo que resguarda a intimidade dos amantes: o Amado e o buscador ou gnóstico.

Em relação à singularidade do Sufismo, pode-se afirmar sua busca pela unidade (*tawhid*), que é a afirmação de que Deus é Um e Único (*wahid*). De acordo com a sura corânica de número 112: "Diga: Ele é Deus, Uno, Deus, o Eterno. Não engendrou nem foi engendrado. Não tem pai". Esta unidade já se encontra presente em tudo. Cabe ao sufi percorrer um caminho para que, aos poucos, vá do confessar com os lábios esta unidade, ao reconhecer e tomar consciência dela, até não ver em nada senão o Único. Pois o Único possui duas dimensões presentes intensamente nele, que, traduzidas em categorias ocidentais, se poderiam denominar de dimensão transcendente e imanente (ou *tanzih* e *tashbih*, na denominação sufi árabe), de modo que tudo é Ele/não Ele (*hwa/la huwa*). Para se alcançar a vivência profunda desta unidade, o gnóstico deve se submeter a um processo de aniquilação de si (*fana*), para que possa se recuperar numa outra dimensão, agora já transformado e consciente da unidade de tudo (*baqa*).

IHU On-Line - Em que sentido a mística islâmica pode contribuir para o desenvolvimento da paz e o diálogo com outras religiões?

Carlos Frederico Barboza de Souza - A mística súfica pode contribuir de várias maneiras para o desenvolvimento da paz e do diálogo. Primeiro, se pode falar em vários tipos de diálogos entre religiões: diálogos teológicos, diálogos sobre práticas solidárias em vistas da construção de um mundo melhor (ética) e diálogo sobre a experiência religiosa (mística). Assim sendo, o Sufismo pode colaborar imensamente na perspectiva do diálogo místico, principalmente porque seus rituais e práticas espirituais possuem um caráter de abertura a todo ser humano, pois procura se inscrever no que é essencial na vida e retrata uma busca universal, segundo sua concepção.

> "O Sufismo possui uma concepção da Unidade transcendente das religiões, ou seja, para além de toda a diversidade religiosa, há uma unidade profunda entre elas"

De igual maneira, em suas concepções, por se tratar de uma tradição mística, possui uma grande flexibilidade diante das afirmações de fé ou dogmáticas. Ele não se prende às afirmações exteriores de um credo (à letra pura e simplesmente – embora se possa dizer que sejam fiéis totalmente à letra -, porém, com uma hermenêutica particular e extremamente livre do texto), e sim ao processo interior e único com que cada seguidor interpreta, assimila e concretiza essas afirmações. Isso vai lhe propiciar um formato de abertura em relação ao praticante de outras crenças religiosas.

Além do mais, em sua forma de explicitar sua prática e crença, consegue manter um equilíbrio grande entre uma crença absoluta e, ao mesmo tempo, aberta e flexível. Um exemplo disso é sua nomeação de Deus como Real. Esta nomeação surge exatamente para dar conta da impossibilidade de nomear o Indizível. Portanto, sua relação com o Real é forte e absoluta, ao mesmo tempo que aberta às muitas e diversas nomeações e manifestações deste – pois Ele também é diverso–, de modo que Ele pode e deve ser encontrado em manifestações religiosas distintas. Como dizia um sufi do século XIII, Ibn 'Arabi, se os crentes não aprendem a conhecer o Real nas manifestações dele em outras tradições religiosas e no próprio cosmo, quando chegarem ao Paraíso, e Ele se manifestar de formas distintas às formas que estão acostumados, não O reconhecerão.

Por fim, o Sufismo possui uma concepção da Unidade transcendente das religiões, ou seja, para além de toda a diversidade religiosa, há uma unidade profunda entre elas. O que não quer dizer que para eles todas as religiões sejam iguais e a mesma coisa. Esta afirmação da unidade transcendente deve ser entendida com base na lógica da unidade na pluralidade, pois o Sufismo busca a Unidade, mas sem negar a pluralidade, uma vez que esta também é manifestação da infinita riqueza do Real e não pode, portanto, ser apagada nem abolida em nome da unidade.

IHU On-Line - O senhor acredita que a mística islâmica poderia se fortalecer, enriquecer em contato com outras místicas, como a cristã?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Penso que sim. Toda religião, assim como toda pessoa, pode se enriquecer com o diálogo. O que se pode ter em mente é que todos possuímos limitações em nossa forma de ver o mundo, de experimentá-lo, devido à própria condição humana de ser situado num espaço e tempo. O que alarga nossa possibilidade de vermos além de nós

flash.indd 13 3/8/2009 17:17:28

mesmos é a abertura dialogal, que nos permite sermos enriquecidos com as experiências de outros, com seus olhares, baseados em outras perspectivas e pontos de vista. Nesse sentido, pode-se transferir esta lógica para o diálogo entre tradições e práticas religiosas: cada uma capta de forma particular elementos do Real. Se pensarmos que este Real é infinito em suas manifestações e em si mesmo, assim como é dinâmico, em perpétuo movimento, a abertura às captações realizadas por outras tradições e crenças abriria nossa experiência religiosa para outras dimensões que nossa própria tradição não captou. Esta abertura é de uma riqueza intraduzível.

IHU On-Line – Quais são as implicações e possibilidades da mística islâmica para o desenvolvimento de uma ética mundial?

Carlos Frederico Barboza de Souza – A mística islâmica, como o próprio nome diz, está enraizada no Islã, uma religião que nasce da tradição abraâmica, já possuindo em seu seio implicações éticas profundas, presentes desde seus primórdios e retratadas no Corão e na Suna do Profeta, principalmente seu forte caráter igualitário e de cuidado com os mais pobres. Além disso, o Islamismo é uma religião universal, que se compreende como possuidora desse caráter. Portanto, sempre suas reflexões terão caráter universal, o que não quer dizer que ela exclua a diversidade. Aliás, o próprio Corão articula muito bem esta exigência de universalidade, pois se baseia na afirmação da existência única e exclusiva de um Deus, com a exigência da diversidade, uma vez que se compreende como a religião revelada, em seu início, aos árabes e em língua árabe, tendo outros povos também sua própria revelação e profetas válidos.

O Sufismo vai assumir estes valores presentes na tradição islâmica e verá tudo como manifestação divina. Em outras palavras: todo o cosmo, bem como as pessoas, a história e as tradições religiosas e culturais são como um espelho que manifestam, de alguma forma, algumas dimensões das infinitas dimensões do Real. Daí deriva sua grande capacidade de enxergar o Real presente em tudo, também em princípios éticos.

Isso posto, o Sufismo contribuiria para a constituição de uma ética mundial com todo seu cabedal de tolerância, sua riqueza na forma de lidar com a diversidade, seu empenho nas buscas mais profundas, almejando superar todo olhar simplista e superficial do mundo, da história e da vida. Além disso, ao privilegiar e valorizar a dimensão escondida e interior da vivência espiritual sem excluir sua dimensão ritual e exterior, o Sufismo aponta também para a denúncia de toda ortodoxia que mata este tipo de vivência e impede a riqueza da singularidade de cada caminho; é crítico, portanto, por não entender que favoreceria vivências espirituais profundas, a todo formalismo ou "letra sem espírito" que muitas vezes abunda em tantos ambientes e pode gerar intolerância e atitudes violentas.

> "O Islamismo é uma religião universal, que se compreende como possuidora desse caráter. Portanto, sempre suas reflexões terão caráter universal, o que não quer dizer que ela exclua a diversidade"

IHU On-Line - É possível estabelecer o diálogo inter-religioso, mantendo a identidade própria de cada religião?

Carlos Frederico Barboza de Souza – Não só é possível manter uma postura dialogal com a manutenção da própria identidade como é necessário e uma condição *sine qua non*, em minha concepção, para um diálogo inter-religioso frutuoso, eficaz e realista. Negar o diálogo é cair numa postura fundamentalista que demoniza o outro e não lhe dá o direito de existir; negar a identidade é cair numa postura relativista que também não percebe a diversidade e não propicia o diálogo, já que o diverso é apagado em nome de uma igualdade abstrata e descontextualizada. Hans Küng chama esse equilíbrio entre a manutenção da alteridade e da identidade de "disposição ao diálogo e firmeza de posição".[1] Seu ponto de partida é a busca da verdade, uma vez que a manutenção da identidade religiosa ou a firmeza de posição acerca de uma opção de fé se relacionam necessariamente com a opção pelo que se crê ser verdadeiro e não falso. E há que se reconhecer que esta opção é algo inerente e intrínseco às tradições religiosas. Perder esta busca significa enfraquecer e, em alguns casos matar, a religião e a fé que um fiel pode ter nela. Por isso, para Küng, diálogo não é sinônimo de negação de si mesmo[2], e a disposição para a sua realização não provoca o abandono da própria identidade. Aliás, supõe-na, pois "ninguém consegue compreender profundamente uma religião se não a afirma 'a partir de dentro' com radical seriedade existencial".[3] Isso porque a construção de uma verdade religiosa ocorre existencialmente, o que implica relacionar-se com ela de forma absoluta, isto é, a verdade da religião que o crente segue é "a verdade" para ele.

Mas esta crença que possui como característica a afirmação de um absoluto não quer dizer, necessariamente, fechamento à diversidade de crenças e ao diálogo. Para que isso não ocorra, ela deve ser acompanhada da consciência de que da mesma forma que determinada religião constrói sua verdade dessa maneira, ela deve dar o direito às demais religiões para que também o façam. Ainda mais que se deve ter consciência que sua verdade é uma verdade que brota de uma experiência "de dentro", ou seja, a partir de um compromisso existencial e de fé com essa verdade que se insere em uma tradição particular situada

1 Hans KÜNG. *Projeto de Ética Mundial: Uma moral Ecumênica em vista da sobrevivência humana*, parte B, capítulo V. (Nota do entrevistado)
2 Hans KÜNG. *Teologia a caminho*: fundamentação para o diálogo ecumênico, p. 274.
3 **Id., ibid., p. 284.**

flash.indd 14 3/8/2009 17:17:28

histórica e culturalmente. Portanto, é uma verdade que se sustenta em uma relação com uma confissão de fé, o que quer dizer que não é uma linguagem constatante, com possibilidade de verificação de sua veracidade fora da experiência de fé. Esse tipo de linguagem se origina em um contexto relacional, que diz "algo sobre a relação subjetiva de uma pessoa com outra e sobre a total entrega a outrem".[4] Portanto, não implica afirmações para outras religiões, mas circunscreve-se apenas à própria tradição religiosa.

IHU On-Line - Como explicar tantos atos de agressão, fanatismo e xenofobia em nome da religião? Como o Islã vê a violência? Como o Deus islâmico se posiciona diante da violência recebida e praticada?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Primeiro de tudo, a violência é um fenômeno presente na vida humana, na história e nas culturas, conforme pode ser percebido em muitos dados captados por historiadores e cientistas sociais. Além disso, não podermos nos esquecer da reflexão de René Girard[5] acerca desta temática e sua relação com o sagrado, bem como da elaboração de Freud acerca da presença de elementos agressivos já na criança em seus primeiros anos de vida. Nesse sentido, o fenômeno da violência não ficaria de fora das vivências religiosas. Portanto, frequentemente, vai aparecer em vários textos sagrados, pois estes refletem a humanidade em seus aspectos positivos e negativos, ainda mais se tivermos presente que a violência retratada em textos sagrados, na maioria das vezes, é fruto de uma sociedade não menos violenta que projeta para os textos estas suas vivências e as concepções decorrentes de seu modo de vida. Além do mais, ainda no tocante aos textos sagrados, pode-se pensar que esta concepção de não violência se constrói aos poucos e é uma conquista das sociedades mais recentes (pelo menos quanto à concepção ideal de vida e que não vale para todas as pessoas de um determinado grupo social), embora nas sociedades do passado já se encontrem elementos que apontem ou possam ser lidos nesta ótica. Dessa forma, teologicamente, pode-se falar de uma pedagogia progressiva da não violência que é percebida nas manifestações divinas.

> "Por que surge o Hamas? O Hezbollah? Qual é a luta de Bin Laden? Se nos detivermos nestes problemas, veremos que possuem causas localizadas e bem precisas nos conflitos regionais em que estes grupos estão inseridos e não em questões prioritariamente religiosas"

Religião x Violência

Quanto às manifestações de xenofobia, agressividade e violência no mundo de hoje atribuídas a atores religiosos, elas podem ter sua origem em fenômenos como o fundamentalismo, que é uma das facetas da expressão religiosa na modernidade. Nesse caso, aponta-se para uma reação à modernidade secularizante e que impõe um sistema de vida em que o lucro é o maior valor. Num mundo assim, como dizia Marx, "tudo que é sólido se desmancha no ar"; a ética é colocada em segundo plano, pois é avaliada em função do lucro e do ganho que gere ou não; também questões referentes ao sentido da vida são esvaziadas, pois somente a lógica da produtividade é que tem sentido; e o desencanto impera, estando a própria vida e o sagrado sujeitos a um processo de "dessacralização". Além do mais, numa sociedade plural, em que são multiplicadas as opções de vida e que a geração de conhecimento e a circulação de informações são quase infinitas e há um processo sistemático de crítica à tradição que o Ocidente veio forjando há séculos, muita gente se encontra insegura diante de que opções tomar para sua vida. Diante da incapacidade de muitos de se assumirem como construtores de sua história, o caminho que apresenta respostas claras e seguras, mesmo que gere violência e intolerância, se torna atraente.

Conflitos políticos

Porém, outra questão se torna interessante para a reflexão sobre a violência religiosa. Penso que facilmente se atribuem às religiões causas de conflitos, mas se olharmos profundamente as origens de muitos destes, encontraremos situações complicadas do ponto de vista das relações políticas. Basta uma olhada rápida na história recente do Oriente Médio para perceber que toda esta situação tem relação com a queda do Império Turco Otomano no final da Primeira Guerra Mundial. Após esse evento, houve uma partilha desta região por parte das potências da época – sobretudo Inglaterra e França – levando-se em consideração seus interesses geopolíticos e econômicos, sem pôr em questão os interesses da população que habitava esta região. Com isso, dividiram-se clãs e agruparam-se etnias distintas; apoiou-se a criação de estados e houve povos que ficaram sem estados, como os curdos. Fez-se jogo de interesse duplo, ora apoiando árabes, ora apoiando a criação do Estado de Israel. E isso numa região em que

4 **Edward SCHILLEBEECKX**. *História humana, revelação de Deus*, p. 190.

5 **René Girard (1923):** Filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. É autor de numerosos livros, entre eles *La Violence et le Sacré* (*A violência e o sagrado*), *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde* (*Das coisas escondidas desde a fundação do mundo*), *Le Bouc Émissaire* (*O Bode expiatório*), 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. Reproduzimos uma entrevista de Girard originalmente publicada no jornal italiano *La Repubblica*, na **IHU On-Line**, número 92, de 15 de março de 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 15 3/8/2009 17:17:28

não havia conflito religioso explícito. Por que surge o Hamas? O Hezbollah? Qual é a luta de Bin Laden? Se nos detivermos nestes problemas, veremos que possuem causas localizadas e bem precisas nos conflitos regionais em que estes grupos estão inseridos e não em questões prioritariamente religiosas, embora estas também se encontrem presentes. Logo, penso que a origem destes conflitos, em sua maior parte, se encontra numa história de pequenas ou grandes exclusões e discriminações étnicas e sociais perpetuadas na história e que acabam se revestindo de elementos religiosos, pois seus atores são, ao mesmo tempo, religiosos e pessoas que atuam politicamente.

Violência no Islã

Quanto à postura do Islã diante do fenômeno da violência, em seus textos fundadores se podem encontrar dois tipos de concepções: uma que justifica a ação violenta e outra que se direciona no caminho da paz. A título de exemplo, a sura 4:89 faz a seguinte afirmação: "não tomeis, dentre eles, aliados, até que emigrem, no caminho de Allah. E, se voltarem as costas, apanhai-os e matai-os, onde quer que os encontreis". Porém, também são encontradas muitas outras afirmações que indicam caminhos mais pacíficos. Basta pensarmos que a quase totalidade das suras corânicas se iniciam com a afirmação – muito utilizada no cotidiano de um muçulmano – de que Deus é o Clemente e o Misericordioso.

Em relação ao Islã atual, entretanto, há que se reconhecer a inexistência de uma postura única a respeito da violência. De maneira geral, ela não é aceita e deve-se privilegiar sempre a paz, que também se encontra na mesma raiz árabe da palavra *Islam*/ *Salam* (paz). E quando se justifica a guerra ou algum ato violento, este sempre deve ser motivado pela autodefesa: "E combatei, no caminho de Allah, os que vos combatem, e não comeceis a agressão. Por certo, Allah não ama os agressores" (Sura 2:190). Porém, nos dois últimos séculos, mas, sobretudo a partir do século XX, surgirão movimentos no Islamismo que farão outras

"Quanto à postura do Islã diante do fenômeno da violência, em seus textos fundadores se podem encontrar dois tipos de concepções: uma que justifica a ação violenta e outra que se direciona no caminho da paz"

leituras cuja tendência será uma rigidez maior na interpretação dos textos sagrados e na sua aplicação normativa ao cotidiano, bem como possuirão um caráter que evidenciará uma atuação política resistente ao pensamento e forma de vida ocidentais, buscando resgatar um Islã glorioso do passado e que agora se encontra humilhado pelos problemas socioeconômicos por que passam a maior parte dos países islâmicos. Nesse sentido, refiro-me ao Wahabismo, à Irmandade Muçulmana e à teologia política do paquistanês Mawdudi e do egípcio Sayyd Qutb, que muito influenciarão grupos islâmicos recentes em suas ideologias.

IHU On-Line - O teólogo alemão Hans Küng propõe valores e posturas éticas universais, que devem ser expressas por todos os humanos, independente da orientação espiritual, da religião ou filosofia seguida. Esse compromisso pode e deve, de fato, ser assumido por todas as religiões? Quais as condições e os entraves para o estabelecimento e impedimento desse diálogo?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Claro que pode e deve ser assumido por todas as religiões e também pelos não praticantes de uma religião, agnósticos e ateus. Creio, porém, que há necessidade de compreensões mais abertas das religiões acerca de sua própria autocompreensão e entendimento de suas crenças e verdades fundamentais. E aqui concordo com Juan Antonio Estrada.[6] Ele aponta para a necessidade de "uma perspectiva ecumênica que abarque uma teologia das religiões contrária às imagens violentas de Deus"[7]. E vai mais além, ao afirmar a necessidade de certo distanciamento racional e crítico à própria tradição religiosa, percebendo o contexto histórico-cultural em que esta nasce e se insere.

Ao mesmo tempo, também se faz necessária uma revisão do conceito de revelação, levando-se à distinção entre a inspiração transcendente e a interpretação da mesma mediada por instrumentos e concepções culturais, pois não há experiências puras da divindade e mesmo uma experiência bem íntima e pessoal dela não poderia ser identificada com a realidade da divindade em si. O que os seres humanos experimentam é sua proximidade ou sua irradiação, e, muitas vezes, de forma obscura. E aqui cabe a distinção que Edward Schillebeeckx[8] faz – e que não se restringe ao conhecimento religioso, mas se encontra presente em toda atividade científica e produção de conhecimento – entre "referencial real", que seria a própria realidade da divindade, e "referente disponível ou ideal", que são as representações e imagens da divindade, que interferem diretamente no agir e pensar do crente. Esse "referente disponível ou ideal" nasce das imagens de Deus construídas historicamente por uma

6 **Juan Antonio Estrada:** mestre e doutor em Filosofia, respectivamente, pela Universidade de Comillas de Madri e pela Universidade de Granada, onde atualmente atua como professor de Metafísica e de Filosofia da Religião. É mestre em Teologia pela Universidade de Innsbruck, tendo obtido o doutorado na Universidade Gregoriana de Roma. Ao longo de sua vida, lecionou como professor convidado em Faculdades e Institutos de Lima, Assunção, Manágua, San Salvador e México. É membro da Sociedade Espanhola de Ciências da Religião e da Associação de Teólogos João XXIII. (Nota da **IHU On-Line**)

7 Juan Antonio ESTRADA. *Imagens de Deus*, p. 67.

8 **Edward Schillebeeckx** (1914): teólogo holandês, frei dominicano, foi um dos importantes assessores oficiais do Concílio Vaticano II, chamados de "peritos" e é um dos mais importantes teólogos do século XX. **(Nota da IHU On-Line)**

flash.indd 16 3/8/2009 17:17:29

cultura, possibilitando ao crente lidar com o "referencial real" mediado por elas. Assim, elas se transformam em categorias de interpretação do próprio referencial real, apesar de sua inadequação e precariedade para fazê-lo. Portanto, não há uma divindade em si, pelo menos sob o ponto de vista humano, mas apenas uma divindade interpretada, que se manifesta na experiência religiosa e mística mediante uma "imediaticidade mediada".

Por fim, creio ser importante que se perceba o fator humano presente nas tradições religiosas, evitando-se, assim, a divinização de práticas, instituições, funções e doutrinas. Estas são fruto da criatividade humana, embora possam ser consideradas inspiradas por Deus, pois uma coisa não nega a outra. Fazem sentido num contexto particular em que surgem e, por isso mesmo, precisam ser atualizadas, não absolutizadas em si mesmas e submetidas, em alguns casos, à crítica.

IHU On-Line- A mística islâmica ganha um novo significado na sociedade pós-moderna, pós-metafísica, pós-religiosa? Em que sentido isso ocorre?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Qualquer grupo religioso, juntamente com seus textos e rituais, ganha significado diferenciado nos distintos contextos históricos e geográficos culturais, pois o horizonte de compreensão deste grupo muda de acordo com a realidade em que se situa. Portanto, o Sufismo, embora mantendo uma ligação com uma longa tradição espiritual à qual se vincula, também é capaz de interagir com as realidades espaço-temporais em que se encontra. Nesse sentido, na contemporaneidade, ele não fica isento da influência e do diálogo com a cultura atual, seja ela considerada pós-moderna, pós-metafísica ou pós-religiosa. Em que sentido isso ocorre? Primeiro, dentro da tradição súfica surgirão expressões do Sufismo desvinculadas da tradição islâmica, construídas pelo próprio sujeito que lança mão, à sua maneira, de materiais que a tradição lhe disponibiliza. Da mesma forma, desenvolvem-se expressões intimistas e individualistas desta tradição mística, centradas, muitas vezes, na satisfação dos fiéis que se reúnem em uma ordem ou fraternidade. No entanto, ele não valorizará a institucionalização de sua experiência de modo a criar uma ortodoxia ou a formalizar rituais desvinculados de uma vivência interior que exige um processo iniciático. Além de que, em época de crise ecológica e de desencanto com o mundo, o Sufismo vai desenvolver uma mística com fortes implicações cósmicas, resgatando de seus textos do passado uma teologia não dualista entre matéria e espírito e que valoriza de forma muito rica uma vivência mais harmônica com a natureza, gerando autoconhecimento e maior sensibilidade aos sinais divinos na vida e no cotidiano. Por fim, como caminho místico, numa época em que prevalecem para muita gente atitudes fundamentalistas e intolerantes, o Sufismo apresenta grande equilíbrio entre firmeza de posição e abertura dialogal. E isso sem cair, quando bem orientado, nas soluções superficiais e simplistas para a vida.

> "Creio ser importante que se perceba o fator humano presente nas tradições religiosas, evitando-se, assim, a divinização de práticas, instituições, funções e doutrinas"

IHU On-Line – Quais são as concepções de Deus para Ibn'Arabi e João da Cruz? Que aspectos comuns e diferentes perpassam o pensamento dos dois místicos?

Carlos Frederico Barboza de Souza - Ibn 'Arabi[9] compreende a divindade, em primeiro lugar, como estando além de qualquer possibilidade de compreensão e nomeação. Nesse sentido, "Deus" é a Essência inominável e incognoscível, que existe por Si e para Si, independentemente de qualquer outro ser. Ele a denominará, frequentemente, de *Al-Haqq*, ou seja, o Real (ou a Verdade, em árabe). Porém, esta Essência inominável e absoluta não é um ser fechado em si mesmo, mas é um ser que escolhe se comunicar por misericórdia aos seus Atributos (Nomes divinos) que querem se atualizar (passar da potência ao ato). Daí que o Real é capaz de criar tudo e todo o criado serve como um espelho que reflete seus atributos. Nesse sentido, para Ibn 'Arabi, o Real possui duas dimensões: em linguagem ocidental, o mais próximo seria afirmar que Ele é transcendente e imanente ao mesmo tempo, ou, em árabe, é *tanzih* e *tashbih*; Ele é todas as coisas e não é nenhuma coisa ao mesmo tempo.

João da Cruz,[10] em sua obra *Subida do Monte Carmelo*, livro II capítulo 9,1, também apresenta uma concepção de Deus. Neste tópico ele estabelece uma caracterização geral sobre o ser divino, afirmando que Ele é "infinito, assim ela [a fé] nos propõe infinito; e assim como é Trino e Uno, ela nos propõe Trino e Uno; e assim como Deus é treva para nosso entendimento, assim tam-

9 **Ibn Arabi:** chamado o "Doutor Máximo" e "vivificador da Religião", nasceu em Múrcia, na Espanha, em 1165 e faleceu na Síria, Damasco, em 1240. O Mestre de Múrcia escreveu centenas de livros, dos quais 150 ainda são conservados. Entre os escritos de Ibn Arabi se destacam a Epístola da Santidade, Pérolas e Sabedoria e As Revelações de Meca, que possui mais de 4 mil páginas no original em árabe. Confira a entrevista *Amor e aniquilação na mística de Marguerite Porete e Ibn'Arabi*, concedida por Ernesto Cardenal à edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, disponível para download no link http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158267172.22pdf.pdf. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Ibn Arabi:** chamado o "Doutor Máximo" e "vivificador da Religião", nasceu em Múrcia, na Espanha, em 1165 e faleceu na Síria, Damasco, em 1240. O Mestre de Múrcia escreveu centenas de livros, dos quais 150 ainda são conservados. Entre os escritos de Ibn Arabi se destacam a Epístola da Santidade, Pérolas e Sabedoria e As Revelações de Meca, que possui mais de 4 mil páginas no original em árabe. Confira a entrevista *Amor e aniquilação na mística de Marguerite Porete e Ibn'Arabi*, concedida por Ernesto Cardenal à edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, disponível para download no link http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158267172.22pdf.pdf. **(Nota da IHU On-Line)**

flash.indd 17 3/8/2009 17:17:29

bém a fé semelhantemente nos cega e deslumbra". Portanto, neste pequeno trecho podem-se perceber três grandes elementos da concepção joãocruciana acerca do Real: infinitude, obscuridade e constituição trinitária.

Ambos se aproximam quando afirmam a divindade como infinita, incognoscível e para além de qualquer possibilidade de compreensão, apreensão e nomeação por parte dos seres humanos. Neste aspecto ambos concordam acerca da pluralidade inerente ao ser divino sem que este perca sua unidade, seja pelos Três da Trindade ou pelos infinitos Nomes divinos. Também estão próximos ao entenderem que o Real de alguma forma se manifesta e deixa suas marcas em tudo que existe, embora se diferenciem na compreensão de como este processo de manifestação ou teofania ocorre.

Amor e misericórdia

Outra proximidade entre a concepção de divindade de ambos diz respeito à compreensão como um ser de amor (João da Cruz) ou de misericórdia (Ibn 'Arabi). Para ambos, este elemento está presente no Real e por meio dele constitui todo o cosmo e os seres criados, propiciando ao Real uma proximidade de toda a criação, incluindo aí o ser humano, ser convidado a participar da proximidade com a divindade. Portanto, é uma divindade aberta e receptiva, ao mesmo tempo que é também participativa, pois inspira aos que a ela se abrem, propicia experiências intensas, manifesta Sua vontade e desejos, interfere de alguma forma na história, gerando aperfeiçoamento humano/espiritual.

Diferenciam-se na concepção trinitária de Deus presente em João da Cruz, que é impensável em Ibn 'Arabi, assim como uma mediação crística para a salvação e a revelação plena de Deus. Na lógica do místico muçulmano, os Nomes divinos é que ocupam um lugar grande na intermediação e comunicação entre a divindade e os seres criados, sendo toda a criação concebida como uma manifestação, um reflexo do Real.

IHU On-Line – Qual é para os dois místicos o papel do coração na jornada espiritual?

Carlos Frederico Barboza de Souza – Para ambos, o papel do coração é muito semelhante, embora possuam algumas diferenças. Assim, o coração vai ser, em primeiro lugar, o elemento central do ser humano, no qual estão contidos seus segredos mais íntimos. Também será a Morada do Real devido à sua condição de ductilidade e maleabilidade, ou seja, o coração é um órgão "capaz de receber toda forma" e assim como o Real é dinâmico, cabe ao coração acolhê-lo devido à sua dinamicidade. É um órgão que "flutua", capaz de mudanças perpétuas e reviravoltas sem fim, não se prendendo a nada, mas sempre aberto ao novo e ao profundo. E é nesta profundidade que ele se torna um elemento mediador entre o ser humano e o Real, entre a alma e o espírito e a divindade, pois ele opera a conexão entre o mundo espiritual e o mundo corporal, entre o visível e o invisível. Mais ainda, no seu mais profundo centro, ele e o Real se encontram e se identificam, de modo que, como diz Ernesto Cardenal, "no centro de nosso ser não somos nós mesmos, mas Outro. Que nossa identidade é Outro. Que cada um de nós ontologicamente é dois. Que encontrarmos a nós mesmos e concentrarmos em nós mesmos é arrojarmo-nos nos braços de Outro".[11]

> "A centralidade que qualifica o coração também aponta para outra função que ele possui: a capacidade de integrar a diversidade, de conduzir à unidade e no diverso perceber o Um"

A centralidade que qualifica o coração também aponta para outra função que ele possui: a capacidade de integrar a diversidade, de conduzir à unidade e no diverso perceber o Um. Por isso, é também o coração uma faculdade de síntese, um evento que propicia o encontro com a Unidade de tudo e com a profundidade de tudo que existe. Nesse sentido, o coração é órgão de conhecimento, pois propicia ao intelecto e à razão acessos que estes não podem ter. Principalmente quando se pensa no conhecimento religioso ou no mundo espiritual, pois "a pessoa que atingiu o coração em seu sentido espiritual é também capaz de ver o coração das coisas, especialmente das formas sagradas, e perceber sua unidade interna".[12]

E ainda relacionada à sua centralidade, o coração é o órgão que não só acolhe o Real e a espiritualidade na vida humana, mas também é o órgão que a distribui para suas outras dimensões: a corporal, a afetiva, a psíquica etc.

IHU On-Line – O que eles podem ensinar à sociedade contemporânea sobre amor, paz, e diálogo inter-religioso?

Carlos Frederico Barboza de Souza – Podem ensinar muitas coisas. Primeiro, vivenciaram uma experiência muito forte da divindade. Para isso, foram capazes de se abrir a estas experiências transformadoras, bem como ao Real que se manifesta no cosmo e na vida. Portanto, em tudo souberam ler a presença do Real e por tudo se deixaram tocar, percebendo nestes toques a Sua mão. E quem sabe ver em tudo esta Presença e se dispor a por ela ser "desalojado", também é capaz de mudar de posição diante do outro e do diverso e dialogar com ele, com a vida e com o cotidiano; sabe acolher a diversidade, pois é treinado neste contato forte com a divindade a estar aberto ao que ultrapassa sua própria compreensão, estar aberto a uma ver-

11 Ernesto, CARDENAL. *Vida en el amor*, p. 41. (Nota do entrevistado)

12 Seyyed Hossein NARS. The heart of the Faithful is the Throne of the All Merciful. In: James CUTSINGER. *Paths to the heart*, p. 43-44. (Nota do entrevistado)

flash.indd 18 3/8/2009 17:17:29

dade maior e ao aprendizado. Aliás, em Ibn 'Arabi, acolher a diversidade e a pluralidade é condição *sine qua non* para o encontro com o Real.

Além do mais, os místicos têm algo de "transgressor" no sentido de que não se prendem aos formatos de suas religiões, mas, sem banalizá-los ou abandoná-los, são capazes de transcendê-los, ou seja, das verdades e rituais religiosos, os místicos são capazes de ir além para atingir verdades inefáveis. Com isso, são pessoas que vivem à busca do essencial e superam em muito as aparências e formalismos na vivência religiosa e humana.

Com João da Cruz, podemos aprender as sutilezas da alma humana que se autoengana e se ilude continuamente. Daí a necessidade das purificações, sobretudo para a vivência do amor, pois, como ele diz, muitas atitudes parecidas com o amor, às vezes, são atitudes egoístas e de busca de autopromoção. Portanto, é necessária uma busca de purificação pessoal e comunitária, uma busca de superação de imaturidades e preconceitos.

Com Ibn 'Arabi, pode-se pensar que tudo manifesta o Real, tudo é Seu reflexo. Mesmo as distintas religiões e credos. Portanto, as religiões também são formas que manifestam as infinitas riquezas do Real e que não podem ser expressas em sua totalidade por nenhuma criatura, nem ser humano, nem religião. Pensamentos como estes sempre apontam para uma necessidade de diálogo, pois este é o caminho para uma complementaridade recíproca entre os seres e as religiões, complementaridade que é um grande caminho para o mútuo aprendizado acerca do Real e da prática do amor, da compaixão e da ternura.

Leia Mais...

>> Carlos Frederico Barboza de Souza já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br).
Entrevistas:
• *A mística de Rûmî e o ser humano autônomo contemporâneo*. Publicada em *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade*. Edição 222, de 04-06-2007, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1180986448.99pdf.pdf.

Chegamos ao topo da babel. É preciso retornar

O homem pós-moderno avançou no desenvolvimento da técnica, da ciência, mas está enfraquecido na vida espiritual, defende Guershon Kwasniewski. Para ele, é preciso recuperar o autoconhecimento e aproximar-se das religiões

Por Graziela Wolfart, Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

"A pós-modernidade oculta o lado religioso e não deixa os indivíduos enxergarem o que eles realmente são e devem fazer para ser", diz Guershon Kwasniewski à **IHU On-Line**. Para ele, o crescimento tecnológico representa também um retrocesso religioso e espiritual, além de dúvidas em relação à existência. "O homem da pós-modernidade avançou tanto que está se perguntando aonde quer chegar", argumenta. Mas isso, assegura, não representa o fim da religião, pelo contrário, "as pessoas, conforme o momento da história, tendem a voltar para a religião".

Descendente de família judaica e seguidor dos costumes aprendidos ainda na infância, o professor argentino apresenta, na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, alguns aspectos da tradição, como a forte relação dos judeus com Deus e a identidade marcada pelos rituais de passagens, chamados ciclos da vida. Segundo ele, esses "estão engajados com preceitos e mandamentos da vida" que devem ser cumpridos.

Em Israel, Kwasniewski cursou o Machon Grimberg, o Ishtalmut Morim do Beit Midrash Lebrabanim na Escola Rabínica. Foi professor do Colégio Israelita Brasileiro, de Porto Alegre, e professor convidado pelo Núcleo de Estudos Judaicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, atua na Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência (SIBRA). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que aspectos históricos e culturais o senhor considera importantes para a constituição dos valores centrais da religião e da ética judaica?
Guershon Kwasniewski - Dois fatos históricos são importantes. Um deles é a saída dos judeus do Egito, e o outro é a entrega da Torá, ou seja, da lei no Monte Sinai. Os judeus ganharam a liberdade e constituíram-se povo ao receber a lei. A partir desse momento, uma normativa passou a reger aquele povo: existe um líder, Moisés, e um único Deus. A liberdade e a crença em um único Deus marcam um momento único na história do povo de Israel.

IHU On-Line - Que ética rege o Judaísmo e como ela pode contribuir para a paz mundial?
Guershon Kwasniewski - A ética que rege o Judaísmo, aquela que legaram para nós, fala de Abraão, Isaac, Jacó, Raquel. Por isso, quando falamos de ética, não podemos esquecer os profetas de Israel e os juízes, pois eles marcaram um

flash.indd 19 3/8/2009 17:17:30

caminho, a ética e os princípios a serem seguidos pelo povo. A ética no Judaísmo se encontra nos mandamentos. O legado dos profetas foi justamente transmitir os valores aos mandamentos.

O caminho da lei nos leva ao respeito, a considerar o nosso próximo. Portanto, cumprindo, estudando e aprofundando os princípios iremos construir o caminho da paz mundial. Mas quando falamos de paz global, estamos tratando de algo muito mais amplo. Devemos começar a construir a paz interna, individual. Baseados nisso, passamos a construir um mundo melhor.

IHU On-Line - O que o Judaísmo tem de específico ou "inegociável" em sua constituição interna que, sem isso, a religião se descaracterizaria?
Guershon Kwasniewski - Temos um ciclo de vida próprio e um calendário que rege esse ciclo. Mantemos as nossas festividades: o dia do perdão, a páscoa, as comemorações bíblicas e pós-bíblicas. O que caracteriza o Judaísmo é a circuncisão; circuncidarmos nossos filhos com oito dias de vida. Não podemos abrir mão desse mandamento, pois descaracterizaríamos a tradição judaica.

Outro aspecto forte é a relação dos judeus com Deus. Os nossos inimigos, quando tentaram aniquilar o povo judeu, queriam destruir o templo. Não podemos abrir mão da nossa instituição maior, a sinagoga, a nossa casa de encontro, onde realizamos o culto, respeitamos o calendário judaico e consagramos os momentos mais importantes da vida, como o nascimento, a maioridade religiosa - aos 13 anos para os meninos e aos 12 para as meninas -, o casamento judaico e o enterro. O judeu tem a sua identidade marcada por esses rituais de passagem, os quais estão engajados com preceitos e mandamentos da vida que devemos cumprir. Sem isso, ficamos completamente descaracterizados.

IHU On-Line - Como as religiões monoteístas dialogam com o pluralismo religioso e o "trânsito inter-religioso", como vemos especialmente em países de grande sincretismo como o Brasil?
Guershon Kwasniewski - O diálogo é uma expressão natural do homem; o ser humano foi dotado da palavra. Temos uma boca e dois ouvidos: devemos ouvir, aprender com o nosso próximo, e falar o necessário. O respeito, a tolerância, o convívio e o diálogo ocorrem quando existe harmonia entre as religiões, sobretudo quando existe a possibilidade de entender e conhecer a cultura do outro. A partir do momento em que isso corre, consigo entender o porquê da história, do culto, do ritual, da tradição das outras religiões. Temos de trabalhar no campo cultural para esclarecer como são constituídas as identidades religiosas e transmitir para o próximo o que faz parte de cada essência.

> "Precisamos esclarecer o que significa cada religião. Todas elas buscam verdades absolutas, assim sendo, o que muda é o caminho para chegar a essa verdade"

Sincronismo

Temos a bênção de viver em um país onde existe muito respeito entre as religiões, a liberdade de culto e, portanto, um clima propício para trabalhar o campo espiritual. Mas, acima de tudo, precisamos esclarecer o que significa cada religião. Todas elas buscam verdades absolutas, assim sendo, o que muda é o caminho para chegar a essa verdade. Contudo, devemos ter cuidado para não tratar todas as religiões como se fossem iguais e pensar em um único modelo religioso. A riqueza está justamente na diferença.

IHU On-Line - Nessa sociedade contemporânea, como fica o papel da religião? O senhor concorda que vivemos em uma sociedade pós-religiosa?
Guershon Kwasniewski - Não vivemos numa sociedade pós-religiosa, porque as pessoas, conforme o momento da história, tendem a voltar para a religião. Se nos religamos, como a própria religião nos diz, estamos longe de uma pós-religião. A religião sempre vai ocupar o seu lugar.

O homem da pós-modernidade avançou tanto que está se perguntando aonde quer chegar. Parece que construiu uma torre de babel e ao chegar ao topo, pergunta: "Agora, o que faço?" É preciso descer novamente. Temos muitos avanços na ciência, na tecnologia, mas terríveis retrocessos na vida espiritual. O homem, quando se volta para a sua essência, acaba se autodescobrindo. As pessoas têm medo de se aproximar das religiões, porque não querem enxergar como são. A pós-modernidade oculta o lado religioso e não deixa os indivíduos enxergarem o que eles realmente são e devem fazer para ser.

IHU On-Line - Como os 10 Mandamentos de Deus recebidos por Moisés perpassam o Judaísmo e as demais religiões monoteístas? Qual a sua validade e pertinência hoje, após milhares de anos após sua apresentação ao mundo?
Guershon Kwasniewski - Nos mandamentos e nos preceitos está o sucesso do Judaísmo. A Torá se tornou um livro clássico, porque, mesmo com milhares de anos, continua atual. Está na contemporaneidade da mensagem e do recado o sucesso do nosso livro. Mesmo com o avanço dos tempos, a mensagem continua sendo atual e contemporânea: falamos do relacionamento entre as pessoas, da relação com a terra, com a natureza, o relacionamento do homem com

flash.indd 20 3/8/2009 17:17:30

"Não faças ao teu próximo o que não queres que façam contigo. Isso é a Torá. O resto é comentário"

Deus, pais e filhos etc.

"Não faças aos outros o que não queres que te façam" é um princípio apresentado pelo rabino Hillel,[1] há muitos anos. Quando uma pessoa não judia perguntou a ele se poderia lhe ensinar a Torá no tempo em que apoiava o corpo sob uma perna, ele respondeu: "Não faças ao teu próximo o que não queres que façam contigo. Isso é a Torá. O resto é comentário. Estuda".

IHU On-Line - Hans Küng sugere três fundamentos para que a ética mundial seja possível: um consenso fundamental básico com relações a valores obrigatórios, parâmetros inamovíveis e atitudes espirituais básicas. Como as três grandes religiões monoteístas podem chegar a esse consenso?
Guershon Kwasniewski - Todas as religiões querem o bem do homem. Se cada uma delas cuidar dos seus princípios, chegaremos ao consenso.

Religiões do Mundo

>> Guershon Kwasniewski é um dos debatedores do evento Religiões do Mundo. Ele estará na Sala 1G119 na sexta-feira, 07-08-2009, às 16h, comentando o documentário sobre o Judaísmo. No dia 27-8-2009, o professor também comenta a exibição na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, às 19h.

1 **Rabino Hillel, o ancião** (60 a.C.): conhecido líder religioso judeu, que viveu durante o reinado de Herodes, o Grande na época do Segundo Templo. Estudioso respeitado em seu tempo, Hillel é associado a diversos ensinamentos da Mishná e do Talmud, tendo fundado uma escola para ensino de mestres no judaísmo. (Nota da **IHU On-Line**)

Deus faz parte do desenvolvimento humano

Segundo o rabino Ruben Najmanovich, o Judaísmo aspira a uma sociedade com igual acesso à dignidade e à esperança

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

O diálogo do Judaísmo com as outras religiões monoteístas "não quer dizer trocas ou negociações", escreve o rabino Ruben Najmanovich à **IHU On-Line**, por e-mail. Na sua visão, "não se pode negociar valores tão fundamentais, que deram, em muitos momentos da história da humanidade, uma visão de respeito, de ética, de amor e de compreensão".

Na entrevista que segue, concedida por e-mail, ele analisa a tradição judaica e reflete o futuro do Judaísmo na sociedade pós-moderna. Retomando a história, Najmanovich recorda que muitas foram as tentativas de eliminar Deus, de negar "aquilo que é primordial para poder crescer". Nesta época de pós-modernidade, ele aconselha as religiões a se dedicarem à reflexão. "É tempo de refletir (...) a possibilidade de deixar conhecer a religião através do pragmatismo e de suas concepções".

Najmanovich é mestre em Ciências Sociais e Humanidade pela Universidade Nacional de Quilmes, Argentina. É membro diretor da Sinagoga da União Israelita de Porto Alegre. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que aspectos históricos e culturais específicos o senhor destaca para a constituição, ao longo do tempo, dos valores centrais da ética do Judaísmo?
Ruben Najmanovich - Primeiramente a entrega da Torá no Monte Sinai, isso inclui a Tora escrita (*shebichtav*), os cinco livros de Moisés (Pentateuco), e a Torá oral (*Mishnáh*) com 63 tratados. Por sua vez, os valores dos fundadores do povo de Israel: Abraão – Isaac – Iahacov (Jacó), imprimiram na identidade do povo um conceito importante, que foi uma marca indelével na constituição e construção do povo de Israel.

O pensamento dos sábios da época pós-primeiro exílio até pós-segundo exílio levou a criar paradigmas que enfrentassem os desafios requeridos. A jornada que se iniciou mediante a saída de Abraham de Ur de Casdim (Ur de Caldeia), propiciou que as trajetórias estivessem acompanhadas de uma profunda elevação ética que foi difícil de compreender para um mundo tão canibal como o de então. A concepção vital das ideias aprofundou conjugações verbais que estavam sempre adiantadas. Sem dúvida, esta forma de enfrentar a vida baseada em um modelo chamado Torá, despertou sentimentos de inveja que deram lugar à judeufobia. A falta de respostas para os paradigmas da vida foi uma das complexas situações que deu lugar às frustrações do mundo não judaico. Frustrações são situações opostas aos comportamentos éticos.

IHU On-Line - O que o Judaísmo tem de específico em sua constituição interna que, sem isso, a religião se descaracterizaria?
Ruben Najmanovich - Existem três fundamentos vitais:
1- Amarás a Teu D'us[1] com todo o co-

1 **Uma das formas utilizadas por alguns judeus de língua portuguesa para se referirem**

flash.indd 21 3/8/2009 17:17:30

ração;
2 - Amarás ao próximo, como a ti mesmo;
3 - Estudar, investigar e aprofundar faz parte do desenvolvimento do conhecimento.

IHU On-Line - Como o Judaísmo se relaciona com as demais tradições religiosas? Há abertura e espaço para possíveis negociações ou troca de valores?
Ruben Najmanovich - O Judaísmo respeita as demais tradições religiosas e as crenças. Existe abertura para explicar, desmistificar, esclarecer. Isso não quer dizer trocas ou negociações. Não se podem negociar valores tão fundamentais, que deram, em muitos momentos da história da humanidade, uma visão de respeito, de ética, de amor e compreensão, para obter o quê? Para que as pessoas me conheçam ou aprendam não necessito deixar de ser eu, para poder ser ele. Tenho que seguir sendo eu e explicar ao próximo o que me levou a ser de um determinado jeito.

IHU On-Line - Qual é a contribuição específica que o Judaísmo pode dar para uma possível solução à crise fundamental que vivemos hoje, a crise da economia global, da ecologia, da política?
Ruben Najmanovich - Começar a olhar para os valores sociais, ecológicos e econômicos que a Torá, sendo Divina, em sua sabedoria, dá às respostas para os questionamentos. O ano sabático[2] e o ano jubilar[3] são duas respostas aos desafios socioeconômicos e ecológicos que hoje o mundo pede.

Observar a lei de Orláh é dizer como se deve podar uma árvore, como respeitar as leis de desenvolvimento do trabalho agrário, cuidando do equilíbrio animal. Isso faz parte de um melhor olhar ecológico para nosso mundo. Entretanto, temos outros olhares: a distribuição da riqueza, o conceito do dizimo (Maaser), a justiça social (Tsedakáh), doações voluntárias (terumáh) são vitalmente fundamentais, para uma melhor convivência do ser humano com a natureza e o desenvolvimento socioeconômico.

O Judaísmo não tem uma teoria política, mas duas. Não apenas tem sua própria teoria sobre o Estado, provavelmente a primeira do gênero, mas também uma teoria política da sociedade, algo bastante raro na história do pensamento e, até hoje, não superada em sua simplicidade e humanidade.

Uma das formas que explica o conceito internalizado pelo judeu e pelo judaísmo é a palavra Tsedek, contrastando-o com duas outras teorias políticas: o capitalismo e o socialismo. O capitalismo tem como objetivo a igualdade de oportunidades, e o socialismo, a igualdade de resultados. A visão judaica aspira a uma sociedade com igual acesso à dignidade e à esperança. Diferente do socialismo, ela acredita no mercado livre, na propriedade privada e na mínima intervenção governamental. Diferente do capitalismo, acredita que o mercado livre, isento de redistribuições periódicas cria desigualdades que, com o tempo, se tornam insustentáveis, pois privam indivíduos da independência e da esperança.

> "O Judaísmo tem uma riqueza tão profunda que tudo tem uma explicação, uma concepção e existem didáticas pedagógicas para transmitir"

Tsedek está construído sobre a ideia de que posse e propriedade são coisas distintas.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso atuais para a construção da paz? Como é possível uma aproximação de fato do Judaísmo com outras religiões?
Ruben Najmanovich - A pergunta tem uma resposta muito fácil. Quando não existir mais esse questionamento, já se deu o primeiro passo para começar a dialogar, a intercambiar. Contudo, as outras religiões não deveriam se aproximar do Judaísmo? O Judaísmo foi a única fé, crença, conhecimento, filosofia de vida que concedeu à humanidade riquezas de ordem cultural, científica, social e que, principalmente, nunca sofreu uma hecatombe, como sofreram as demais religiões. Para culminar desejo expressar que a maior paz existe entre aqueles que discordam.

IHU On-Line - Em uma sociedade moderna (pós-moderna ou até mesmo ultramoderna), como fica o papel da religião? Estamos em uma sociedade pós-religiosa também?
Ruben Najmanovich – Alguns disseram que a religião atrofia as mentes, e outros, como Karl Marx, que a religião é o ópio do mundo. Todos esses achavam que eliminar D'us da relação homem com seu próximo, consigo mesmo e com o Criador, se poderia fazer com uma simples declaração ou até mesmo com uma atitude hipócrita, negando aquilo que é primordial para poder crescer e manifestar por atos. Eles passaram pela história, deixaram movimentos que, vistos de uma ótica objetiva, produziram o caos. Tolice humana não deixar D'us ser parte do desenvolvimento humano. Enquanto foi elaborado isso, fizeram-se em nome de D'us atrocidades. É tempo de refletir nesta época de pós-modernismo a possibilidade de deixar conhecer a religião através do pragmatismo e de suas concepções. Algumas crenças terão de introspectar dentro de sua teologia e observar valores equívocos, conceitos errados e didáticas sem fundamentos.

O Judaísmo tem uma riqueza tão profunda que tudo tem uma explicação, uma concepção e existem didáticas pedagógicas para transmitir. Finalmente expresso: Educação é aquilo que ficou depois de haver-me esquecido de tudo aquilo que aprendi.

ao criador do mundo sem citar seu nome completo, em respeito a um mandamento recebido por Moisés. (Nota da **IHU On-Line**)
2 **Ano sabático:** ano em que a pessoa tira sem trabalhar, especialmente no mundo acadêmico. Tem origem na palavra Shabat , da qual se deriva o termo Sábado. (Nota da **IHU On-Line**)
3 **Ano jubilar:** também conhecido como jubileu, é uma comemoração religiosa da Igreja Católica, celebrada dentro de um Ano Santo, mas o que difere deste é que a celebração jubilar é feita de 25 em 25 anos. A celebração cristã se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, de onde temos a tradição judaica como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 22 3/8/2009 17:17:31

"O papel social da religião mudou"

Para o teólogo Pedro Rubens, a efervescência religiosa brasileira representa a reconstituição do tecido cristão

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

Na sociedade pós-metafísica "o Cristianismo deve ser repensado para além das categorias do pensamento metafísico, da mesma forma que deveria reencontrar seu lugar numa sociedade que não é mais regida pelas normas religiosas", sustenta Pedro Rubens, doutor em Teologia pelo Centre Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele ressalta que o paradigma metafísico "não dará conta de responder às novas questões colocadas pela existência humana em sua historicidade e pelas ciências em sua complexidade e especificidade". Considerando que o papel social da religião mudou, Rubens frisa que o Cristianismo vive uma situação extremamente paradoxal. E explica: "por um lado, ele é solidário com o declínio da civilização cristã ocidental e o eclipse da religião como referencial da sociedade; mas, por outro, a fé cristã é afetada pelo ressurgimento do religioso sob as formas mais arcaicas, no seio da vida moderna".

Reitor da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) desde 2006 e professor de Teologia no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, Pedro Rubens é formado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia (FAJE) de Belo Horizonte. Cursou o mestrado e o doutorado no Centre Sèvres, Faculdades Jesuítas de Paris. Sua tese leva o título *La foi vécue au pluriel. Penser avec Paul Tillich, un discernement théologie du croire en contexte brésilien* e deu origem à obra *O Rosto Plural da Fé: da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer* (São Paulo: Loyola, 2008), que será lançada no X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades. De sua produção bibliográfica citamos *Karl Rahner em perspectiva* (São Paulo: Loyola, 2004), *Karl Rahner: 100 anos. Teologia, filosofia e experiência espiritual* (São Paulo: Loyola, 2005), em parceria com Francisco Taborda. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as especificidades do Cristianismo e como ele se relaciona com as demais tradições religiosas, Islamismo e Judaísmo?

Pedro Rubens - Essas três tradições culturais e religiosas se definem como monoteísmos e são identificadas como religiões do Livro. No entanto, a interpretação da unicidade de Deus, o conceito de religião e o tipo de relação aos textos fundadores são bem diferentes em cada uma delas. Isso não implica necessariamente conflito, da mesma forma que as eventuais semelhanças formais não são suficientes para fundar o diálogo esperado. Na verdade, seria bem mais interessante e enriquecedor um diálogo com base nas diferenças, no diferencial de cada uma delas. Dito isso, o Cristianismo postula sua especificidade em uma concepção bastante dialética: postula a fé em um único Deus, mas o compreende em sua revelação trinitária (Pai, Filho e Espírito Santo); pode ser considerado uma religião do Livro, mas vive de uma constante interpretação das tradições escritas e não escritas; embora identificado com um sistema religioso próprio, composto de ritos, símbolos, doutrinas e normas, está constantemente em processo de crítica de toda e qualquer instituição religiosa, em nome da soberania de Deus. Finalmente, é a pessoa de Jesus Cristo ou a narrativa de sua paixão, morte e ressurreição que constitui o núcleo da diferença cristã, determinando a concepção do tipo de monoteísmo, a relação com o Livro e a própria noção dialética de religião. O Cristianismo consiste num monoteísmo trinitário, numa "religião da superação da religião" (P. Tillich[1]) ou "religião da interpretação" (M. Gauchet[2]) e numa

1 **Paul Tillich** (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultados *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Marcel Gauchet:** filósofo francês, que com Luc Ferry é autor do livro *O religioso após a religião* (Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L'atelier. 2004). Confira, no site do Instituto Humanitas Unisinos, www.unisinos.br/ihu, Notícias do Dia, o seguinte material: "Os direitos individuais paralisam a democracia", assegura Marcel Gauchet, em 20-02-2008, disponível para download no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=12215, "Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião", entrevista com Marcel Gau-

flash.indd 23 3/8/2009 17:17:31

interpretação dos textos sagrados com base em novas situações contextuais (cf. I Pd 3,15) e confrontados ao evento Jesus, confessado como o Cristo, Filho único de Deus, mediador universal entre Deus e a humanidade inteira. Eis, portanto, que a fé cristã se baseia num paradoxo: por um lado, tem sua revelação plena em Jesus Cristo, historicamente situado e, por outro lado, essa revelação concerne toda a humanidade, de todos os lugares e tempos. Essa dinâmica vital indica a necessidade de um diálogo que nos permita afirmar a especificidade da fé, sem negar o valor de outras tradições religiosas e culturais, bem como o aporte das mediações históricas da fé em Deus "totalmente outro".

IHU On-Line - O Cristianismo está contribuindo para o diálogo inter-religioso ou as ações desenvolvidas pela Igreja ainda são tímidas? Quais são as possibilidades e limites nesse sentido?

Pedro Rubens - Creio que sim, mas é preciso fazer algumas considerações preliminares, antes de indicar algumas possibilidades do aporte cristão ao diálogo inter-religioso.

Primeiro, Cristianismo e Igreja Católica, Apostólica com sede em Roma são realidades que devemos distinguir, considerando a real diversidade interna do Cristianismo. Neste primeiro nível de diálogo, importa avançar nas experiências e reflexões sobre o ecumenismo entre as diversas confissões e igrejas cristãs, sem esquecer-se do diálogo indispensável dentro de cada Igreja/comunidade. Em segundo lugar, deve-se continuar o diálogo com as tradições monoteístas, notadamente com o Judaísmo e o Islã. Em terceiro, precisamos estabelecer um maior diálogo com as outras religiões do mundo, na sua prodigiosa diversidade, sem esquecer-se de buscar as tradições próprias de cada contexto. Acredito que o Cristianismo em geral e o Catolicismo em particular devem tomar iniciativas, seja onde eles são hegemônicos, seja onde são minoritários. Para além dos atos de perdão por atitudes que nem sempre privilegiaram o diálogo e os valores evangélicos, postulo que temos algumas concepções favoráveis a essa tomada de iniciativa: a noção de encarnação superando o abismo entre humano e divino; a prática da interpretação constante dos textos e das tradições religiosas; a perspectiva do discernimento que poderá evitar um juízo *a priori* da realidade ou da experiência, sem o devido reconhecimento dos valores. Essas possibilidades revelam certamente um limite: trata-se de uma percepção cristã. Uma justa consciência do limite, porém, já é uma nova possibilidade. Por exemplo: alguém poderia pensar que a pertença efetiva a uma comunidade religiosa ou à confissão de um credo seria um limite para o diálogo com outra religião; em sentido oposto, alguém que não tem nenhuma confissão de referência, poderia parecer pretensamente mais apto ao diálogo. Porém, esse vazio empobrece também a possibilidade de intercambio e diálogo. Na verdade, essa linha que separa é também a que estabelece a relação de fronteiras. Lugar de risco, certamente; mas, igualmente, lugar privilegiado para os intercâmbios.

> "O catolicismo popular brasileiro, com todo o seu imaginário de representações, é a matriz religiosa mais importante para compreender o movimento religioso migratório e um bom ponto de partida para pensar um diálogo inter-religioso com base na própria formação histórica de nosso povo"

IHU On-Line - Como as religiões monoteístas dialogam com o pluralismo religioso e o "trânsito inter-religioso", como vemos especialmente em países de grande sincretismo como o Brasil?

Pedro Rubens - Não apenas esses diálogos são diferentes para cada monoteísmo, como no interior deles, cada região do mundo ou momento histórico específico. Deve-se distinguir o fenômeno do pluralismo religioso e do trânsito de uma religião para outra, ou de uma igreja para outra. No Brasil, há uma diversidade de tradições que precisam ser mais pesquisadas, conhecidas e valorizadas, com destaque e prioridade para as tradições de matrizes afro-brasileiras. Porém faz-se indispensável um estudo interdisciplinar das matrizes populares e da memória viva dessas tradições, indissociáveis da vida real de nosso povo e de suas diversas narrativas, para além dos conceitos totalizantes, como "sincretismo", incapazes de dar conta da real diversidade.

Vivemos, no Brasil, uma efervescência religiosa sem precedente, suscitando uma ambiguidade sem limites. Esse fenômeno impressiona não tanto por uma simples perda de adeptos por parte do Catolicismo, mas pela migração de fiéis de uma Igreja para outra. Entretanto, não se trata propriamente de um fenômeno de "retorno do religioso", inclusive porque este nunca saiu do cenário brasileiro; nem se trata de um real pluralismo religioso. Trata-se, sobretudo, de uma reconstituição do próprio tecido cristão, em um país marcado historicamente por uma forte evangelização católica e uma rica mescla cultural e religiosa, não sem

chet, em 09-02-2008, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11609, e "A França é um país profundamente deprimido", afirma Marcel Gauchet, em 23-04-2007, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=6686. Nesta edição, confira a entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**: *As religiões não são mais determinantes para a vida coletiva.* (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 24 3/8/2009 17:17:31

conflitos de toda natureza. Sobre a base de um catolicismo popular e tradicional, portanto, surgiram sucessivamente diferentes expressões de fé, resultado de muitos fatores sociorreligiosos, que vão das necessidades mais prementes aos desejos mais místicos, das utopias históricas mais revolucionárias aos messianismos políticos mais tradicionalistas. Mas, por sua vez, será que o "trânsito de uma religião a outra" ou alguns movimentos migratórios de uma igreja a outra representam uma real mudança de matriz cultural e religiosa? Por exemplo: um católico, quando migra para uma igreja neopentecostal, reencontra aí alguns elementos da religiosidade popular, inclusive mais identificados com o Catolicismo tradicional que com a tradição própria das igrejas inspiradas na Reforma. A leitura apocalíptica ou messiânica das Escrituras, bastante frequentes nas igrejas neopentencostais, são bastante próximas dessas figuras na religiosidade popular brasileira, ela própria muito eclética e ambígua.

Nesse sentido, o catolicismo popular brasileiro, com todo o seu imaginário de representações, é a matriz religiosa mais importante para compreender o movimento religioso migratório e um bom ponto de partida para pensar um diálogo inter-religioso com base na própria formação histórica de nosso povo.

IHU On-Line - Que ações são imprescindíveis para a construção da paz planetária? O senhor concorda que a proposta de uma ética mundial é o caminho?

Pedro Rubens - Primeiro, conhecer melhor a diversidade, para além dos clichês e estereótipos, reconhecendo a real complexidade de concepções religiosas, culturais, históricas e políticas, sobretudo de cada região de conflito. Segundo, precisamos realizar cada vez um discernimento para distinguir melhor as motivações religiosas das outras causas e interesses: não raras vezes, as religiões correm o risco de entrar nos conflitos como uma legitimação de interesses políticos, usando o nome de Deus para camuflar interesses humanos questionáveis por eles mesmos e, sobretudo, com o perigo de projetar as responsabilidades humanas para outras esferas. Enfim, creio que é possível vislumbrar uma ética de consensos para além dos tratados de paz em tempos de guerra, para além das concepções religiosas e culturais. No entanto, tal carta magna planetária precisaria conjugar direitos e valores fundamentais com o respeito das diferenças.

Não sei se a chamada ética mundial é "o" caminho, mas certamente aponta para alguns passos importantes. Aliás, diante de situações complexas, fica difícil acreditar em resposta simples, caminho único e solução definitiva. Há várias situações internacionais, no entanto, que reclamam uma legislação ou instituições mediadoras acima dos interesses locais. Há, certamente, experiências exitosas que poderiam ser refletidas e universalizadas. Porém, não se pode esquecer a dificuldade do ponto de partida: de onde e de quem? Nesse sentido, creio que é preciso criar novas instituições com base em consensos teóricos e práticos rumo à construção de uma ética internacional, visando à história comum da humanidade e ao cuidado responsável com o planeta.

> "As religiões correm o risco de entrar nos conflitos como uma legitimação de interesses políticos, usando o nome de Deus para camuflar interesses humanos questionáveis por eles mesmos e, sobretudo, com o perigo de projetar as responsabilidades humanas para outras esferas"

Certamente, o Cristianismo e as religiões poderão colaborar, mas sem ignorar um histórico de violências que envolveram diretamente as religiões. De toda sorte, sem instituições internacionais de consenso e sem experiências de reconciliação será difícil avançar. Penso, portanto, que se a criação de instâncias mediadoras releva mais da esfera política, em sentido amplo, as práticas de reconciliação poderiam ser uma forma de contribuição das religiões, na construção da paz. Mas, "vamos precisar de todo o mundo", o que supõe uma concepção de comunidade humana não apenas para além das diferenças, mas justamente pelo reconhecimento mínimo delas.

IHU On-Line - Que contribuições o Cristianismo pode oferecer para a humanidade neste momento de crise (social, ambiental, de valores, financeira, de fé, de ética) em que nos encontramos?

Pedro Rubens - O patrimônio da experiência cristã é mais rico e diverso que sua história oficial e sua expressão institucional, contada já com chaves conceituais de épocas distintas. Antes de antecipar qualquer possibilidade de contribuição cristã ao diálogo, eu recordaria a singularidade da *kenosis* (cf. M. Hurtado) ou do "aniquilamento próprio" em nome do outro (ou do Outro), como atitude fundamentalmente cristã de diálogo: isso não significa que outras tradições não a cultivem, mas que para o cristão é indissociável pela referência explícita à atitude de Jesus Cristo. Evidentemente, essa atitude quebra com a lógica moderna e a necessidade de autoafirmação da subjetividade. Mas, é um princípio análogo ao da não violência ativa, com sua força, fragilidade e riscos. Os riscos permanecem, mas Jesus Cristo não recuou nem diante da ameaça de morte. Não se trata de submissão, mas de "coragem de ser" (P. Tillich), assumindo a vida até as últimas consequências. Esse aniquilamento de si não é desumanizante, ao

flash.indd 25 3/8/2009 17:17:32

contrário, esconde e revela a esperança cristã, sem a qual a fé seria cega, assim como sem amor a fé é morta.

Para além da experiência religiosa do Sagrado, a fé cristã pretende ser uma experiência de Deus como "experiência do sentido radical da existência" (Lima Vaz) em todas as suas dimensões: na dimensão subjetiva, a fé postula uma liberdade que não se deixa corromper nem pela violência do outro, exercitando a capacidade de amar o inimigo, pois, como diziam os padres da Igreja, os cristãos não temem nem a morte (Carta a Diogneto); na dimensão intersubjetiva, a esperança constrói relações para além do toma lá dá cá, apostando que o outro é imagem e semelhança de Deus, nosso Pai, portanto, acredita-se na esperança de uma fraternidade universal, para além de raça, sexo, religião, ideologia; enfim, na dimensão objetiva, a esperança é uma forte contribuição diante de todos os fracassos e fatalismos históricos, diante dos absolutismos e relativismos, diante de toda visão negativa do ser humano, do mundo e de Deus. A esperança não é apenas, como diz o dito popular, "a última que morre", mas aquela que não decepciona nunca; quem espera, espera contra toda esperança (Rm 4,18).

IHU On-Line - Para Hans Küng, há um princípio que pode ser encontrado em muitas tradições religiosas e éticas da humanidade: não faças aos outros o que não queres que te façam (ou, em termos positivos, faças aos outros o que queres que te façam). O senhor também considera que esse deve ser um princípio, uma norma incondicional entre as nações e religiões?

Pedro Rubens - A gente poderia pensar também no princípio da não violência ativa, na própria declaração universal dos direitos humanos etc. Porém, afirmar a absolutidade de qualquer princípio já pode ser um começo suspeito, apesar de eu estar de acordo com este princípio, em particular. Porém, a dificuldade é como construir o consenso em torno desse principio? Como fazer com quem não estiver de acordo, sem cair em contradição performativa? A versão que parte da negativa "não fazer..." teria mais força que a inversão proposta ou usada por Jesus?

Na verdade, essa máxima ética não releva de um principio religioso; mas é muito interessante a forma como Jesus inverteu a lógica do provérbio popular, insistindo na atitude positiva e da iniciativa, como uma espécie de política afirmativa. De toda sorte, esse princípio de sabedoria ética não deve ser identificado com o Cristianismo nem com nenhuma religião, pois, a rigor, ele não tem nenhum conteúdo religioso; ele poderia ser referido a uma sabedoria popular. A versão propositiva de Jesus, entretanto, supõe um esforço maior, pressupondo a iniciativa do sujeito, tornando-a ainda mais difícil de ser traduzida em norma objetiva, incondicional para todas as nações e religiões. Enfim, apesar de importante e inspirador, não deixa de ser um princípio mínimo e que, de alguma forma, não pode ser transformado em lei, apenas proposto como um convite. No fundo, não é a questão de Deus que faz problema, mas a questão do outro, figura que assume na nominação de Deus dimensões sem limites.

> **"O problema não é de desaparecimento das religiões, mas de fim de uma época em que elas representavam, de uma forma ou de outra, o fundamento da visão de mundo ou a norma de organização da sociedade"**

IHU On-Line - É possível falar de uma sociedade pós-metafísica, pós-religiosa? Que papel o Cristianismo desempenha nesse contexto?

Pedro Rubens - Admitindo o linguajar de uma sociedade pós-metafísica e pós-religiosa, entendemos que o Cristianismo deve ser repensado para além das categorias do pensamento metafísico, da mesma forma que deveria reencontrar seu lugar numa sociedade que não é mais regida pelas normas religiosas. A rigor, o paradigma metafísico pode estar presente ao lado de outros, mas tudo indica que ele não dará conta de responder às novas questões colocadas pela existência humana em sua historicidade e pelas ciências em sua complexidade e especificidade. Por sua vez, nas sociedades modernas ocidentais de direito e de fato, o papel social da religião mudou. O Cristianismo vive uma situação extremamente paradoxal e ambígua: por um lado, ele é solidário com o declínio da civilização cristã ocidental e o eclipse da religião como referencial da sociedade; mas, por outro, a fé cristã é afetada pelo ressurgimento do religioso sob as formas mais arcaicas, no seio da vida moderna. Dada a sua complexidade, esse fenômeno depende de uma pluralidade de fatores. Parece inegável, no entanto, que há uma verdadeira onda religiosa e um renovado interesse pelo "espiritual". Contudo, em princípio, isso não significa uma contradição com os diagnósticos do "fim da religião", embora se exija uma maior precisão: o problema não é de desaparecimento das religiões, mas de fim de uma época em que elas representavam, de uma forma ou de outra, o fundamento da visão de mundo ou a norma de organização da sociedade. Diante do fim desta função, porém, resta ainda perguntar-se sobre o "fim", no sentido de uma *teleologia* da dimensão religiosa do ser humano e da religião como tal para a história da humanidade.

Finalmente, essa onda religiosa atual não autoriza nenhuma religião a sonhar com um retorno das teocracias históricas, nem permite ao Cristianismo ocidental reivindicar um estatuto politicamente privilegiado nas sociedades contemporâneas, ditas "pós-cristãs". Por sua vez, o fim desse papel do Cristianismo no Ocidente não significa que ele fique "desobrigado" diante dos grandes debates da vida moderna, no tocante aos problemas mais pessoais até os desafios de uma sociedade em vias de globalização. Essas questões vitais concernem ao Cristianismo, na medida em que se

flash.indd 26 3/8/2009 17:17:32

O diálogo inter-religioso e a consciência humana universal

Para o teólogo Claude Geffré, o diálogo inter-religioso não conduzirá ao relativismo, se as religiões forem fiéis à suas identidades

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin | Tradução Benno Dischinger

As três grandes religiões monoteístas são portadoras de uma mensagem muito importante para o futuro da humanidade, defende o teólogo francês Claude Geffré. Em entrevista concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Geffré afirma que o diálogo inter-religioso deveria ser facilitado "já que as três religiões monoteístas confessam um Deus criador, Senhor do universo, e prometem a todo o ser humano uma salvação eterna após a morte".

Receptivo à ideia do teólogo alemão Hans Küng, Geffré aponta a proposta de uma ética global "no sentido de que o diálogo inter-religioso deve tomar em conta este interlocutor que é o humanismo secular, ou ainda o consenso da consciência humana universal". E enfatiza: "É desejável que o futuro do diálogo inter-religioso esteja sob o signo de uma interpelação recíproca das morais religiosas e das éticas seculares". Para que o verdadeiro diálogo aconteça, sem que as religiões percam sua identidade particular, Geffré aconselha: "Elas devem, em primeiro lugar, visar melhor ao conhecimento das grandes religiões do Oriente e compreender que elas não são unicamente religiões da imanência." E continua: "Há religiões sem Deus que, no entanto, têm o sentido da transcendência. E é justamente porque elas têm um agudo sentido da transcendência que elas querem ultrapassar a determinação de um deus pessoal".

Claude Geffré reside em Paris e é autor de alguns dos mais importantes textos sobre os efeitos do pluralismo religioso, além de ser membro do Comitê Científico da revista internacional de Teologia *Concilium*. Por mais de 20 anos, foi professor de Teologia Dogmática em Le Saulchoir e ainda lecionou Hermenêutica Teológica e Teologia das Religiões, no Institut Catholique de Paris. Em 1996, foi eleito diretor da École Biblique de Jerusalém. Com Régis Debray publicou o livro *Avec ou sans Dieu? Le philosophe et el théologien* (Paris: Bayard, 2006). Publicou tambem *De Babel à Pentecôte. Essais de théologie interreligieuse* (Paris: Cerf, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor concebe a inculturação do Judaísmo, do Cristianismo e do Islã no mundo, num momento de globalização e de fronteiras sempre mais abertas?

Claude Geffré - A inculturação de cada um dos três monoteísmos levanta problemas específicos. Mas, na época da globalização do mundo e de um pluralismo religioso e cultural cada vez maior, é preciso insistir na responsabilidade histórica comum dos três monoteísmos ante a comunidade mundial. A despeito de sua própria singularidade, os três monoteísmos são portadores de uma mensagem muito importante para o futuro da humanidade, a saber, o en-

"Esse papel do cristão no mundo, a ser reinterpretado em cada situação nova, independentemente do status social da religião, é uma consequência da própria dinâmica da Encarnação, sem a qual o Cristianismo não seria mais ele mesmo"

implicam o ser humano na sua dignidade inalienável, a sociedade em seus projetos de busca de uma maior justiça e fraternidade, a história humana e o destino do planeta. Trata-se de uma nova forma de habitar o mundo ou o "Cristianismo como estilo" (C.Theobald)[3]. Esse papel do cristão no mundo, a ser reinterpretado em cada situação nova, independentemente do *status* social da religião, é uma consequência da própria dinâmica da Encarnação, sem a qual o Cristianismo não seria mais ele mesmo. Como diziam os pais da Igreja (patrística), "o que não foi assumido pelo Verbo feito carne, não foi salvo". É tarefa da Teologia dar razões de nossa esperança (1 Pd 3,15), mas, antes de tudo, é próprio da fé cristã "esperar contra toda esperança" (Rm 4,18) e, assim, contribuir, corajosa e humildemente, eficaz e modestamente, na reconstrução das identidades pessoais e culturais, na história comum da humanidade mundializada e no destino da vida no planeta, ameaçado e a ser assumido responsavelmente.

3 **Christoph Theobald:** teólogo jesuíta, professor da Faculdade de Teologia do Centre-Sèvres em Paris e especialista em questões de teologia fundamental e de história da exegese. Em 16-09-2009 proferirá a conferência *Cristianismo como estilo e a narrativa de Deus numa sociedade pós-metafísica*, dentro da programação do **X Simpósio Internacional IHU - Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibildiades e Impossibilidades**. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 27 3/8/2009 17:17:32

sinamento da *Tora*, isto é, a impossibilidade de dissociar o amor de Deus e o amor do próximo.

IHU On-Line - Em alguns de seus textos o senhor diz que "o Cristo é universal, mas o cristianismo não o é". O que significa isso na época do pluralismo religioso?

Claude Geffré - Eu jamais disse que o Cristianismo não é universal. Eu digo simplesmente que não é preciso atribuir-lhe, como religião histórica, uma universalidade que não pertence senão ao Cristo que, como evento transistórico, concilia nele o absolutamente universal e o absolutamente concreto. Isso quer dizer que não convém absolutizar o Cristianismo como se ele totalizasse todos os valores religiosos das outras religiões. Além disso, podem-se encontrar nas outras tradições religiosas certos germes de verdade, de bondade e de santidade que têm um elo secreto com o mistério do Cristo que domina toda a história humana desde seu começo.

IHU On-Line - Segundo sua opinião, quais são as principais questões teológicas que dificultam o diálogo entre o Cristianismo e o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã? E quais são as principais questões históricas que geram dificuldades para este diálogo?

Claude Geffré - É impossível dissociar as questões teológicas das questões históricas. Em princípio, o diálogo deveria ser facilitado, já que as três religiões monoteístas confessam um Deus criador, Senhor do universo e prometem a todo ser humano uma salvação eterna após a morte. Nós adoramos o mesmo Deus, como dizia João Paulo II,[1] mas a história testemunha lutas fratricidas entre os filhos de Abraão.[2] Judeus, cristãos e muçulmanos reivindicam uma palavra de Deus diferente, com base em textos fundamentais diferentes: a Bíblia hebraica, o Novo Testamento, o Corão. O diálogo entre judeus e cristãos é difícil porque os judeus sempre esperam a vinda do Messias, enquanto os cristãos identificam Jesus Cristo como o Messias esperado. Mas o século XX inaugura uma nova era na relação entre o Judaísmo e o Cristianismo. Por ocasião do trágico evento da Shoah[3] (holocausto), a Igreja fez um ato de arrependimento pelas diversas formas de um antijudaísmo que tem podido favorecer no decurso dos séculos um antissemitismo do qual Auschwitz foi a expressão mais extrema. E o concílio Vaticano II[4] tomou suas distâncias diante de uma falsa teologia cristã do Judaísmo, a da *substituição,* segundo a qual a Igreja substitui Israel. As promessas de Deus ao povo judaico são feitas sem arrependimento e é preciso falar de um cumprimento do Judaísmo pelo Cristianismo que respeite a irredutibilidade do povo eleito. Há um face a face da Igreja e de Israel e uma emulação recíproca entre ambos até o advento do Reino de Deus.

IHU On-Line - O que significam, para o diálogo islamo-cristão, as proposições dos muçulmanos que apresentam Jesus como profeta, místico e santo? Isso contribui para uma aproximação e um diálogo ou gera dificuldades?

Claude Geffré - O próprio Corão testemunha um respeito muito grande pelo profeta Jesus. Embora recuse absolutamente confessá-lo como Filho de Deus, ele é, como diz a tradição, o "selo da santidade"[5], na medida em que seu nascimento virginal em Maria manifesta que ele procede diretamente do Espírito de Deus. Nesse sentido, ele é maior que o profeta Maomé, embora ele não seja o último dos profetas. É o privilégio de Maomé ser o "selo da profecia"[6], aquele que cumpre as profecias de Abraão, Moisés e Jesus. O diálogo entre o Cristianismo e o Islã se torna muito difícil no plano teológico, na medida em que o islã recusa os dogmas fundamentais do Cristianismo, o mistério trinitário e o mistério da encarnação. Mas pode-se esperar muito de certos trabalhos históricos sobre as fontes do Corão relativas ao Cristianismo que o profeta Maomé pôde conhecer. Por que tal desconhecimento da filiação divina de Jesus, que é sempre entendida num sentido carnal, e então tal caricatura da Trindade onde é Deus o Pai que gera um filho no seio de Maria? Mas, ao mesmo tempo, é verdade que a profecia islâmica tem um papel de *alertador* contra uma compreensão insuficiente da Trindade, que implicaria ofensa à unicidade absoluta de Deus.

IHU On-Line - Que mudanças o senhor aponta para que as religiões monoteístas pratiquem verdadeiramente o diálogo inter-religioso, sem perder sua identidade?

Claude Geffré - Elas devem, em pri-

1 **Papa João Paulo II** (1920 - 2005) foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica, Apostólica, Romana de 16 de outubro de 1978 até 2005 e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Abraão**: personagem bíblico citado no Livro do Gênesis com o qual se desenvolveram três das maiores vertentes religiosa da humanidade: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Segundo a Bíblia, a mais provável procedência de Abraão seria a cidade de Ur dos caldeus, situada no sul da Mesopotâmia, onde seus irmãos também teriam nascido. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Shoá**: na língua iídiche (diáleto do alemão falado por judeus ocidentais) significa calamidade, e é o termo deste idioma para designar o holocausto. É utilizado por muitos judeus e por um número crescente de cristãos, devido ao desconforto teológico com o significado literal da palavra Holocausto. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11 de noivmebro de 2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível para *download* na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. Ainda sobre o tema, a **IHU On-Line** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23 (Nota da **IHU On-Line**)

5 No original, em francês, a expressão utilizada pelo entrevistado é "sceau de la sainteté". (Nota da **IHU On-Line**)

6 No original, em francês, a expressão utilizada pelo entrevistado é "sceau de la prophétie". (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 28 3/8/2009 17:17:33

meiro lugar, visar melhor ao conhecimento das grandes religiões do Oriente e compreender que elas não são unicamente religiões da imanência. Há religiões sem Deus que, no entanto, têm o sentido da transcendência. E é justamente porque elas têm um agudo sentido da transcendência que querem ultrapassar a determinação de um Deus pessoal. Elas nos ajudam a procurar um Deus sempre maior e a superar a representação antropomorfa de um diálogo entre a consciência humana e Deus. Em segundo lugar, as religiões monoteístas são tentadas a idolatrar sua própria verdade porque são fundadas na própria Palavra de Deus. Elas correm, então, o risco de se tornar intolerantes e mesmo fanáticas. O Judaísmo é sempre tentado a cair no exclusivismo. E, historicamente, o Cristianismo e o Islã tiveram uma pretensão hegemônica ante as outras religiões. Na era do pluralismo religioso, o diálogo entre as religiões não conduz ao relativismo se cada religião for fiel à sua própria identidade. Sem respeito por sua própria identidade, não haverá verdadeiro diálogo, mas consensos polidos. É precisamente na confrontação com o *outro* que eu reinterpreto minha própria identidade. Descubro, então, que minha própria verdade não é necessariamente exclusiva, nem mesmo inclusiva de outras verdades religiosas: ela é singular. Como crente, posso receber uma verdade revelada como uma verdade absoluta. Mas, minha concepção humana desta verdade é sempre parcial e relativa, segundo as respectivas épocas da história.

IHU On-Line - Quais são os princípios que devem regular o diálogo inter-religioso numa sociedade pós-metafísica? Ainda há espaço para as religiões nas sociedades ultramodernas? Se sim, qual o papel das religiões nesta nova era?

Claude Geffré - Eu não sei muito bem o que é preciso entender por "sociedade pós-metafísica". Mas constato que o projeto de uma sociedade secularizada imanente a ela mesma coincide com uma lógica totalitária. O Estado moderno, descartando as legitimações religiosas, tinha a ambição de assegurar uma existência social pacificada. Ora, não somente o Estado não elimina as fraturas sociais, mas ele gera muitas vezes a morosidade ou ainda o que alguns designam como "a era do vazio". É, pois, muito importante distinguir o Estado como sociedade política e a nação como comunidade moral que faz apelo a uma história fundada em valores comuns, em símbolos religiosos, ou não. Há, pois, lugar nas sociedades modernas para uma alteridade, uma transcendência que favorece o elo social e estimula a marcha em frente do grupo social. Tornou-se corrente dizer que a chegada da modernidade e da pós-modernidade coincide com o fim da religião, sobretudo no Ocidente. Um pensador francês como Marcel Gauchet[7] pôde escrever que o Cristianismo é "a religião de uma saída da religião". Mas, ele não confunde o fim da função social da religião cristã com o fim do Cristianismo como religião vivida, como utopia mobilizadora, como testemunho profético em favor de outro mundo possível. É porque o Cristianismo é a religião da saída da religião, compreendida como alienação da autonomia humana e como utilidade social, que o Cristianismo pode encarnar uma das figuras possíveis do futuro da religião.

> **"Alguns acreditam voluntariamente que a nova religião dos direitos do homem vai progressivamente tomar o lugar das religiões. Isso seria um erro fatal para o futuro da humanidade"**

IHU On-Line - Que tipo de ética o senhor reconhece nos grandes monoteísmos contemporâneos? Podem as religiões contribuir para a proposta de Hans Küng de uma ética mundial? Em caso afirmativo, que espécie de ética é possível e desejável?

Claude Geffré - Os três monoteísmos continuam sendo os testemunhos de um tesouro moral capital para a comunidade mundial, a saber, o conteúdo do Decálogo. Além disso, a Declaração Universal dos Direitos do Homem se refere a este *ethos* da religião de Israel. Mas, é verdade que a afirmação dos direitos do homem é uma conquista da consciência humana na reivindicação de sua autonomia diante de toda heteronomia religiosa. E é por isso que ela entra em conflito, não somente com a autoridade da Igreja, mas com a do próprio Deus. Hoje em dia, é a própria Igreja que quer defender e promover os direitos do homem, em particular a liberdade de consciência e a liberdade religiosa. Hans Küng[8] tem razão em

7 **Marcel Gauchet**: filósofo francês, que, com Luc Ferry, é autor do livro *O religioso após a religião* (Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L'atelier. 2004). Confira, no sítio do IHU o seguinte material: *Os direitos individuais paralisam a democracia*, publicado em 20-02-2008, *Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião*, entrevista com Marcel Gauchet, em 09-02-2008, e *A Franca é um pais profundamente deprimido*, publicado em 23-04-2007. Confira nesta edição uma entrevista exclusiva com ele. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Hans Küng** (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé – por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do "Projeto de ética mundial". Confira no site do IHU, www.ihu.unisinos.br, a edição 240 da

flash.indd 29 3/8/2009 17:17:33

propor uma ética global no sentido de que o diálogo inter-religioso deve tomar em conta este interlocutor que é o humanismo secular, ou ainda o consenso da consciência humana universal. É, pois, desejável que o futuro do diálogo inter-religioso esteja sob o signo de uma interpelação recíproca das morais religiosas e das éticas seculares. Concretamente, isso quer dizer que todas as religiões devem reinterpretar seus textos fundadores e suas tradições em função das aspirações fundamentais da consciência humana em matéria de direitos e de liberdades. Elas correm o risco de perecer se seus ensinamentos e suas práticas estiverem em conflito com o consenso da consciência humana universal. Inversamente, o humanismo secular deve ficar à escuta do tesouro ético do qual dão testemunho as tradições religiosas. Alguns acreditam voluntariamente que a nova religião dos direitos do homem vai progressivamente tomar o lugar das religiões. Isso seria um erro fatal para o futuro da humanidade. O cruel século XX nos demonstrou a trágica fragilidade da consciência humana deixada a si mesma e que pode legitimar os piores crimes contra a dignidade da pessoa humana. Nós sabemos melhor o que é intolerável, porque desumano. E, para o futuro, a vocação das grandes religiões do mundo é a de nos ajudar a decifra o que é o *humano autêntico*.

Leia Mais...

>> Claude Geffré concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU. Entrevista:

• *Religião com ou sem Deus? Um diálogo de Régis Debray com um teólogo*, publicada em 28-1-2007. A entrevista está disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=4505;

• *A secreta cumplicidade entre o humanismo de Jesus e o humanismo secular*, publicada na IHU On-Line número 248, de 17-12-2007. A entrevista está disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=886&id_edicao=276.

revista **IHU On-Line**, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". (Nota da **IHU On-Line**)

O papel contemporâneo da religião

Para o teólogo alemão Karl-Josef Kuschel, sem o cumprimento dos dez mandamentos de Deus, não haverá convivência pacífica no mundo

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin | Tradução Luís Marcos Sander

"Não há necessidade de 'negociações', e sim de intercâmbio de valores, e, acima de tudo, de ensino religioso, a fim de conscientizar as pessoas de que elas compartilham uma origem comum e um destino comum", defende Karl-Josef Kuschel ao comentar a relação entre as religiões monoteístas. Para o teólogo, elas compartilham tradições e têm muitos aspectos em comum, "não só em relação à ética, mas também à Teologia, em especial sua crença em Deus criador, mantenedor e consumador do ser humano".

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Kuschel frisa que no mundo inteiro há "uma mescla de fenômenos pós e pré-religiosos". Ele cita o secularismo, o humanismo, o pluralismo religioso, lembra o hedonismo e fala também do "retorno da religião" e do conceito pós-secular de Habermas. Entre tantas formas de seguir a Deus, ele lança o questionamento: "Será que isso também se aplica à África e à Ásia e a muitos países da América do Sul?" E complementa: "Se olharmos para o mundo muçulmano, encontraremos combinações paradoxais, envolvendo o uso de tecnologias ultramodernas e uma atitude de fundamentalismos ultratradicionais. Essas combinações inesperadas, essas misturas surpreendentes de elementos heterogêneos são típicas do papel contemporâneo da religião".

Karl-Josef Kuschel leciona Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen. É vice-presidente da Fundação Weltethos (Fundação Ética Mundial). É autor de *Jesus im Spiegel der Weltliteratur. Eine Jahrhundertbilanz in Texten und Einführungen* (*Imagens de Jesus na literature mundial. Textos e informações introdutórias para um século em perspectiva*) (Düsseldorf, 1999), *Jud, Christ und Muselmann vereinigt? Lessings "Nathan der Weise"* (*Judeu, cristão e mulçumano unidos? "Natã, o sábio", de Lessing*) (Düsseldorf, 2004). Ele escreveu o **Cadernos Teologia Pública** número 28, intitulado *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas*, e número 21, intitulado *Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em uma sociedade moderna (pós-moderna ou até mesmo ultramoderna), como fica o papel da religião? Estamos em uma sociedade pós-religiosa também?

Karl-Josef Kuschel - Sua pergunta exige uma resposta que corresponda aos desdobramentos muito diferentes que estão ocorrendo em diferentes continentes do mundo e em diferentes áreas dentro dos continentes. Nas grandes cidades do mundo inteiro, temos uma mescla de fenômenos pós e pré-religiosos. Temos secularismo e humanismo em vários graus e temos pluralismo religioso. Temos ainda a influência das igrejas tradicionais e o florescimento de novas "seitas"

flash.indd 30 3/8/2009 17:17:33

e movimentos religiosos, especialmente no Brasil. Após o colapso das ideologias tradicionais, temos muita desorientação e hedonismo e o que os sociólogos da religião chamam de "retorno da religião". O mais influente filósofo alemão contemporâneo, Jürgen Habermas,[1] falou recentemente de uma sociedade "pós-secular" em que nós (ao menos no Ocidente) vivemos. Pergunto-me: será que isso também se aplica à África e à Ásia e a muitos países da América do Sul? Se olharmos para o mundo muçulmano, encontraremos combinações paradoxais, envolvendo o uso de tecnologias ultramodernas e uma atitude de fundamentalismos ultratradicionais. Essas combinações inesperadas, essas misturas surpreendentes de elementos heterogêneos são típicas do papel contemporâneo da religião.

IHU On-Line - O que o Cristianismo tem de específico ou "inegociável" em sua constituição interna que, sem isso, a religião se descaracterizaria?
Karl-Josef Kuschel - O Judaísmo, o Cristianismo e o Islã estão vinculados desde o início. Eles compartilham entre si tradições que não compartilham com religiões de origem indiana ou chinesa. O Novo Testamento não pode ser entendido sem o legado da Bíblia Hebraica e das tradições rabínicas, e o Corão, a revelação de Deus para o mundo de fala árabe, vê-se situado na linha da revelação de Deus aos judeus e aos cristãos. O Judaísmo, o Cristianismo e o Islã são, com razão, chamados de "religiões monoteístas, proféticas e abraâmicas". Para rotular esta característica distintiva, falo de um "ecumenismo abraâmico" entre judeus, cristãos e muçulmanos. Como compartilham grandes tradições umas com as outras, estas religiões têm muito em comum, não só em relação à ética (os Dez Mandamentos também se encontram no Corão), mas também à Teologia, em especial sua crença em Deus como criador, mantenedor e consumador do ser humano. Não há necessidade de "negociações", e sim de intercâmbio de valores, e, acima de tudo, de ensino religioso, a fim de conscientizar as pessoas de que elas compartilham uma origem e um destino comuns.

1 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.ihu.unisinos.br, nas **Notícias do dia,** o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa, como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da **IHU On-Line**)

"Não haverá paz mundial sem justiça mundial"

IHU On-Line - Qual a contribuição que as religiões monoteístas podem oferecer à humanidade nesse momento de crise econômica, política e ecológica?
Karl-Josef Kuschel - Em todas as três religiões monoteístas, há pessoas que se dão conta de que a crença no mundo como criação de Deus implica uma forte responsabilidade pela Terra. Caso se leve a sério a crença de que o planeta não é propriedade do ser humano, mas uma dádiva de Deus, deixa-se de lidar de maneira irresponsável com os recursos deste mundo. Por causa de sua profunda convicção de que a Terra é uma dádiva de Deus, os adeptos das três religiões monoteístas deveriam ser a vanguarda na proteção do planeta contra a exploração total.

IHU On-Line - É possível um diálogo entre as diferentes religiões, sem que se descaracterizem ou se digladiem? Quais as condições deste diálogo?
Karl-Josef Kuschel - Vou começar falando dos limites. O diálogo inter-religioso não tem o objetivo de dissolver a identidade da religião da pessoa. As várias religiões têm reivindicações mútuas a respeito da verdade. A Torá é definitivamente o centro do Judaísmo, assim como o Corão o é para os muçulmanos, e a pessoa de Jesus Cristo, para os cristãos. Mas o relacionamento com "o outro" tem de partir justamente desse centro. Por ser cristão, tenho interesse nas experiências religiosas do "outro". Estou interessado e disposto a entender a alteridade do outro, a aprender da riqueza de suas tradições. A mais profunda motivação para mim como cristão é a firme crença de que todo ser humano é criado à imagem de Deus e a "regra de ouro" ensinada por Jesus: "O que queres que façam a ti, faze-o tu aos outros".

IHU On-Line - Como os 10 Mandamentos de Deus recebidos por Moisés perpassam o Cristianismo e as demais religiões monoteístas? Qual a sua validade e pertinência hoje, após milhares de anos após sua apresentação ao mundo?
Karl-Josef Kuschel - Nossos leitores e leitoras deveriam saber que mandamentos cruciais da tradição judaico-cristão-muçulmana também são compartilhados por adeptos de outras grandes religiões, como o hinduísmo, budismo ou confucionismo. Na declaração intitulada "Uma ética global", do Parlamento das Religiões Mundiais (Chicago, 1993), eles foram listados pela primeira vez na história das religiões: compromisso com uma cultura de não violência e respeito pela vida ("Não matarás"); compromisso com uma cultura de solidariedade e uma ordem econômica justa ("Não furtarás"); compromisso com uma cultura de tolerância e uma vida de veracidade ("Não mentirás"); compromisso com uma cultura de direitos iguais e de parceria entre homens e mulheres ("Não adulterarás"). Sem esses mandamentos básicos, não haverá convivência pacífica em nenhuma parte do mundo. Visto que o ser humano – falando do ponto de vista ético – não mudou ao longo de milhares de anos, os mandamentos milenares ainda são válidos.

IHU On-Line - Em linhas gerais, que tipo de ética o senhor reconhece nos grandes monoteísmos contemporâneos?
Karl-Josef Kuschel - Uma ética que segue a observação de que não haverá paz mundial sem justiça mundial.

flash.indd 31 3/8/2009 17:17:34

Diálogo inter-religioso: uma questão de saúde pública e planetária

Na opinião de Joe Marçal, a sociedade deve pensar o papel da religião na sociedade contemporânea e, com isso, "sair dessa letargia de espectadora resignada diante de tudo"

Por Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin

"O tema do diálogo inter-religioso hoje não é um requinte especulativo, também não deveria visar a uma espécie de brechó religioso, em que cada tradição vai buscar 'curiosidades' de outras para usar como 'próteses' ou enfeitar suas lacunas", escreve Joe Marçal em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, o verdadeiro diálogo entre as religiões e o espaço para trocas e negociações "se dão onde há um verdadeiro encontro entre alteridades". Aprender a conviver com as diferenças religiosas não se reduz a respeitar as tradições, as verdades, vaidades, mas sim a "vida do planeta".

Marçal reforça ainda que "a religião tem de se manter em sua função mediativa, sem fins lucrativos (...) e não ceder à pretensão soteorológica". E enfatiza: "Se algumas tradições religiosas puderem nos ajudar a rezar com simplicidade e sabedoria enquanto nos ocupamos responsavelmente com a complexidade de nosso tempo, já será grande coisa".

Graduado em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia, mestre e doutor na mesma área pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Marçal atua no Núcleo de pesquisa Teologia e Sociedade do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Ele também coordena atividades da Secretaria Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação e é pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que aspectos históricos e culturais específicos o senhor destaca para a constituição, ao longo do tempo, dos valores centrais da ética do Cristianismo?

Joe Marçal - A ideia de "valores centrais" para mim remete ao que é originário. Nesse sentido, o Novo Testamento sintetiza os aspectos históricos e culturais mais importantes para a ética do Cristianismo, considerando-o como documento de um acontecimento que se dá sob condições singulares. Dessas condições, destacaria: primeiro, o Judaísmo do primeiro século, com sua identidade marcada pelo movimento profético, com sua tradição e imaginário messiânico – um judaísmo que aprende, ao longo de gerações, a se afirmar e lidar criativamente com sua tradição em meio a uma história marcada por espoliação, exílio e vassalagem; segundo, o Helenismo, com seu espírito também criativo e sua sensibilidade estética, sua visão de mundo universalista e, ao mesmo tempo, sua percepção trágica da condição humana; dadas as condições políticas do Império Romano, o Cristianismo nasce assim, híbrido e sincrético. Mas não nasce como "cristianismo", e sim como um acontecimento, um movimento em torno de um preso político, como gosta de salientar Frei Beto. A pessoa de Jesus de Nazaré, seu carisma e o movimento messiânico que alçou em nome do "Reino de Deus", tornou possível a experiência inusitada das primeiras comunidades – cuja comunhão eucarística sacramentava um compromisso de bem comum e cuidado mútuo entre pessoas. Ora, aqui vamos encontrar valores centrais, como o da justiça, da graça ou da aceitação da diferença, e mesmo a noção de "pessoa". O que também vale destacar é que estas pessoas, a princípio, não comungavam de outra coisa que do fato de estarem à margem da sociedade ou de serem solidárias a quem assim se encontrava. No decorrer da história do Cristianismo, tudo o que verdadeiramente reforçou o que lhe é eticamente central, decorre disso.

IHU On-Line - O que o Cristianismo tem de específico ou "inegociável" em sua constituição interna que, sem isso, a religião se descaracterizaria?

Joe Marçal - O específico e inegociável do Cristianismo não é uma idéia, um dogma, uma instituição ou documento, mas sim a comunhão com Jesus de Nazaré, o Cristo. Não por acaso, o apóstolo Paulo,[1] para explicar a dinâmica

1 **Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): nascido em

flash.indd 32 3/8/2009 17:17:34

organizativa das primeiras comunidades, usa da metáfora do "corpo" para caracterizar o aspecto participativo e comunitário dessa religião. Entretanto já se disse tanto sobre isso que as palavras se perdem no vazio. É preciso ter em mente que antes de se conceber como "religião", o Cristianismo foi "seguimento", foi "discipulado", foi "pertencimento" a uma causa de justiça e esperança, alavancada por um nazareno, à margem do império e da religião oficial. Mas quando ganha oficialidade, com Constantino, no século III, o Cristianismo sofre talvez a mais profunda descaracterização de sua história, perpetuada por outras tantas alianças imperialistas ao longo de vinte e um séculos. Simultaneamente, e graças a uma unidade não institucional, e sim mística, contra todas essas tendências de "normatização", o Cristianismo manteve internamente sua vocação à diversidade, fazendo-se necessariamente uma religião multifacetada e híbrida. Não existe "Cristianismo", mas uma pluralidade de cristianismos. Ora, não podia ser diferente: uma religião que confessa um preso político como Mestre e Salvador, e que torna símbolo de sua fé e esperança um dos piores instrumentos de tortura já inventados – a cruz –, para ser coerente, uma religião assim sempre manifestará uma dose significativa de subversão em sua constituição interna. No Cristianismo, o específico é a pessoa de Jesus, sua paixão, sua presença mística e espiritual naqueles e naquelas que testemunham sua causa. De resto, a história nos ensina: sectarismos, reducionismos, fundamentalismos e burocratização sempre estiveram presentes na história dessa religião, sem, contudo, ter conseguido apagar sua autenticidade, manifestada de forma surpreendente, escandalosa e contrária a toda expectativa.

> "Dadas as condições políticas do Império Romano, o Cristianismo nasce assim, híbrido e sincrético. Mas não nasce como 'cristianismo', e sim como um acontecimento, um movimento em torno de um preso político"

IHU On-Line - Como o Cristianismo se relaciona com as demais tradições religiosas? Há abertura e espaço para possíveis negociações ou troca de valores?

Joe Marçal - Depende de que Cristianismo estamos falando. Há formas de Cristianismo por aí que se querem mais cristãs que o próprio Cristo. É triste, mas a maioria das igrejas não consegue unanimidade nisso nem em seus setores internos. Porém, de modo geral e positivamente, temos de apontar para um movimento que perpassa a história das igrejas, em prol da unidade entre cristãos e também pelo diálogo entre diferentes tradições religiosas. Esse movimento é representado por um Cristianismo histórico, do qual fazem parte igrejas também pentecostais e o cristianismo oriental. Essas igrejas se identificam umas com as outras ante a exigência de uma cultura de paz. O tema do diálogo inter-religioso hoje não é um requinte especulativo, e não deveria visar a uma espécie de brechó religioso, em que cada tradição vai buscar "curiosidades" de outras para usar como "próteses" ou enfeitar suas lacunas. O diálogo entre as religiões hoje é uma questão de saúde pública e planetária, e deve ser encarado como parte da responsabilidade social das igrejas. A abertura e o espaço para trocas e negociações se dão onde há um verdadeiro encontro entre alteridades: podemos e devemos discordar em questões teológicas, mas não sem aprender a viver essas diferenças com responsabilidade, pois o que está em jogo não são as tradições em si, suas verdades/virtudes/vaidades, mas a vida do planeta. Concretamente, há experiências muito significativas em curso. O Conselho Mundial de Igrejas, por exemplo, vem trabalhando o conceito de diálogo inter-religioso como um instrumento colaborativo das religiões para a missão que as igrejas cristãs reconhecem para si. Outra experiência que vale mencionar é o Fórum Mundial de Teologia e Libertação que, seguindo o processo inaugurado pelos Fóruns Sociais Mundiais, vem contribuindo para uma reflexão teológica identificada com essa intuição, de que a teologia cristã está, acima de tudo, a serviço do mundo em sua busca de paz e justiça.

IHU On-Line - Que contribuição específica as religiões monoteístas podem dar para uma possível solução à crise que vivemos hoje, econômica global, ecológica, política?

Joe Marçal - A tipologia de "monoteísta" tem de ser usada com cautela. Desde que concebido em sua originalidade profética, o monoteísmo deu uma significativa contribuição ao mundo contemporâneo. Primeiro, porque, para os profetas, Deus não surge como solução de crise, mas é ele quem promove a crise: os profetas anunciaram o Deus zeloso, que põe termo a toda forma de agressão contra a vida e que

Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado como uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não em mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para download no sítio do IHU, www.ihu.unisinos.br. A última edição da **IHU On-Line** em 2008, número 286, traz como matéria de capa o pensamento de *Paulo de Tarso e sua influência em nossos dias*. (Nota da **IHU On-Line**)

flash.indd 33 3/8/2009 17:17:34

definitivamente age em favor das vítimas. A violência ganha espaço quando falta zelo – uma capacidade sagrada de se deixar indignar por um ímpeto de justiça. Em segundo lugar, os profetas não falaram em monoteísmo, anunciaram sim o "Deus vivo". É interessante que a intuição deles não era que deveria haver mais religião para que as coisas fossem para melhor, mas o contrário: eles clamam por uma economia de religião, denunciam a exacerbação religiosa e chamam a uma fé coerente e, digamos, "sustentável". Ocorre-me o criativo título de um filme, "Fé demais não cheira bem", estrelado por Steve Martin – acho que, em nossos dias, o monoteísmo profético poderia ajudar a sociedade a consumir menos religiosidade e se escandalizar de forma mais criativa e produtiva. Veja o primeiro mandamento: "Eu sou o Senhor teu Deus, não terás outros deuses diante de mim". Pronto. A partir disso, como disse Agostinho, "ama, e faz o que quiser" – na dúvida, há outros nove mandamentos para ajudar nisso.

IHU On-Line - Em uma sociedade moderna (pós-moderna ou até mesmo ultramoderna), como fica o papel da religião?

Joe Marçal - Sempre me impressionam ocasiões em que pessoas falam sobre sua própria religião. As mais verdadeiras, via de regra, são aquelas que falam de uma fé simples. Assumem seus mitos, sua tradição, sem se preocuparem em saber se é mito ou tradição. É religião, e pronto. Quanto mais o discurso se sofistica, se "moderniza" arguindo em favor da crença, mais ouvimos sem entender, e se entendemos, não há sabedoria nas palavras, quando muito, argumentos. Sobre o papel da religião, Dietrich Bonhoeffer[2] recomenda a seu afilhado, numa carta escrita na prisão, pouco antes de ser assassinado pelos nazistas: "em dias como os nossos, a fé deve se voltar à oração simples". É o caminho para a sabedoria, penso. Bastante arriscado, considerando especialmente a trajetória de Bonhoeffer, executado em função de sua oração simples, que o leva a comungar da resistência a Hitler[3] e a exercer seu cristianismo como tão somente serviço à sociedade. Curiosamente, enquanto lido com essas questões, assisto em minha televisão a uma enxurrada de religião midiática. Outro tipo de discurso religioso relativamente novo, mas de um mau gosto sem precedentes. É espantoso como a religião, nos veículos de comunicação de massa, se torna publicitária e não pública. Sintoma não cura. Aí, já não posso deixar de inverter a pergunta: na religião moderna, como fica o papel da sociedade? A sociedade é que tem de pensar seus papéis e, pensando-se, sair dessa letargia de espectadora resignada diante de tudo. E não digo isso por causa da teologia; mas porque é feio, é descaradamente enganoso e talvez seja mesmo inconstitucional. O problema é que no Brasil não se discute religião. Ao mesmo tempo, para pensar a sociedade no Brasil, temos de pensar a religião junto. Não ajuda seguir a linha de raciocínio importada da Europa, que polariza e isola ambas – a universidade brasileira, aos poucos, percebe que isso não dá conta de nosso contexto. Nossa laicidade, tão moderna, se rende fácil demais ao apelo religioso. Nessas condições, urge uma "santidade" social, um espírito profético de "resistência" à exacerbação religiosa. Uma resistência comedida talvez, mas que seja inteligente. O que cabe às religiões? A sociedade deve dizê-lo: as multidões, em momentos de crise e "passagem", procuram as benesses de um moralismo fácil e pragmático. A religião tem de se manter em sua função mediativa, sem fins lucrativos, seja de fiéis, dinheiro ou qualquer valor simbólico, e não ceder à pretensão soteorológica. Veja que isso rende uma pauta de política pública. Em meio a isso, se algumas tradições religiosas puderem nos ajudar a rezar com simplicidade e sabedoria enquanto nos ocupamos responsavelmente com a complexidade de nosso tempo, já será grande coisa.

> "O monoteísmo profético poderia ajudar a sociedade a consumir menos religiosidade e se escandalizar de forma mais criativa e produtiva"

2 **Dietrich Bonhoeffer** (1906-1945): teólogo, pastor luterano, membro da resistência antinazista alemã e membro fundador da Igreja Confessante, ala da igreja evangélica contrária à política nazista. Bonhoeffer envolveu-se na trama da "Abwehr" para assassinar Hitler. Em março de 1943, foi preso e acabou sendo enforcado, pouco tempo antes do próprio Hitler cometer suicídio. É autor de, entre outros, *Ética* (6 ed., São Leopoldo: Sinodal, 1985) e *Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão* (São Leopoldo: Sinodal, 2003). **(Nota da IHU On-Line)**

3 **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar-se o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer "condutor", "guia" ou "líder". Suas teses racistas e antissemitas, bem como seus objetivos para a Alemanha ficaram patentes no seu livro de 1924, Mein Kampf (Minha Luta). Atualmente, discute-se se essa obra deve ser liberada para uma edição crítica do texto. No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados "indesejados", como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de distância. A edição 145 da **IHU On-Line**, de 13 de junho de 2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, A Queda – as últimas horas de Hitler. A edição 265, intitulada Nazisimo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder. (Nota da **IHU On-Line**)

Leia Mais...

>> Joe Marçal já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line.** O material está disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Entrevista:

• *Da ingenuidade ao cinismo: o Brasil de Sérgio Bianchi*. Edição número 249, de 03-03-2008, intitulada mulheres e a sociedade contemporânea. Conquistas e desafios. Disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=170&id_edicao=277.

flash.indd 34 3/8/2009 17:17:35

As religiões não são mais determinantes para a vida coletiva

Na visão do filósofo Marcel Gauchet, não estamos numa sociedade pós-metafísica, e sim numa sociedade em que ela é opcional

Por Márcia Junges e Patricia Fachin | Tradução Benno Dischinger

"A fé desapareceu ou está a ponto de desaparecer. Os 'crentes' e principalmente os 'praticantes' são, por esse fato, menos numerosos. Mas em geral, eles têm uma fé muito mais motivada pessoalmente e muito mais esclarecida intelectualmente", enfatiza o filósofo francês Marcel Gauchet à **IHU On-Line**. Autor do livro *Depois da religião. O que será do homem depois que a religião deixará de ditar a lei?*, escrito em parceria com o filósofo Luc Ferry, Gauchet diz que "as religiões guardam toda a sua importância aos olhos de seus fiéis. Entretanto, elas não são mais determinantes para a vida coletiva".

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, ele diz ainda que a estrutura religiosa e "a maneira pela qual o religioso organizou as comunidades humanas até uma data relativamente recente" pertencem ao passado.

Ao comentar o papel da religião na pós-modernidade, o filósofo revela ter dúvidas sobre o valor da noção de pós-modernidade e sustenta que ela tem um erro de diagnóstico. "Ela toma uma ruptura na modernidade por uma ruptura com a modernidade. Dito isso, o novo curso das mentalidades e das ideias que ela designa corresponde a uma realidade." E complementa: "A dita pós-modernidade não pensa o religioso. (...) Ela lhe dá um lugar unicamente sob o título da emoção e da afetividade".

Marcel Gauchet é diretor de estudos na École dês Hautes Études em Sciences Sociales (EHESS) e redator-chefe da revista Le Débat. Publicou, entre outros, *La Religion dans La démocratie* (Gallimard, 1998), *La Démocratie contre elle-même* (Gallimard, 2002), *La Condition historique* (Stock, 2003) e *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), sua obra principal. Escreveu, também, *La démocratie d'une crise à l'autre* (Cecile Defaut: Paris, 2007), *L'Avènement de la démocratie* (Gallimard, Paris, 2007) e *Les conditions de l'éducation* (en collaboration avec Marie-Claude Blais et Dominique Ottavi, Stock: Paris, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - No livro D*epois da religião. O que será do homem depois que a religião deixará de ditar a lei?*, o senhor afirma que o religioso pertence ao passado. Pode explicar-nos essa ideia?

Marcel Gauchet - Eu proponho clarificar a disputa sem fim entre os partidários da tese da morte de Deus e os partidários da tese do retorno do religioso, introduzindo uma distinção entre a estrutura e a crença religiosa. O que "pertence ao passado" como você diz, é a estrutura religiosa. É a maneira pela qual o religioso organizou as comunidades humanas até uma data relativamente recente. A saída ocidental da religião, após o século XVI, consistiu em inventar uma forma diferente da comunidade humana. Mas este cancelamento da estruturação religiosa das sociedades não significa o desaparecimento da crença religiosa. Ele a modifica, todavia, porque uma boa parte da religiosidade tradicional consistia numa espécie de conformismo social, de adesão a uma ordem ritual e cerimonial, sem muita reflexão metafísica nem mesmo de forte sentimento do sobrenatural ou do divino. O que os cristãos chamam de "a fé" desapareceu ou está a ponto de desaparecer. Os "crentes" e principalmente os "praticantes" são, por esse fato, menos numerosos. Mas em geral, eles têm uma fé muito mais motivada pessoalmente e muito mais esclarecida intelectualmente.

IHU On-Line - Se a religião faz parte de tradições passadas e se a pós-modernidade está caracterizada por crenças individuais, que futuro o senhor vislumbra para religiões monoteístas? Elas ainda ganham importância, por exemplo, no diálogo inter-religioso?

Marcel Gauchet - Parece-me difícil falar das "religiões monoteístas" em geral, pois a situação do Judaísmo e mais ainda a do Islã me parece muito diferente daquela do Cristianismo. Aliás, isso é em parte o que constitui a dificuldade do diálogo inter-religioso. Falamos da Europa, onde o fenômeno da saída da religião tem seu destaque mais avançado e se vê melhor isso. O Cristianismo, católico ou protestante, deixou de ser um quadro intelectual e simbólico englobante. Ele se tornou uma família espiritual, entre outras, no seio de uma sociedade filosoficamente pluralista e na qual os elos sociais estão baseados na livre adesão dos indivíduos. Aos olhos de seus adeptos, a religião estava ao lado de Estado, daqui-

flash.indd 35 3/8/2009 17:17:35

lo que define a ordem e a legitimidade da coletividade em seu conjunto, mesmo quando havia separação da Igreja e do Estado, como na França. Agora ela passou para o lado da sociedade civil. As Igrejas são componentes da sociedade civil, sob o mesmo título que os partidos políticos, os sindicatos ou as sociedades de pensamento. Esta é uma mudança de posição fundamental. As religiões guardam toda a sua importância aos olhos de seus fiéis. Entretanto, elas não são mais determinantes para a vida coletiva.

IHU On-Line - Como o senhor define o novo Cristianismo baseado na fé dos indivíduos? Em que sentido essa nova perspectiva, fundada na adesão pessoal, muda a característica e a essência do Cristianismo, tal como é entendido até o momento?

Marcel Gauchet - É muito mais difícil captar como essa mudança política e sociológica repercute sobre a substância da fé, sobre a essência íntima do Cristianismo. Ela se traduz, parece-me, por um sentimento mais intenso da alteridade do divino, de sua exterioridade em relação ao mundo humano. Se Deus não comanda mais os homens, se Ele não lhes dá mais uma lei, como os deuses sempre o haviam feito através da história, então é preciso pensá-lo diversamente do modo como se fazia. Isso é ainda mais misterioso do que antes. Sua relação com os homens é ainda mais problemática.

IHU On-Line - De que forma a pós-modernidade tende a pensar o religioso?

Marcel Gauchet - Devo começar por dizer que tenho grandes dúvidas sobre o valor desta noção de pós-modernidade. Vejo muito bem o que ela procura descrever, mas creio que ela introduz um erro de diagnóstico. Ela toma uma ruptura na modernidade por uma ruptura com a modernidade. Dito isso, o novo curso das mentalidades e das ideias que ela designa corresponde a uma realidade. Chamemo-la de pós-modernidade, se assim o quiseres. A dita pós-modernidade não pensa o religioso. Ela nada tem a dizer a respeito. Ela lhe dá um lugar unicamente sob o título da emoção e da afetividade. Mas o que há de especificamente religioso nesta experiência não lhe interessa.

IHU On-Line - Mas então podemos pensar numa sociedade pós-metafísica?

Marcel Gauchet - A meu ver, nós não estamos numa sociedade pós-metafísica, mas numa sociedade em que a pós-metafísica é opcional, o que é muito diferente.

IHU On-Line - Se Deus morreu como instância organizadora da sociedade, instituidora da lei, como é dito em seu livro *Depois da religião*, que espaço Ele ocupa na sociedade atual e como Ele se manifesta no coração do humano?

> "Se Deus não comanda mais os homens, se Ele não lhes dá mais uma lei, como os deuses sempre o haviam feito através da história, então é preciso pensá-lo diversamente do modo como se fazia. Isso é ainda mais misterioso do que antes. Sua relação com os homens é ainda mais problemática"

Marcel Gauchet - O paradoxo que engana muitos observadores é que o cancelamento do papel organizador ou estruturante da religião não a impede de ter uma visibilidade eventualmente acrescida no espaço público. Esta existe, porém, em nome das *identidades* que constituem a sociedade civil e que exigem o *reconhecimento* do Estado. Este papel público realmente não significa que as religiões estariam a ponto de reconquistar sua posição legisladora anterior. Todavia, as opiniões religiosas são livres em se manifestar publicamente como as outras e reclamar sua parte no concerto coletivo. Elas são um componente, não o árbitro supremo.

No que se refere às identidades pessoais, às quais a fé religiosa vem responder, é preciso procurar em duas direções: de um lado, as dificuldades muito grandes de viver sua condição de indivíduo numa sociedade de indivíduos, e, do outro lado, no plano intelectual, os limites mais visíveis da explicação científica do mundo. Por isso não creio numa situação pós-metafísica. A atitude metafísica continua sendo uma opção aberta. Ninguém é obrigado a adotá-la, mas sua potencialidade continua intacta. Ela está até mesmo a ponto de ganhar uma nova credibilidade.

IHU On-Line - O senhor defende ainda a ideia de um duplo processo de "saída da religião" e de "individualização do crer". Pode explicar-nos melhor este último conceito e como ele se aplica na sociedade moderna? Esse é um fenômeno da pós-modernidade?

Marcel Gauchet - Já defini o conceito de saída da religião – a saída da estruturação religiosa do mundo. "A individualização do crer" designa uma mudança capital no acesso ao religioso. Na sociedade estruturada pela religião, a crença religiosa nos chegava naturalmente com a pertença social. Ela se confundia com o senso da comunidade e ela era, aliás, transmitida essencialmente pelo canal das famílias. Isso também queria dizer que a religião tinha por ela a autoridade da sociedade, a autoridade de algo exterior e superior à vontade das pessoas. A novidade é que doravante a sociedade não comunica nada como mensagem religiosa. A crença diz respeito a um ato de adesão estritamente pessoal, fora da existência comunitária, ou mesmo contra ela. A figura ideal do crente de hoje é o *convertido,* cuja escolha se refere a um engajamento puramente interior. Disso também resulta que esses novos crentes individualiza-

flash.indd 36 3/8/2009 17:17:35

dos não se submetam voluntariamente a uma autoridade exterior, qualquer que ela seja. Eles se sentem independentes, tanto em face das Igrejas como da autoridade da sociedade.

IHU On-Line - Qual é o lugar do sagrado na pós-metafísica?
Marcel Gauchet - O sagrado é mais outra dessas noções que se lucraria em definir mais rigorosamente. Eu me lanço: há algo sagrado quando há uma materialização do além no aqui-em-baixo. A eucaristia é o sagrado por excelência dos católicos nesse sentido. Sob este ponto de vista, existe um inegável recuo do sagrado. O distanciamento entre o divino e o humano, de que eu falava há pouco, torna improvável para os próprios crentes a manifestação concreta do sobrenatural num objeto, num lugar ou numa pessoa. Há menos coisas que podem ser tidas como sagradas. Mas, se se fala tanto do sagrado, a despeito desse movimento de recuo, é por causa da busca de sensações e de emoções dos humanos "pós-modernos". Não lhes basta crer, eles querem experimentar, sentir, viver. É uma nostalgia subjetiva de algo cuja objetividade se desvanece inexoravelmente.

Leia Mais...

>> Marcel Gauchet já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**. Ela está disponível no endereço eletrônico www.ihu.unisinos.br

• Crise do crescimento da democracia: Todos somos livres, mas já não temos mais nenhum poder coletivo. Edição número 250, intitulada *Maio de 1968: 40 anos depois*, de 10-03-2008.

Sobre o pensamento de Gauchet, o sítio do IHU publicou os seguintes artigos e entrevistas, que podem ser acessados através da nossa página eletrônica:

* *Os direitos individuais paralisam a democracia*. Artigo de Marcel Gauchet, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=12215;
* *Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião*. Entrevista com Marcel Gauchet, disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=11609;
* *Os franceses ainda acreditam na política e no Estado*. Entrevista com Marcel Gauchet, disponível no endereço http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=4096.

O retorno do religioso

Para o cientista social Michael Löwy, a religião ainda desempenha um papel essencialmente conservador na sociedade atual

Por Márcia Junges, Moisés Sbardelotto e Patricia Fachin | Tradução Benno Dischinger

"Nossa sociedade está longe de ser 'pós-metafísica'", afirma Michael Löwy à **IHU On-Line**. Para ele, a hipótese de uma sociedade pós-religiosa "se revelou uma ilusão". E enfatiza: "A religião continua a jogar um papel muito importante, talvez mais importante hoje do que há alguns anos".

Na entrevista que segue, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, entre uma série de viagens, o brasileiro radicado na França há mais de 40 anos diz que o "consenso" para a formulação de uma ética universal entre as religiões não é o entrave para tal prática. Para ele, é preciso apostar em "uma convergência em torno de princípios universais com caráter emancipador, em oposição ao monstruoso sistema de dominação e destruição do meio ambiente em que vivemos: o capitalismo".

Löwy é Cientista Social e leciona na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, da Universidade de Paris. Entre sua vasta obra, destacamos *Ideologias e Ciência Social. Elementos para uma análise marxista* (São Paulo: Cortez, 1985), *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* (São Paulo: Cortez, 1998), *A estrela da manhã. Surrealismo e marxismo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002), *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"* (São Paulo: Boitempo, 2005) e *Lucien Goldmann, ou a dialética da totalidade* (São Paulo: Boitempo, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é o papel das religiões atualmente? Numa sociedade pós-metafísica, qual é o espaço para a religião?
Michael Löwy – A religião não é sempre revolucionária. Com algumas exceções - como o Cristianismo da libertação na America Latina, e seus equivalentes em outras religiões -, seu papel é essencialmente conservador, e muitas vezes reacionário. Como dizia bem Marx, a religião pode ser tanto um protesto contra a miséria real, quanto um "ópio do povo". Isso continua sendo valido, já que nossa sociedade está longe de ser "pós-metafísica".

IHU On-Line - Podemos dizer que estamos numa sociedade pós-religiosa? O que isso significa?
Michael Löwy – Esta hipótese, formulada há algumas décadas - a "secularização" das sociedades - se revelou uma ilusão. A religião continua a ocupar um papel muito importante, talvez mais importante hoje do que há alguns anos. Isso vale não só para o mundo muçulmano, mas também para a América do Norte, a América Latina e a África. A Europa talvez seja uma exceção, mas mesmo na Europa assistimos a uma "volta do religioso".

IHU On-Line - Quais as principais tendências e os grandes movimentos das religiões monoteístas com relação ao ser humano contemporâneo?

flash.indd 37 3/8/2009 17:17:36

Michael Löwy - Cada grande religião monoteísta se divide em correntes teocráticas, autoritárias e intolerantes e correntes ecumênicas abertas ao diálogo com outras identidades e respeito a elas. As religiões também se dividem em correntes conservadoras ou libertárias segundo sua posição em relação ao capitalismo, ao neoliberalismo e à luta dos pobres por sua emancipação.

IHU On-Line - A Teologia da Libertação pode se apresentar como uma "releitura do Cristianismo"?
Michael Löwy - O Cristianismo da Libertação - vasto movimento social que encontrou na Teologia da Libertação sua expressão mais sistemática - é uma releitura do Cristianismo à luz da situação dos pobres na América Latina e nos países do Sul, referindo-se em particular ao paradigma do Êxodo, aos profetas bíblicos e a práticas das primeiras comunidades cristãs. O Cristianismo da Libertação utiliza alguns conceitos essenciais do marxismo, ao mesmo tempo para entender as causas da pobreza - o capitalismo - e para imaginar uma utopia social, uma sociedade sem classes, livre e igualitária.

IHU On-Line - Hans Küng, teólogo alemão, defende uma ética global entre as religiões e afirma que elas devem seguir princípios universais. Quais são as possibilidades e os entraves para esse consenso? Isso é possível?
Michael Löwy - O problema não é o "consenso" em geral, mas uma convergência sobre os princípios universais com caráter emancipador, em oposição ao monstruoso sistema de dominação e destruição do meio ambiente em que vivemos: o capitalismo.

IHU On-Line - Que contribuições as religiões monoteístas podem oferecer para a humanidade neste momento de crise (ambiental, financeira, de valores) em que se encontram?
Michael Löwy - Cada religião têm indivíduos, grupos, correntes, que propõem práticas emancipadoras, que criticam a civilização industrial capitalista, que apontam para alternativas radicais, ecológicas, humanistas, socialistas, democráticas.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.

ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR

flash.indd 38 3/8/2009 17:17:38

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destaques da Semana

flash.indd 39 3/8/2009 17:17:40

Participe do Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"? [ne cède pas sur ton désir]? Inscrições abertas no site www.ihu.unisinos.br

flash.indd 40 3/8/2009 17:17:40

Entrevista da Semana

“Os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo”

Na visão de Andrea Fumagalli, a atual crise financeira é uma crise sistêmica, de todo o sistema capitalista, que vem se desenvolvendo desde a década de 1990 até agora

Por Graziela Wolfart

Para o economista italiano Andrea Fumagalli, “a governança política e social baseada na dinâmica livre dos mercados financeiros não tem condições de garantir uma distribuição de renda adequada em relação à nova forma de acumulação e valorização do capitalismo cognitivo”. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, ele diz que “a estrutura da propriedade privada parece inadequada para desenvolver a cooperação social que é necessária para melhorar o processo de acumulação, cada vez mais baseado em conhecimento, relações e aprendizagem”. Fumagalli explica que “a compensação entre a propriedade intelectual e a necessidade de livre circulação e difusão do conhecimento é uma das causas da atual instabilidade estrutural. O conhecimento é um bem ‘comum’, e se ele é privatizado, sua valorização social diminui”.

Ele explica por que considera que, atualmente, os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo. “Eles financiam a atividade da acumulação: a liquidez atraída para os mercados financeiros recompensa a reestruturação da produção que visa à exploração do conhecimento e ao controle de espaços externos aos negócios tradicionais”.

Doutor em Economia Política, Andrea Fumagalli é atualmente professor no Departamento de Economia Política e Método Quantitativo da Faculdade de Economia e Comércio da Università di Pavia, Itália. Seus temas de interesse são teoria macroeconômica, teoria do circuito monetário; economia da inovação e da indústria, flexibilidade do mercado de trabalho e mutação do capitalismo contemporâneo: o paradigma do capitalismo cognitivo, entre outros. Dentre seus vários livros publicados, citamos: *Il lavoro. Nuovo e vecchio sfruttamento* (Milão: Punto Rosso, 2006), *Bioeconomia e capitalismo cognitivo, Verso un nuovo paradigma di accumulazione* (Roma: Carocci Editore, 2007), e *La crisi economica globale* (Verona: Ombre corte, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor pode falar brevemente sobre as dez teses que o grupo de pesquisadores da Universidade Nômade levantaram recentemente no sentido de tentar compreender a atual crise internacional?

Andrea Fumagalli - As dez teses são fruto de uma discussão coletiva que começou com um seminário sobre a crise financeira, organizado pela Universidade Nômade, em Bolonha, nos dias 12 e 13 de setembro de 2008 e que continua até hoje. Marco Bascetta, Federico Chicchi, Andrea Fumagalli, Stefano Lucarelli, Christian Marazzi, Sandro Mezzadra, Cristina Morini, Antonio Negri, Gigi Roggero e Carlo Vercellone participaram dele, e eu redigi o texto. Podemos dizer que ele é o resultado do “intelecto geral” do movimento italiano, especialmente daquela parte que tem uma abordagem mais heterodoxa da análise marxista e provém da tradição do “operaísmo” (novo movimento operário).

IHU On-Line - O capitalismo está mesmo em crise? O que a caracteriza? Ela representa também a crise da teoria neoliberal?

Andrea Fumagalli - Antes de mais nada, pensamos que a atual crise financeira é uma crise sistêmica. É a crise de todo o sistema capitalista que vem se desenvolvendo desde a década de 1990 até agora. Isso tem a ver com o fato de que, atualmente, os mercados financeiros são o coração pulsante do capitalismo cognitivo. Eles financiam

flash.indd 41 3/8/2009 17:17:40

a atividade da acumulação: a liquidez atraída para os mercados financeiros recompensa a reestruturação da produção que visa à exploração do conhecimento e ao controle de espaços externos aos negócios tradicionais.

Isso quer dizer que as origens da crise e suas caracterizações têm a ver com os seguintes fatos:

1. A governança política e social baseada na dinâmica livre dos mercados financeiros não tem condições de garantir uma distribuição de renda adequada em relação à nova forma de acumulação e valorização do capitalismo cognitivo. A negociação individual, a incerteza de receitas estáveis por causa do aumento da precariedade, a redução de salários, principalmente nos países ocidentais, favorecem o aumento de uma dívida especulativa e instável, de um lado, e afetam negativamente a exploração das economias de ganho e de escala (portanto, os ganhos de produtividade), por outro.

2. A estrutura da propriedade privada parece inadequada para desenvolver a cooperação social que é necessária para melhorar o processo de acumulação, cada vez mais baseado em conhecimento, relações e aprendizagem (numa só palavra, no intelecto geral). A compensação entre a propriedade intelectual (o tipo de propriedade privada que substituiu parcialmente a propriedade privada de maquinário) e a necessidade de livre circulação e difusão do conhecimento é uma das causas da atual instabilidade estrutural. O conhecimento é um bem "comum", e se ele é privatizado, sua valorização social diminui.

IHU On-Line - Quais as consequências do fato de esta crise ser sistêmica?
Andrea Fumagalli – A principal é que ela necessita de intervenções sistêmicas e estruturais.

IHU On-Line - O que significa a crise da estrutura do biopoder capitalista atual?
Andrea Fumagalli - Os mercados financeiros, redirecionando forçosamente parcelas crescentes das receitas do trabalho (como, por exemplo, pagamentos por demissão e seguridade social, diferentes das receitas que, através do Estado social, traduzem-se em programas estatais de saúde e instituições educacionais públicas), substituem o Estado como principal provedor de seguridade social e bem-estar. Desse ponto de vista, eles representam a privatização da esfera reprodutiva da vida. Por isso, exercem biopoder. A crise financeira é, consequentemente, uma crise da estrutura do atual biopoder capitalista.

IHU On-Line - Que alternativas podemos imaginar neste momento, do ponto de vista econômico?
Andrea Fumagalli - Pensamos que atualmente não há condições de implementar uma espécie de *New Deal* institucionalizado (como foi possível na década de 1930), isto é, um *New Deal* resultante de uma conciliação política entre o trabalho e o capital. Segue-se que podemos nos deparar com duas soluções possíveis: a primeira é um aumento na instabilidade geopolítica internacional (rumo a uma nova guerra global?), especialmente a fim de definir um novo equilíbrio hierárquico econômico global, em que os EUA perderão o controle unilateral das finanças e da tecnologia. A segunda é que um *New Deal*, que se baseie numa forma nova de distribuição de renda (por exemplo, renda básica) e ultrapasse a dicotomia entre propriedade privada e estatal rumo a uma propriedade "comum", seja imposto pela força do movimento social, isto é, um *New Deal* a partir de baixo. Uma terceira oportunidade pode residir no desenvolvimento de uma nova trajetória econômica, técnica e social, que normalmente é chamada de "economia ecológica", capaz de resolver qualquer problema com um salto forte no futuro. Mas sou cético quanto a ela, porque esta crise necessita de uma solução de curto prazo e respostas políticas imediatas e gerais.

> "Os mercados financeiros (...) substituem o Estado como principal provedor de seguridade social e bem-estar"

IHU On-Line - Com esta crise, que outros valores ganham mais espaço no cenário atual? Qual o peso, por exemplo, que adquire o capitalismo cognitivo?
Andrea Fumagalli - Penso que esta é a crise da implementação do capitalismo cognitivo, como a crise de 1929 foi a crise do taylorismo em seu início. A atual crise financeira, que se segue a outras ocorridas nos últimos 15 anos, destaca, de forma sistemática e estrutural, a inconsistência do mecanismo regulatório de acumulação e distribuição que o capitalismo cognitivo tentou se dar até agora. Além disso, com o advento do capitalismo cognitivo, o processo de valorização perde todas as unidades de mensuração quantitativa ligadas à produção material. Essas medições eram, de certa forma, definidas pelo conteúdo do trabalho necessário para a produção de mercadorias, mensurável com base na tangibilidade da produção e no tempo necessário para a produção. Com o advento do capitalismo cognitivo, a valorização tende a ser desencadeada em diferentes formas de trabalho ou mão de obra que cortam as horas de trabalho efetivamente verificadas para coincidir cada vez mais com o tempo geral da vida. Atualmente, o valor do trabalho ou da mão de obra está na base da acumulação capitalista e é também o valor do conhecimento, dos afetos e das relações, do imaginário e do simbólico. O resultado dessas transformações biopolíticas é a crise da medição tradicional do valor do trabalho ou da mão de obra e, junto com ela, a crise da forma do lucro. Uma solução "capitalista" possível era a medição da exploração da cooperação social e do intelecto geral por meio da dinâmica dos valores de mercado. Dessa maneira, o lucro era transformado em renda, e os mercados financeiros se tornaram o lugar onde o valor do trabalho ou da mão de obra era determinado, transformado num valor financeiro que não é outra coisa do que a expressão subjetiva das expectativas de lucros futu-

flash.indd 42 3/8/2009 17:17:41

ros gerados por mercados financeiros que, dessa forma, reivindicam renda. A atual crise financeira assinala o fim da ilusão de que o financiamento pode constituir uma unidade de medição do trabalho ou da mão de obra, ao menos no atual fracasso do capitalismo contemporâneo em termos de governança cognitiva. Consequentemente, a crise financeira é também uma crise da valorização capitalista.

IHU On-Line - Como tem aparecido nos debates econômicos a proposta de uma maior intervenção do Estado na economia?

Andrea Fumagalli - É muito divertido o fato de que alguns dos economistas neoliberais que ainda há dois anos se horrorizavam com a ideia de intervenção estatal agora são a favor dela, talvez citando Keynes e/ou Marx. É claro que esse tipo de intervenção estatal é apenas instrumental. Ela segue o princípio da socialização dos prejuízos, a fim de recuperar no futuro a privatização dos lucros. Mas o principal problema é que a intervenção estatal só desempenha o papel de tapar os atuais buracos resultantes da falta de liquidez monetária (escassez de crédito) sem perspectivas de intervir nas razões estruturais da crise.

IHU On-Line - Neste momento de crise, qual a importância da união entre países, como é o caso da União Europeia, Mercosul, etc.?

Andrea Fumagalli - Ela é muito importante. Um dos resultados desta crise é a morte definitiva da soberania do Estado nacional. Só é possível imaginar uma nova governança política supranacional. Naturalmente, essa possibilidade depende das relações dinâmicas entre as mais relevantes áreas do mundo, especialmente do eixo EUA-Bric (Brasil, Rússia, Índia e China). Quanto à Europa, a crise demonstra as dificuldades do processo de construção da União Europeia econômica.

IHU On-Line - Que cenários de conflitos sociais são abertos pela crise financeira atual?

Andrea Fumagalli - É bastante difícil responder a essa pergunta. Com certeza, essa crise pode ser uma grande oportunidade para os movimentos sociais globais. A razão disso reside no fato de que, no capitalismo cognitivo, não há espaço para uma reforma política institucional que seja capaz de reduzir a instabilidade que o caracteriza. Nenhum *New Deal* inovador é possível a não ser aquele impelido pelos movimentos sociais e pelas práticas da institucionalidade autônoma mediante a reapropriação de um sistema de bem-estar saqueado por interesses privados e congelado na política pública. Algumas das medidas que podem ser identificadas, desde a regulamentação dos salários baseada na proposta de uma renda básica até a produção com base na livre circulação do conhecimento, não são necessariamente incompatíveis com os sistemas de acumulação e subsunção do capital, como sugeriram vários teóricos neoliberais. De qualquer modo, novas campanhas de conflito social e reapropriação da riqueza comum podem ser iniciadas com a finalidade de solapar a própria base do sistema produtivo capitalista, isto é, a coerção do trabalho ou da mão de obra, a renda como ferramenta de chantagem e dominação de uma classe sobre outra e o princípio da propriedade privada dos meios de produção (ontem eram as máquinas, hoje também é o conhecimento). Em outras palavras, podemos afirmar que no capitalismo cognitivo uma possível conciliação social de origem keynesiana, mas adaptada às novas características do processo de acumulação, é apenas uma ilusão teórica, sendo inviável de um ponto de vista político.

> "A crise financeira é, consequentemente, uma crise da estrutura do atual biopoder capitalista"

Uma política reformista plenamente desenvolvida (que tende a identificar uma forma de mediação entre o capital e o trabalho que seja satisfatória para ambos), capaz de garantir um paradigma estrutural estável do capitalismo cognitivo, não pode ser delineada atualmente. Assim, estamos num contexto histórico em que a dinâmica social não deixa espaço para o desenvolvimento de práticas reformistas e, acima de tudo, de "teorias" reformistas. O que se segue disso é que, percebendo que é a práxis que orienta a teoria, só o conflito e a capacidade de criar movimentos multitudinários podem permitir – como sempre – o progresso social da humanidade. Só o reavivamento de conflito social forte supranacional pode criar as condições para superar o estado atual de crise. Deparamo-nos com um aparente paradoxo: para tornar possíveis novas perspectivas reformistas e a estabilidade relativa do sistema capitalista, é necessária uma ação conjunta de natureza revolucionária, capaz de modificar os eixos sobre os quais se baseia a própria estrutura de comando capitalista.

Precisamos, portanto, começar a imaginar uma sociedade pós-capitalista, ou, melhor ainda, a reelaborar a batalha pelo bem-estar [*welfare*] na crise como organização imediata das instituições do comum. Isso não elimina definitivamente as funções da mediação política, mas remove-as definitivamente das estruturas representativas e absorve-as no poder constituinte de práticas autônomas. Em outras palavras, estamos lidando com a transformação do "comunismo do capital" no "comunismo do intelecto geral" como força viva da sociedade contemporânea, capaz de desenvolver uma estrutura de "estar-comum" [*commonfare*] e de estabelecer-se como uma condição efetiva e real da opção humana pela liberdade e igualdade. Entre o "comunismo do capital" e as instituições do comum não há especulação ou relação linear de necessidade: trata-se, em outras palavras, de reapropriar-se coletivamente da riqueza social produzida, rompendo os dispositivos da subsunção e do comando capitalista na crise permanente.

flash.indd 43 3/8/2009 17:17:41

Em tal processo, o papel autônomo desempenhado pelos movimentos sociais é importante, não só como programa e ação de caráter político, mas também, e acima de tudo, como ponto de referência para as subjetividades, singularidades ou segmentos de classe mais duramente atingidos e fraudados pela crise. A capacidade de subsunção real da vida no processo de trabalho e produção, a difusão de imagens culturais e simbólicas onipresentes com base em elementos do individualismo (começando com o individualismo "proprietário") e medidas de "segurança" constroem os principais pontos críticos do processo de controle social e cognitivo do comportamento dos trabalhadores e do proletariado. O alcance e a organização de uma subjetividade autônoma, que já vive nas práticas de resistência e produção de uma nova composição de classe, são condições necessárias para desencadear processos conflituosos, capazes de modificar as atuais hierarquias socioeconômicas. Deste ponto de vista, todos os excessos e insurgências que as subjetividades nomádicas conseguem alcançar e animar são bem-vindas. É só dessa maneira, como mil gotas que se encontram para formar um rio ou mil abelhas que formam um enxame, torna-se possível colocar em movimento formas de reapropriação da riqueza e do conhecimento, invertendo a dinâmica redistributiva, forçando os que causaram a crise a pagar por ela, repensando uma nova estrutura do bem-estar social e comum, imaginando novas formas de auto-organização e produção compatíveis com o respeito pelo meio ambiente e pela dignidade dos homens e mulheres que habitam este planeta.

Leia mais...

>> Sobre o tema da crise mundial e do capitalismo cognitivo, leia a revista **IHU On-Line** número 301, de 20-07-2009, intitulada *O capitalismo cognitivo e a financeirização da economia. Crise e horizontes*, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br//index.php?id_edicao=329.

Brasil em Foco

"Não são as pessoas que trazem benefícios para a instituição, mas as ideias"

Sob a perspectiva do Unafisco Sindical, Lúcio Esteves afirma que o órgão entendia que Lina Vieira e sua equipe estavam fazendo um bom trabalho na Receita Federal, por isso sua demissão provocou revolta

Por Graziela Wolfart

Ainda repercutindo a exoneração da ex-secretária da Receita Federal, Lina Vieira, a **IHU On-Line** entrevistou por telefone o presidente da Delegacia Sindical de Brasília do Unafisco Sindical, Lúcio Flávio Arantes Esteves. O Unafisco é o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil. Para Lúcio Esteves, várias medidas tomadas por Lina Vieira melhoraram o desempenho da Receita Federal, avanços esses que "trariam benefícios para a sociedade brasileira e o estado brasileiro". "E nós esperamos que", continua ele, "quem quer que assuma o órgão, não retroceda com relação a essas políticas". Ao reafirmar a força da atuação do Unafisco quanto aos protestos pela saída de Lina Vieira, Esteves reconhece que "os sindicatos estão sendo massacrados pela crise econômica, de tal forma, que eles têm encontrado grande dificuldade de reação, porque o poder de barganha está se reduzindo muito com o aumento do desemprego e a redução do salário".

Lúcio Flávio Arantes Esteves é economista formado pela Universidade Federal do Paraná e auditor fiscal da Receita Federal do Brasil, lotado na Delegacia da Receita Federal de Brasília. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Do ponto de vista do Unafisco, o que representa a demissão de Lina Vieira da Receita Federal?

Lúcio Esteves – A Receita Federal, quando estava sendo dirigida pela doutora Lina Vieira, acabou realizando importantes modificações do ponto de vista da administração, no sentido, a nosso ver, que caminhava para uma maior eficiência do órgão. Entre as iniciativas que ela já tinha tomado, por exemplo, estava uma política de melhorar o atendimento ao contribuinte. Como funcionário do órgão (porque, além de dirigente sindical, eu tenho meu trabalho na Receita), e por meio dos contatos com os colegas de trabalho, sabíamos que estava em desenvolvimento esse projeto para melhorar o atendimento ao contribuinte. Outra iniciativa foi no sentido de abrir possibilidades (e foi isso efetivamente o que ocorreu) para

flash.indd 44 3/8/2009 17:17:41

que os servidores fizessem sugestões de melhorias quanto a determinados procedimentos na Receita. Em virtude disso, várias medidas foram tomadas. Uma delas foi permitir que o contribuinte pudesse acessar a internet e verificar determinados dados tributários com relação à sua própria declaração. Outra medida que estava sendo tomada era no tocante à ocupação dos cargos de confiança dentro da Receita. Antigamente, como acontece na maioria dos órgãos públicos, os cargos de confiança eram designados por conhecimento pessoal. E isso acontecia na Receita. Agora existe um projeto diferente, em que há uma disponibilização para o público interno de determinada vaga ou função de confiança. As pessoas se candidatam e é feito um processo de seleção. Isso, para mim, foi um grande avanço, porque democratiza o acesso dos colegas aos cargos de chefia e torna o órgão mais eficiente, na medida em que o processo de seleção é amplo. Escolhem-se as melhores pessoas não por amizade, mas por competência técnica.

A doutora Lina Vieira tinha uma preocupação muito grande com a parte gerencial da Receita, a fim de criar também um ambiente mais confortável para os servidores, não no que concerne ao mobiliário, mas no sentido dos relacionamentos, da valorização do servidor, ao reconhecer que ele tem capacidade para oferecer sugestões para a administração do órgão. No que diz respeito a esses avanços que estavam sendo feitos na Receita Federal, que trariam benefícios para a sociedade brasileira e o estado brasileiro, tudo o que ela fez foi muito importante. E nós esperamos que, quem quer que assuma o órgão, não retroceda com relação a essas políticas.

IHU On-Line – O que motivou a grande reação dos superintendentes da Receita Federal em protesto à saída de Lina Vieira? O que isso significa, considerando que a maioria dos servidores da Receita Federal é sindicalizada?

Lúcio Esteves – Essa pergunta é interessante, porque isso tem sido veiculado na imprensa e raramente nos é dada a oportunidade para falar sobre o assunto. Ao que se tem notícia, a cada dez superintendentes, sete vêm do movimento sindical, mas preciso fazer uma ponderação sobre isso. Nós, Unafisco, não indicamos a doutora Lina e nenhum dirigente do órgão. E falo isso com o aval dos meus colegas. Nosso sindicato é muito forte e muito organizado. O que houve foi o seguinte: a doutora Lina assumiu o poder e convidou algumas pessoas que ela entendia que eram capacitadas para ocupar as funções de confiança. Algumas dessas pessoas tinham ocupado cargos de direção sindical, outras não. Mas a maioria tinha alguma participação em eventos do sindicato. Por consequência, estavam expostos dentro da carreira. Isso permite acreditar que essas pessoas possuem capacidade para desenvolver qualquer capacidade técnica. E esses técnicos foram chamados pela doutora Lina em número razoável e tinham uma comunhão de ideias sobre como dirigir a instituição. Imagino que ela chamou essas pessoas por causa disso.

> "O interessante nesse processo é que não foi um movimento orquestrado, mas independente, de cada setor dos sindicatos"

Eu entendo que a manifestação dos superintendes tenha sido absolutamente natural, comum em qualquer grupo recém-ingressado em uma administração. Foi o líder desse grupo de trabalho que idealizou todas as transformações, que imaginou as iniciativas, ou que apoiou as sugestões dadas pelo grupo. É natural que essas pessoas se revoltem ao ver o seu líder injustiçado e retirado da posição. Elas sentem que não faz mais sentido estarem ali. Mas isso nada tem a ver com o sindicato, que não se reuniu com esses superintendes. Nós não nos envolvemos com questões administrativas.

IHU On-Line – Considerando que hoje vivemos no Brasil uma crise do movimento sindical, que novidade aparece na ação do Unafisco relativamente a esse episódio, lembrando o apoio das delegacias sindicais do Unafisco de todo o Brasil?

Lúcio Esteves – A Delegacia Sindical de Brasília foi a primeira a manifestar-se sobre o acontecido, inclusive antes mesmo do Unafisco Nacional. Nós mandamos um comunicado internamente, abordando essa demissão da Lina. Houve um processo antidemocrático e meio estalinista até, o que é conhecido na política brasileira como "fritura" de determinada pessoa que ocupa um cargo. Esse é um método desprezível e inaceitável em uma sociedade democrática. O ministro tem todo o direito de escolher quem ele quiser para dirigir um órgão da esfera do ministério dele, mas essa liberdade de escolha está subordinada ao interesse público. Não há nenhuma razão para se denegrir a imagem de um servidor público da maior respeitabilidade só porque o ministro quer substituir essa pessoa. Esse processo deve ser combatido pela sociedade brasileira em qualquer nível.

Nesse processo de "fritura", a imprensa noticiou vários motivos para a substituição de Lina Vieira. Um deles é a queda na arrecadação. E esse é um motivo absurdo, porque a queda só se deu pela redução da demanda, devido à crise global e em virtude das exonerações do governo para recuperar a economia brasileira. A segunda razão mencionada é que ela teria autorizado uma fiscalização na Petrobrás em virtude de um procedimento da empresa que seria incompatível com as normas tributárias. As regras servem para todas as empresas, sejam elas públicas, colonialistas ou privadas. E a Receita Federal é uma instituição de estado, não de governo. Ela não tem que olhar para o proprietário da empresa, mas para a sua contabilidade. Ela não obedece a direções de governos, embora contribua com políticas públicas que sejam do interesse da sociedade. Nós

flash.indd 45 3/8/2009 17:17:42

"As organizações não governamentais têm crescido muito e ocupado um espaço político enorme na crítica, no pensamento e nas reivindicações com relação às organizações governamentais"

entendíamos que Lina Vieira e sua equipe estavam fazendo um bom trabalho no órgão, por isso esse problema nos revoltou.

IHU On-Line - Mas voltando à atuação sindical, o Unafisco pode ser apontado como um modelo nesse sentido, em função da força que tem demonstrado?

Lúcio Esteves – Se o Unafisco é um modelo de sindicato eu não posso responder, porque não acredito que esteja sendo criado um modelo aqui. Imagino que qualquer sindicato agiria da mesma forma. O interessante nesse processo é que não foi um movimento orquestrado, mas independente, de cada setor dos sindicatos. Sabemos que mundialmente, com a crise, a atuação sindical está adormecida. Antigamente, uma situação dessas seguramente teria mobilizado os sindicatos de todas as categorias de trabalhadores. Percebemos agora que as organizações não governamentais têm crescido muito e ocupado um espaço político enorme na crítica, no pensamento e nas reivindicações com relação às organizações governamentais. Não vejo que há sindicatos participando desse processo. Vemos que a crise econômica tem massacrado os sindicatos de tal forma que eles têm encontrado grande dificuldade de reação, porque o poder de barganha está se reduzindo muito com o aumento do desemprego e a redução do salário. Aqui no Unafisco, passamos por um processo de discussão sobre a melhor forma de fazer as reivindicações, se é de maneira negociada ou de confronto, como é tradicional.

IHU On-Line - Procede a informação de que Lina Vieira era próxima dos sindicalistas e tinha até uma postura "antiempresa"?

Lúcio Esteves – Não posso responder por ela, nem a conheço o suficiente para isso. Ela era muito próxima do sindicato, mas isso não quer dizer nada, pois o sindicato não é contra a empresa. Temos várias correntes aqui e não há uma unidade de pensamento ideológico no nosso sindicato. Pelo contrário, ele é muito diversificado. E é por isso que ele tem crescido, se fortalecido e é muito representativo, talvez o mais representativo dos sindicatos nacionais.

IHU On-Line - Qual a expectativa do Unafisco em relação à pessoa que ocupará o cargo de Lina Vieira?

Lúcio Esteves – Nós não temos nada a ver com isso. Sentimentalmente, nós não pensamos em nenhuma pessoa específica. O que deve ser pensado nesse momento é em filosofias de trabalho, políticas amplas e projetos. Não há nada que não possa ser corrigido. Se, por um acaso, o planejamento não resulta como se esperava, fazem-se as correções de rumo. O importante é saber aonde se quer chegar e, se o caminho estiver desviando-se de seus objetivos, é preciso abrir outro e retornar para o rumo. O conjunto de pessoas que está hoje na Receita Federal, com a direção interina, está no caminho trilhado por Lina Vieira, e isso é importante para nós. Nós não vetamos ninguém, pois não são as pessoas que trazem benefícios para a instituição, mas as ideias.

LEIA MAIS...

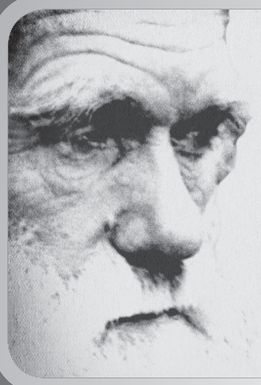
>> Sobre o tema da demissão de Lina Vieira da Receita Federal, leia a entrevista com Guilherme Delgado, publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do **IHU**, em 25-07-2009, sob o título *Anistia fiscal permanente: um ato de corrupção*, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=24199

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU. INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

flash.indd 46 3/8/2009 17:17:42

ESCALA

EM SETEMBRO, O INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU - TRAZ DOIS GRANDES SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.



ECOS DE DARWIN
9 A 12/9

NARRAR DEUS NUMA SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA
14 A 17/9

Informações e inscrições: www.unisinos.br/ihu

JESUÍTAS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS
Pra **saber**, tem que **viver**.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 26-07-2009 a 01-08-2009.

Estão empurrando para a Amazônia os problemas do resto do Brasil.
Entrevista com Pedro Ribeiro de Oliveira
Confira nas Notícias do dia de 26-07-2009
O sociólogo analisa, nesta entrevista, os debates em torno da relação entre fé e política que ocorreram durante o 12º Encontro Intereclesial das CEBs.

Os indígenas não são mais atores coadjuvantes.
Entrevista com Gersem Baniwa
Confira nas Notícias do dia de 27-07-2009
O indígena e antropólogo contou sobre a emergência da atuação dos movimentos indígenas na América Latina, analisou a atual situação dos índios no Peru e a principal missão de um líder indígena latino-americano hoje.

O retrato de um Brasil muito diferente.
Entrevista com José Oscar Beozzo
Confira nas Notícias do dia de 28-07-2009
Para Beozzo, ao longo da história das Comunidades Eclesiais de Base, é afirmado que elas "assumem o compromisso na construção de uma nova sociedade; um compromisso político ao lado do eclesial. Isso faz o rosto das CEBs". Nesta entrevista, ele também analisou o 12º Encontro Intereclesial das CEBs, que ocorreu em Rondônia na última semana.

Smartphones e mobilidade: o que os celulares nos permitem, hoje?
Entrevista com Tiago Lopes
Confira nas Notícias do dia de 30-07-2009
"A instantaneidade com que as pessoas podem ser encontradas faz parte de um movimento social mais abrangente, que transcende a popularização dos aparelhos celulares", comenta o professor de comunicação digital na entrevista que concedeu sobre como a mobilidade está mudando a forma como atuamos no mundo de hoje.

O pampa alterado.
Entrevista com Marcelo Dutra da Silva
Confira nas Notícias do dia de 31-07-2009
O ecologista conversou com a **IHU On-Line** sobre a atual situação do bioma do pampa gaúcho e trouxe um novo olhar sobre a questão. Ele, inclusive, já teve suas pesquisas financiadas por empreendedores florestais, mas hoje está do outro lado, pois vê que esse apoio pode ser prejudicial ao resultado dos estudos.

"A transparência acabou se tornando uma palavra maldita para a governadora".
Entrevista com Marco Weissheimer
Confira nas Notícias do dia de 01-08-2009
Para o jornalista, a transparência é realmente o grande problema que Yeda Crusius vem enfrentando diante da quantidade e da gravidade das denúncias a respeito de seu governo. No entanto, "a solução parece ser incompatível com o chamado 'novo jeito de governar'".

Leia as Notícias
do Dia em
www.ihu.unisinos.br

flash.indd 48 3/8/2009 17:17:43

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**

C.

IHU em Revista

flash.indd 49 3/8/2009 17:17:45

IHU Repórter

Felipe Ruiz Coelho

Por Graziela Wolfart, Greyce Vargas e Patricia Fachin | Fotos Arquivo Pessoal

Nesta edição que antecede o dia dos pais, a **IHU On-Line** conversou com o motorista da Unisinos Felipe Ruiz Coelho, 31 anos, que há quatro trabalha na universidade. Ele, sem dúvidas, tem muito para comemorar nesta data, ao lado da filha Luiza, que nasceu com problemas de saúde. Diante de tantos desafios nos últimos meses, com um sorriso no rosto e muita esperança, ele garante que essa lição lhe "deu mais amor à vida e vontade de viver e aproveitar cada dia que passa". Sobre o dia dos pais, comemorado ao lado de seu presente mais precioso, Luiza, ele planeja: "Vai ser maravilhoso. Minha filha estando bem e em casa não tem presente melhor". Confira esta trajetória de vida na entrevista a seguir.

Histórico – Eu nasci em São Leopoldo mesmo. Perdi meus pais cedo. Quando minha mãe morreu, eu tinha 11 anos. E meu pai veio a falecer quando eu tinha 20 anos. Eu sempre quis ser motorista de caminhão, meu pai foi contra, mas mesmo assim eu tirei minha carteira de motorista e fui ser caminhoneiro. Viajei por sete anos e, quando abriu a vaga aqui na Unisinos, eu vim para cá e parei de viajar. Continuei como motorista. Não tinha ninguém na família que era caminhoneiro, mas tinha um vizinho meu que era motorista de caminhão. Ele chegava de viagem, e eu ficava admirando o caminhão. Eu sempre fui bem de vida, mas eu tinha que ser motorista de caminhão. No colégio, eu sempre desenhava caminhões. Hoje, já não gosto tanto de caminhão, mas quando era pequeno gostava muito. Hoje, moro no bairro São João Batista, em São Leopoldo.

A vida de caminhoneiro – Ser motorista de caminhão hoje é um trabalho muito desgastante e tem um dia a dia muito sofrido. Tudo cresceu, a tecnologia evoluiu, mas a profissão de motorista de caminhão ficou meio defasada. Não se dá mais valor ao motorista em si, à pessoa. Se hoje uma empresa pega cem currículos, não se importa com quem são essas pessoas, não querem saber sua trajetória, quem foi ou quem é. Se querem cem motoristas, vão pegar aqueles cem currículos e deu. Nisso entram os maus exemplos que vemos naqueles acidentes, nas tragédias. Isso desvaloriza a classe, vai desgastando nossa imagem. Se o motorista chega a um posto e não abastece ali, não pode dormir no seu pátio. O motorista de caminhão também não tem muito acesso a banheiros limpos. As empresas estipulam horários absurdos para cumprir, não importa se ele dorme ou não. Elas só querem saber que ele tem de carregar e descarregar tal dia. E se ele não for, tem um monte de gente que vai no seu lugar. Então, eu não ficava em casa, não tinha Natal, não tinha final de ano, não tinha aniversário, feriado, não tinha noite, não tinha dia...

O início – Aos 18 anos tirei minha carteira e no outro mês peguei uma carreta e fui para o Rio Grande do Norte. Em São Leopoldo, eu fui o primeiro a tirar uma carteira "E" com 18 anos. Eu cheguei ao Detran e falei que queria tirar essa carteira e riram. Minha carteira tinha uma restrição de que eu não podia dirigir ônibus, nem carga perigosa. Eu já fiquei preso com as cargas, os policiais me atacavam e diziam que eu não podia dirigir. Depois me liberavam. E foi assim. Trabalhei quatro anos numa transportadora de Canoas. Sai e consegui um emprego com um amigo, dono de uma empresa particular. Trabalhei lá até haver vaga na Unisinos.

Mudança – Quando comecei a trabalhar na Unisinos, consegui parar de viajar. Mudou completamente a minha vida, minha rotina, que era fora daqui. Eu viajava pelo Brasil inteiro. No primeiro final de semana livre, eu não sabia o que fazer em casa, porque nunca tive esse tempo sobrando. Tive que me reestruturar totalmente, até financeiramente. Foi preciso fazer tudo de novo, com uma nova jornada. Estou na Unisinos há quatro anos. Trabalhei três anos na Dalkia. Quando a Unisinos terceirizou o setor, eu entrei e trabalhei com o caminhão, fazendo todo o transporte interno. Estou dentro do câmpus há sete anos, mas sou funcionário da Unisinos há quatro. Aqui temos uma escala de serviço. Todos os dias, antes de ir embora, recebemos a escala do outro dia. É sempre bem corrido, mas não sofremos pressão da universidade. Recebemos a orientação de andar dentro das leis de trânsito. Mesmo que atrase um serviço, não importa qual a razão, não temos que fazer loucura no trânsito, temos de manter o padrão da universidade. Às vezes, somos os primeiros da instituição a receber uma pessoa, então temos que transportá-la tranquilamente, sem assustar. Temos de tratar todo mundo bem.

Família – Tenho um irmão mais velho. A perda da minha mãe foi numa época em que toda criança precisa da mãe. Eu tinha 11 anos. Tive que aprender a viver sozinho. Morei com uma tia

flash.indd 50 3/8/2009 17:17:45

>> Felipe com a filha e a esposa

por um tempo, depois voltei a morar com meu pai. Tive que seguir, mas foi difícil para mim, que era uma criança. Quando perdi meu pai, já estava viajando como caminhoneiro. Foi uma perda grande também. Como perdi minha mãe cedo, tive que ir aprendendo a lidar com essa dor, com as perdas. Meu irmão mora em Rio Grande e nos vemos pouco. Quando minha filha estava no hospital, nós nos vimos, mas geralmente nos vemos uma vez por ano, no fim do ano.

Ser pai – Sou casado e tenho uma filha de seis meses. Eu sempre quis ser pai, pois gosto de criança. Minha filha foi um caso especial e à parte. Ela nasceu e logo apareceram problemas. Ela tinha má formação cardíaca e no esôfago. Ficou cinco meses no hospital, passou por duas cirurgias de correção. Foi uma coisa não esperada, nunca pensamos que isso aconteceria com a gente. Ela, hoje, está bem, já saiu do hospital, está fazendo tratamento ainda, mas está melhor. Os problemas já foram resolvidos, o problema cardíaco foi corrigido e foi feita a desobstrução do esôfago. Ela não está 100%, mas é uma criança normal.

Os últimos seis meses – Nós passamos dentro de um hospital os primeiros seis meses dela. Não é fácil presenciar isso. Às vezes, as pessoas nem imaginam o que é estar dentro de um hospital, só ouvem as notícias, mas não sabem o que é viver dentro de um lugar assim. Largar um filho de três meses num bloco cirúrgico, com riscos de ele não voltar, não é fácil. Convivemos, desde que minha filha nasceu, com pais que foram embora sem os filhos. E nós ficávamos. Algumas vezes, vinha alguma notícia dizendo que o filho daquele casal não tinha resistido. É uma história que ninguém gostaria de passar, mas graças a Deus nunca tivemos uma notícia que não nos agradasse.

Aprendizados – Temos que fazer as coisas com carinho. Eu não esperava que isso fosse acontecer comigo (doença da filha), pois tenho muitos amigos, não sou uma pessoa ruim. A gente sempre pensa que só acontece com os outros e, quando algo assim acontece, aprendemos a dar valor à vida. Durante muitos finais de semana, ficávamos na janela do hospital, vendo o dia bonito e pensávamos que tínhamos que dar valor à nossa vida. Às vezes, as pessoas estão em casa, têm os filhos saudáveis e ficam esbravejando com eles ou ficam maltratando e não sabem o valor que tem poder pegar seu filho e ir para casa. Muitas pessoas não sabem o que é isso. Nossa filha veio para casa, mas demorou um pouco. Essa lição nos deu mais amor à vida e vontade de viver e aproveitar cada dia que passa.

Dia dos pais – Vai ser maravilhoso esse dia dos pais. Minha filha estando bem e em casa não tem presente melhor e maior. É uma satisfação estar com ela em casa.

Casamento – Vai fazer oito anos que sou casado. A filhota veio só agora, então atualmente, o que a gente mais gosta de fazer é ficar em roda dela. Ela foi uma criança bem desejada por nós. Então, a nossa vida é ela.

Lazer – Eu gosto de andar a cavalo e laçar cavalo em rodeios. Meu cavalo fica numa chácara em São Leopoldo, mas não vou lá com frequência, porque estou ocupado com o nenê. Ela faz muitos exames, tem que ir ao médico, à fisioterapia. Eu não tenho tanto tempo, mas sempre que posso, eu vou lá, no sítio.

Adorador de cavalos – Eu não sei quando aprendi a gostar de cavalos. Agora, há pouco tempo, aprendi o significado do meu nome e me surpreendi. Felipe significa adorador de cavalos. Eu nunca dei bola para essas coisas, mas descobri que para mim deu certo. Desde pequeno o meu animal de estimação preferido é o cavalo. O meu se chama Outono das Três Estâncias.

Religião – Eu acredito em Deus, tenho muita fé n'Ele, mas não sigo uma religião.

Certo e errado – Hoje está difícil de criar um filho, mas a gente tem de mostrar-lhe o que é certo e errado. É melhor poder andar com a cabeça erguida do que andar se escondendo dos outros. As pessoas têm de ser honestas e boas para os demais.

Unisinos – Para mim, é uma ótima empresa. Ela me apoiou na fase que estou passando. Quando eu precisei faltar para ir ao hospital, a universidade foi bem acessível e humana.

Sonho – Meu sonho é ter bastante saúde para poder criar minha filha. Aliás, que minha família toda sempre tenha muita saúde. Tenho sonhos materiais, como ter um carro bom e ser bem sucedido, mas eles não têm muita importância.

Política – Acho que a atual política é uma vergonha, infelizmente. É uma pena que o Brasil, um país tão rico, sofra tanto. Ele sobrevive, apesar de tanta roubalheira. É tão rico que consegue se manter, mas é vergonhoso.

Música – Eu escuto música gaúcha. Já tive hábito de ir a CTG, mas hoje não vou.

IHU – É um lugar que mostra as coisas humanas para as pessoas. Ele abre seus horizontes e faz um trabalho que abre caminhos.

UNISINOS
INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

flash.indd 51 3/8/2009 17:17:47

Destaques

Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica

A Unisinos, sob a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em parceria com a PUC-Rio, realizará de 14 a 17-09-2009, o **X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades.** Confira alguns destaques da programação:

14 de setembro - segunda-feira

9h - Exibição do filme *O grande silêncio*, com a presença, na parte da tarde, do diretor **Philip Gröning**

14h às 16h – Oficinas

17h30 – A narrativa de Deus, hoje. Possibilidades e limites - Prof. Dr. **Jean-Louis Schlegel** - *Revue Esprit* - França

15 de setembro - terça-feira

9h às 10h - Deus, algo a ver ainda hoje? Reflexões teológicas de um cosmólogo - Prof. Dr. **William Stoeger** - Observatório Astronômico do Vaticano - University of Arizona - EUA

10h45 às 12h - Uma narrativa de Deus a partir da cosmologia contemporânea - Prof. Dr. **François Euvé** - Facultés Jésuits Paris - Centre Sèvres - Paris

14h30 às 16h30 - Conferências simultâneas

20h às 21h15 - Razão e fé em tempos de pós-modernidade - Prof. Dr. **Franklin Leopoldo e Silva** - USP

16 de setembro - quarta-feira

8h45 às 10h - Cristianismo como estilo e a narrativa de Deus numa sociedade pós-metafísica - Prof. Dr. **Christoph Theobald** - Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris - Paris

10h45 às 12h - O silêncio de Deus e o Deus do silêncio - Prof. Dr. **Alexander Navas** - University of Arizona - EUA

14h30 às 17h - Minicursos simultâneos

20h às 21h15min – Narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia feminista – Profa. Dra. **Mary Hunt** – Women's Alliance for Theology, Ethics and Ritual – WATER – EUA

17 de setembro - quinta-feira

8h45 às 10h – Narrar Deus: meu percurso teológico em diálogo com a literatura – Prof. Dr. **Karl-Joseph Kuschel** – Stiftung Weltethos/ Fundação Ética Mundial – Alemanha

10h45 às 12h - A narrativa de Deus a partir do Diálogo Inter-Religioso – Prof. Dr. **Felix Wilfred** – University of Madras – Índia

Mais informações e a programação completa estão em **www.ihu.unisinos.br** Acesse e confira.

Apoio:

SICREDI CARTÕES

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS